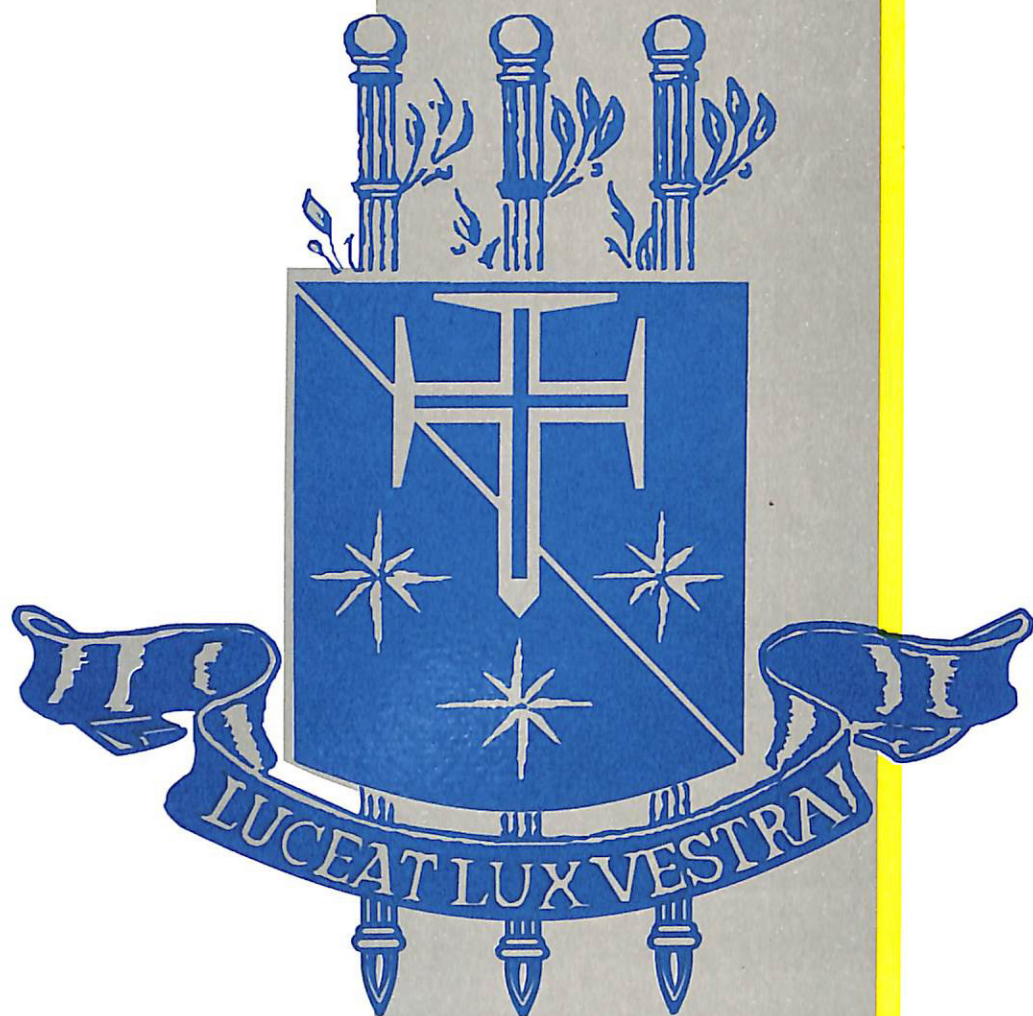




REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

EDITOR

JAIR DE OLIVEIRA SANTOS
Professor da Faculdade de Medicina
da Universidade Federal da Bahia

CONSELHO EDITORIAL

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA
Professor da Faculdade de Educação
da Universidade Federal da Bahia

JORGE CALMON
Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia

LEDA JESUÍNO DOS SANTOS
Professora da Faculdade de Educação
da Universidade Federal da Bahia

Esta revista foi digitada, diagramada e
editorada no
COLÉGIO ÁGUIA,
por cortesia.

Correspondência:
Diretor da Revista da Academia
Baiana de Educação
Rua Mal. Andréa, 226, Pituba
Salvador
Bahia, Brasil
CEP : 41.820-090

CAPA: MANOELITO DAMASCENO
Professor da Faculdade de Educação da UFBa.

REVISTA
DA
ACADEMIA
BAIANA
DE
EDUCAÇÃO

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

A Academia Baiana de Educação é uma sociedade civil, com personalidade jurídica, de duração limitada, fundada em 9 de setembro de 1982.

DIRETORIA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO (1996-1998)

Presidente	: Jair de Oliveira Santos
1º Vice-presidente	: Maria Augusta Abdon
2º Vice-presidente	: Lêda Jesuíno dos Santos
Secretário geral	: João Eurico Matta
Secretário executivo	: José Newton Alves de Souza
Tesoureiro	: Enock Souza
Diretor da Biblioteca	: José Francisco Sá Teles
Diretor da Revista	: Edivaldo Machado Boaventura
Diretor do Museu Pedagógico	: Germano Tabacof
Diretor do Arquivo	: Germano Machado

Revista da Academia Baiana de Educação - Volume 1, número 6, setembro de 1998.

Bahia, AEB, 1998

V.21 x 28 cm (anual)

1. Educação — Periódicos

I. Academia Baiana de Educação
CDD 370.05
CDD 370.05

SUMÁRIO

EDITORIAL -----	05
Educação Geral	
EDUCAÇÃO EMOCIONAL ----- <i>Jair de Oliveira Santos</i>	06
UMA UNIVERSIDADE TRILINGÜE ----- <i>Edivaldo Boaventura</i>	15
EDUCAÇÃO EMOCIONAL ----- <i>Leda Jesuino</i>	18
APRESENTAÇÃO DO LIVRO <i>EDUCAÇÃO EMOCIONAL</i> DE JAIR SANTOS ----- <i>Leda Jesuino</i>	20
HISTÓRICO DAS CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA ----- <i>Orlando José Hage de Santana</i>	22
PROJETO PEDAGÓGICO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO ----- <i>Maria Augusta Cruz Abdon</i>	29
História da Educação	
COMENIUS PRESENTE ----- <i>Bohumila Araújo</i>	35
ISAIAS ALVES ----- <i>Leda Jesuino</i>	38
Discursos Acadêmicos	
SAUDAÇÃO AO PROF. JOSÉ SIMÕES E SILVA JÚNIOR EM SUA POSSE NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO ----- <i>Jair de Oliveira Santos</i>	43
DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA Nº 1 DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO ----- <i>José Simões e Silva Júnior</i>	47
Informações da Academia	
RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO NO BIÊNIO 1996-1998 ----- <i>Jair de Oliveira Santos</i>	49
ESTATUTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO -----	52
REGIMENTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO -----	54
PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO E ACADÊMICOS TITULARES -----	59
ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS TITULARES -----	60

As matérias contidas nesta publicação são da responsabilidade exclusiva dos seus autores.

Rev. Acad. Bai. Educ.	Bahia	V.1	n. 6	p. 1-64	Setembro 98
-----------------------	-------	-----	------	---------	-------------

FÓRUM DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Jair de Oliveira Santos*

A Academia Baiana de Educação, em parceria com o Colégio Águia, realizou de forma pioneira, no dia 29 de outubro de 1997, um Fórum de Educação Emocional.

O objetivo do fórum foi reunir educadores, psicólogos e intelectuais para analisar e discutir as bases da educação das emoções, face à necessidade de dar-se relevância no processo educacional à dimensão afetiva da personalidade do educando. Esta esfera da personalidade humana tem sido relegada a um segundo plano no modelo educacional cognitivo racional vigente, que se dirige apenas para a dimensão cognitivo racional do educando.

Com a presença de centenas de participantes, acadêmicos, membros do Conselho Estadual de Educação, representantes da Secretaria Estadual de Educação, professores universitários, diretores de colégios, professores do ensino fundamental e médio, psicólogos e educadores, o fórum teve início com a conferência da psicóloga Angelina de Athayde, que discorreu sobre as bases da dimensão afetiva da personalidade humana.

Enfatizou a emoção como uma reação do organismo, a nível mental, orgânico e comportamental, e como uma característica evolutiva dos animais, encontrada desde os répteis, mamíferos inferiores e superiores, até o *homo sapiens*. Mostrou sua importância na preservação e perpetuação das espécies e enfocou as emoções básicas do homem: raiva, medo, tristeza, alegria e afeto, fazendo um estudo da influência delas no comportamento do educando. Realçou a importância do educando ter conhecimento desta participação para conseguir um convívio harmônico na escola, no lar e na comunidade.

Seguiu-se conferência da acadêmica Leda Jesuino, publicada neste número da Revista, na qual abordou os aspectos filosóficos da educação emocional, enfatizando a necessidade de sua implantação pela sua importância na dimensão axiológica do educando.

Seguiu-se conferência do presidente da Academia, acadêmico Jair de Oliveira Santos, que advogou a necessidade da busca de novos paradigmas educacionais, face ao esgotamento do paradigma Cognitivo Racional, enquanto parâmetro exclusivo. Defendeu com veemência a implantação do Paradigma Emocional, proposto por Peter Salovey, mostrando seus fundamentos psicológicos, e analisou também o Paradigma das Múltiplas Inteligências, proposto por Howard Gardner.

Considerou o conferencista estratégia pedagógica indispensável na educação neste final de século e no século XXI, a identificação e controle das emoções, face aos sintomas evidentes da ruptura do tecido social, decorrentes da incompetência emocional e social do homem que vive na sociedade competitiva globalizada, sujeito a pressões constantes e permanentes que o tornam facilmente vulnerável ao estresse resultante da competição desenfreada.

No decorrer dos trabalhos houve o concorrido lançamento do livro "Educação Emocional – aspectos históricos, fundamentos e resultados", da autoria do Prof. Jair de Oliveira Santos, no qual ele expõe os princípios da educação emocional e argumenta sobre a necessidade de sua implantação na escola. A apresentação do livro foi feita pela Prof. Leda Jesuino, e está publicada na íntegra neste número da Revista, assim como as idéias fundamentais do livro "Educação Emocional".

* Professor da Faculdade de Medicina da UFBA e Presidente da Academia Baiana de Educação

A EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Jair de Oliveira Santos*

A educação voltada para os sentimentos e emoções não tem sido devidamente abordada na escola, e acreditamos que sobre ela devem ser desenvolvidos estudos, reflexões, pesquisas e experimentos, visando estabelecer uma metodologia adequada para sua implantação e implementação.

Em todos os cantos do mundo as estatísticas mostram o aumento da violência, da intolerância, do medo, da depressão e do suicídio entre os jovens. Por outro lado, a violência e a intolerância dos adultos também é crescente, registrando-se um número cada vez maior de separações e divórcios entre os casais. Estes são sintomas evidentes de erosão e ruptura do tecido social decorrentes da incompetência emocional e social do homem, da sua incapacidade de convívio harmônico na sociedade.

Acreditamos que a educação com objetivos exclusivamente cognitivos tem se mostrado insatisfatória pois, apesar de tantos avanços tecnológicos, da televisão, computadores, e multimídia utilizados no processo educacional, as novas gerações têm mostrado crescente falta de competência emocional e social. O elevado índice de delinquência juvenil, em todas as classes sociais, nas mais abastadas e nas menos favorecidas economicamente, somado aos fatores acima mencionados, são uma demonstração inquestionável da falência dos paradigmas educacionais vigentes e da necessidade de uma reflexão mais profunda sobre eles.

Cabe aos educadores conscientes de suas responsabilidades, buscar alternativas de soluções para esta grande crise, as quais devem passar pela inclusão de novos paradigmas no processo educacional.

Defendemos que deve ser dada à emoção e aos sentimentos, a mesma atenção dada à educação cognitiva. Podemos inferir de experiências educacionais efetuadas, que através da educação das emoções poderemos modificar este quadro dramático.

A apesar de todo o progresso material e cognitivo do homem do final do século XX, são evidentes os sinais de sua infelicidade, medida pelo número crescente de pessoas que apresentam perturbações de natureza mental, de neuróticos e psicóticos que procuram nos tranquilizantes, no álcool e nas drogas solução para seus

problemas existenciais.

A questão da educação emocional se torna mais relevante neste final de século, cerca de trezentos anos após o surgimento do Iluminismo, que acreditou ser a Razão o farol que iluminaria o Homem na busca da felicidade. Entretanto hoje vemos que, malgrado todo o desenvolvimento intelectual humano, apesar de todas as conquistas tecnológicas, de ter sido dominada a Natureza em muitos aspectos, de ter sido criada outra realidade, a realidade virtual, apesar de tudo isto, é cada vez maior a taxa de pessoas infelizes, neuróticas, frustradas, ansiosas, deprimidas ou mesmo portadoras de psicoses.

Pesquisas recentes nos Estados Unidos mostram que 48% dos americanos tiveram pelo menos uma vez em suas vidas problemas psiquiátricos. Pesquisa da Universidade de Harvard mostra que muitos de seus ex-alunos, dotados de altos QI (quociente de inteligência) e de grandes competências intelectuais, não tiveram o sucesso esperado nas suas vidas, por apresentarem problemas de relacionamento, resultantes de baixa competência emocional.

Acreditamos serem estes indicadores mais do que suficientes para que se olhe de frente a questão da Educação Emocional, cuja meta deve ser o desenvolvimento da Competência Emocional ou Inteligência Emocional, entendida como a capacidade de uma pessoa administrar suas emoções de forma adequada, e de reconhecer e interagir harmonicamente com as emoções do outro.

A educação emocional implica em desenvolver no educando o autoconhecimento, a autoconsciência, a nível psicológico e somático. Em desenvolver a capacidade de identificar e reconhecer suas emoções e sentimentos, avaliando suas intensidades, e as expressões corporais correspondentes, no momento em que ocorrem. A controlar suas expressões emocionais, a aprender a monitorar seus impulsos e a adiar suas satisfações. Faz parte da educação emocional o desenvolvimento da empatia, capacidade de reconhecer corretamente as emoções do outro e de compreender seus sentimentos e perspectivas, respeitando as diferenças com que as pessoas encaram as coisas, permitindo convívio harmônico com o outro.

A atenção primordial da educação emocional deve dirigir-se para emoções e sentimentos que mais interferem no comportamento social do indivíduo, tais como raiva, tristeza e medo, e suas assemelhadas: fúria, res-

* Professor da Faculdade de Medicina da UFBA e Presidente da Academia Baiana de Educação

sentimento, máguia, revolta, desânimo, desalento, desesperança, depressão, ansiedade e preocupação. Deve dirigir-se também para emoções outras, tais como, prazer, amor, surpresa, nojo e vergonha.

ASPECTOS HISTÓRICOS

Sempre existiram esforços para a realização da educação emocional ao longo da história da humanidade. Buda no sermão de *Benares*, conhecido como "*O Giro da Roda da Lei*", considerou a emoção, o sofrimento, como causa fundamental dos problemas humanos, resultantes do desejo. No sermão pronunciado para os monges, na cidade de Kammassadamma, na Índia, postulou a necessidade da contemplação do corpo, dos sentimentos e da mente. A Contemplação dos Sentimentos visa a consciência de que eles existem, estão vivos dentro de nós: prazer e dor, agradável e desagradável, tristeza e alegria, amor e ódio, raiva, medo, máguia, paz, etc.. Devem ser observados, no aparecer e desaparecer, na origem e desintegração. Deve-se reconhecer que um dos princípios da Educação Emocional moderna é exatamente a identificação das emoções, para que possam ser posteriormente reconhecidas e controladas.

Encontramos também a educação das emoções nos essênios, uma das seitas principais dos judeus no século I. Eles renunciaram ao prazer, identificando-o com o vício, exercitando-se na temperança e no auto-controle, punindo a quem extravasasse a raiva.

Também nos vedas encontramos referências às emoções. Swami Sivananda, em sua obra *Raja Yoga*, refere que na filosofia vedântica são consideradas três *Gunas*. *Sattwa* relaciona-se com sabedoria, inteligência, bondade e luz e, quando domina, é responsável pela calma e serenidade do homem. *Rajas*, relacionada com a paixão, ambição, vontade, inquietude, ansiedade, dinamismo, e, quando domina determina a agitação e a excitação. *Tamas*, relaciona-se com a ignorância, lassidão, apatia, preguiça, maldade e quando domina é responsável pela estupidez e insensatez humanas.

EXPERIÊNCIAS SOBRE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Experiências sobre educação emocional com crianças e adolescentes foram desenvolvidas nos Estados Unidos a partir da década de 90, e Goleman em *Inteligência Emocional*, refere os componentes do denominado "*Currículo da Ciência do Eu*", que considera ser o modelo para o ensino de inteligência emocional. Entre os tópicos ensinados, está a autoconsciência que tem por objetivo reconhecer os sentimentos e estabelecer um vocabulário para expressá-los, procurando estabelecer relações entre pensamentos, sentimentos e reações a eles. Procura identificar quando são os pensamentos ou os sentimentos que governam determinada decisão; analisar as opções de alternativas para uma decisão e aplicar estes conhecimentos no uso de drogas, fumo e

sexo; reconhecer as forças e fraquezas, de um modo realista.

É dada ênfase ao controle das emoções e a compreender o que está causando determinados sentimentos, aprendendo a lidar com eles, principalmente a ira, o medo e a tristeza. Estimula a aceitação de responsabilidades por suas decisões e a cumprir compromissos, a aprender as artes de cooperação, solução de conflitos e negociação de meios termos.

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Gottman, em *Inteligência Emocional, a Arte de Educar Nossos Filhos*⁹, 1997, estabelece com base em suas pesquisas e observações, alguns elementos básicos para a educação emocional. Postula ele cinco passos sequenciados: *Perceber a emoção na criança, reconhecer na emoção uma oportunidade de intimidade ou aprendizado com o educando e de transmissão de experiência. Escutar com empatia, legitimando os sentimentos da criança, ajudar a criança a encontrar palavras para identificar a emoção que ela está sentindo, impor limites, e, ao mesmo tempo, ajudar a criança a resolver seus problemas.*

Estabelece como princípio a necessidade do desenvolvimento da consciência emocional do educador, que deve estar consciente de seu universo emocional. Ele deve fazer um trabalho de autoconscientização de suas emoções e de reconhecimento das emoções do outro, procurando identificá-las e analisá-las no momento em que ocorrem.

Provavelmente o comportamento do homem no sentido de reprimir as emoções e de fazer pouco caso de seus sentimentos deva ser decorrente de uma questão cultural - os homens, de um modo geral, são educados para ser insensíveis e para reprimir suas emoções.

A capacidade de sentir as emoções é a mesma em todas as raças, porém a capacidade de expressá-las é condicionada culturalmente, variando de um povo para outro: os japoneses e os escandinavos são auto-repressores, enquanto os italianos e os latinos são mais autênticos em suas expressões emocionais.

A FAMÍLIA COMO FONTE DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

As pesquisas de Gottman indicam que a educação emocional deve começar no seio da família. É importante que a criança seja habituada desde cedo a expressar suas emoções e a lidar com elas, devendo para isto receber apoio e ajuda dos pais. Principalmente as emoções negativas, raiva, medo e tristeza, e suas assemelhadas, senão serão adolescentes e adultos incapazes de se relacionarem adequadamente, com dificuldades de relacionamento emocional.

Gottman⁹ traz recomendações específicas para diferentes fases do desenvolvimento da criança: para a fase do andar vacilante - de um a três anos, para a fase

da segunda infância - quatro a sete anos, para a da terceira infância - oito a doze anos, e para a adolescência.

É importante que durante os conflitos e problemas os pais tentem enxergá-los dentro das perspectivas da criança e evitem situações que as façam sentir-se impotentes, e percam por completo o controle da situação. Deve ser dada à criança a possibilidade de escolha para conduzir a situação, desde quando isto não represente ameaça à sua segurança. Por, exemplo, cita Gottman, em vez de dizer "*vista seu casaco porque estrá frio*" perguntar -lhe: "*Você quer vestir a jaqueta ou o sueter?*"

A briga entre crianças por um brinquedo e a fúria que pode advir desta briga, pode ser um bom momento para a educação emocional. Nesta oportunidade podem ser identificadas e rotuladas para a criança a frustração e a raiva decorrente dela. Aproveitar para ensinar que não se bate e não se maltrata os amiguinhos e que, em tendo ocorrido isto devem ser pedidas desculpas, com o cuidado de que não haja humilhação da criança. Deve ser feito o elogio e dado o estímulo constantemente, no sentido de que a criança perceba que se compartilha da sua vida.

Importante marco no desenvolvimento da criança na primeira infância é o interesse crescente por brincadeiras simbólicas e de faz - de - conta. Entram aí as imitações dos adultos, no telefone, no carro, na mesa, etc. e as brincadeiras de fazer a barba, varrer, cozinhar, reclamar com a boneca, beijar os brinquedos e outras.

Entre 4 e 7 anos a criança já está mais desenvolvida, fazendo novos amigos, frequentando ambientes diferentes e aprendendo novidades. É preciso que ela aprenda a inibir atitudes impróprias, a concentrar - se e a atingir objetivos externos, como aceitar regras para suas brincadeiras e a resolver seus conflitos.

É importante estimular o convívio com outras crianças para que ela possa adquirir estas habilidades, pois o relacionamento com colegas é excelente para o desenvolvimento de técnicas para regular as emoções. A amizade é um terreno fértil para o desenvolvimento emocional da criança pequena.

Nesta faixa etária é encontrada também a brincadeira de faz - de - conta, que deve ser estimulada, pois facilita o desenvolvimento emocional da criança, ajudando-a a ter acesso a sentimentos recalcados. Nas conversas com os brinquedos, a criança costuma projetar suas idéias, desejos, frustrações e medos, e a análise delas pode ser útil para a descoberta de sentimentos recalcados.

É importante identificar e rotular o medo quando ele se manifesta, analisá-lo com empatia e pensar com a criança as diferentes maneiras de lidar com as diferentes ameaças, reais ou imaginárias.

Entre 8 e 12 anos a criança tem consciência da influência social e está convivendo com muitas pessoas, ao tempo que está desenvolvendo seu lado cognitivo, aprendendo o poder da razão sobre as emoções. Começa a preocupar-se com sua imagem perante os outros e fica cheia de exigências sobre o estilo de roupas e com sua aparência perante os outros.

Faz tudo para evitar chamar a atenção dos colegas sobre si mesma e procura evitar implicâncias e humilhações. Para evitá-las, procura retirar os sentimentos de suas relações com os colegas.

Nesta idade começa a preocupar-se com o que é moral e o que é justo. Se for percebido que houve um tratamento injusto com outra criança ela deve ser conscientizada do fato, e, a não ser que tenha havido intenção declarada de agressão, devem ser evitados castigos muito severos.

Deve ser permitida a livre expressão das emoções na criança, devendo ser dada a devida atenção à mesma, procurando-se identificar e compreender seus sentimentos. O respeito mútuo deve ser mantido em qualquer situação, principalmente quando houver atritos envolvendo comportamentos emocionais. Em tais oportunidades o pai ou mãe deve controlar-se emocionalmente, não devendo utilizar escárnio, desprezo, ironia ou comentários que desmereçam a criança.

Jamais se deve bater nas crianças ou insultá-las, pois tais comportamentos seguramente gerarão sequelas psicológicas de consequências imprevisíveis no futuro, com traumas que marcarão suas vidas. Por outro lado isto seguramente dificultará um bom relacionamento entre o agressor e a criança, que dirigirá para ele sentimentos de revolta, mágoa e rancor, ficando mais agressivas a longo prazo. Pesquisas mostram que quando são colocadas normas que a criança é capaz de compreender, ela se comporta melhor, principalmente quando consegue regular suas emoções negativas, raiva, medo e tristeza.

Há um consenso entre os psicólogos de que a agressão física às crianças e adolescentes só funciona a curto prazo, e unicamente graças ao medo que gera. A longo prazo a criança se sente impotente e injustiçada, furiosa com o agressor. Por outro lado, bater tem um efeito pedagógico negativo pois ensina à criança e ao adolescente que a violência, a agressão, é a forma preferencial que deve ser utilizada para resolver problemas, em lugar do diálogo e da compreensão. O educando introjetará tal comportamento e o utilizará futuramente para resolver seus problemas, levando-o a dificuldades de relacionamento social.

AUTO CONHECIMENTO EMOCIONAL

Algumas maneiras podem ser utilizadas para entrarmos em contato com nossas emoções, para melhor nos conhecermos, dando um passo fundamental para a auto educação emocional. Começa com a identificação das nossas emoções, e é fundamental para identificar as emoções dos outros, praticando a empatia. Dentre elas podemos citar a meditação, a oração, elaboração de um *diário de emoções*, tocar um instrumento musical, pintar ou desenhar.

MEDITAÇÃO

É assim definida por Mouni Sadu¹⁶:

“Direção ativa, constante de sua consciência para um tema escolhido, sem quaisquer desvios ou omissões, mantendo-o diante de sua mente pelo tempo necessário”.

A finalidade de todas as meditações é sempre a mesma, obter a quietude da mente através de sua concentração em determinado objeto ou tema. Variam as técnicas a depender das posições filosóficas pressupostas, no taoísmo, budismo, zenbudismo ou hinduísmo.

Durante a meditação diversas alterações físicas ocorrem. A pulsação e a respiração ficam mais lentas, diminui o consumo de oxigênio, diminui a pressão sanguínea e há um sentimento de bem-estar na pessoa. A psiconeuroimunologia mostrou que o cérebro e o sistema imunológico constituem um sistema integrado, havendo uma interação bidirecional entre eles. A meditação, o relaxamento e as imagens mentais positivas estimulam a produção de linfócitos, células sanguíneas da linhagem branca importantes para a defesa imunológica celular do organismo humano.

A EMPATIA NA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

A empatia é a capacidade de colocar-se no lugar de outro, como se fosse ele. É a capacidade de sentir o que o outro sente. Ajuda muito a compreender o comportamento criança, do adolescente e do adulto com o qual nos relacionamos, sendo de extrema valia na educação emocional.

O exercício da empatia implica na utilização da visão, da imaginação e da fala. A visão para perceber os sinais físicos da emoção do educando, a imaginação para perceber suas perspectivas em relação à situação considerada e a fala para ajudá-lo a identificar e nomear suas emoções. É importante nas estratégias de educação emocional prestar atenção aos gestos, ao tom de voz e à expressão corporal da criança e do adolescente. Entende o Autor que o processo de educação emocional funciona como um cimento para a agregação familiar, pois sua prática, tendo como pilar a empatia, implica necessariamente em uma maior atenção dos pais para com os filhos. Tal atenção, expressão de afeto paternal, gerará uma recíproca por parte dos filhos, que reforçará os laços familiares.

LIMITES DO COMPORTAMENTO DO EDUCANDO

Um dos princípios da educação emocional, para Gottman é valorizar os sentimentos e as emoções do educando, permitindo-lhe que os extravase, que os expressem livremente, sem reprimí-los. Deve entretanto ser mostrado, com clareza, os limites deste extravasamento, que são os comportamentos socialmente toleráveis. Em termos práticos, deixá-lo chorar, sem reprimí-lo, quando sentir-se frustrado. Deixar extravasar sua

raiva, sua irritação, sem permitir entretanto que pratique qualquer tipo de agressão aos outros - indicar que o limite da sua liberdade de expressão emocional é a não agressão do outro, seja física, seja verbal, através de palavras.

Conforme Haim Ginott¹⁰ deve-se ensinar à criança que todos os sentimentos e desejos são aceitáveis, mas não todos os comportamentos ligados a estes sentimentos e desejos.

É importante que a criança e o adolescente conheçam as regras de comportamento permitidas para que assim ele possa conhecer quais seus limites, para poder balizar suas condutas. A disciplina, na visão de Kant¹¹, é o respeito, a colaboração e o acatamento das normas sociais. O ideal é que o educando aprenda a respeitar voluntariamente, sem nenhuma coação, as regras de comportamento, sendo convencido a acatá-las e a cooperar com elas.

Santos²³ considera duas formas de disciplina, embora a essência delas seja a mesma, o respeito às normas: a individual, interior e a social, exterior. A individual está relacionada com o respeito às normas que a pessoa estabelece para si mesma. É a *autodisciplina*, na qual a prescrição das normas parte do indivíduo e está relacionada com a “força de vontade”, sendo um traço de personalidade comum aos homens bem sucedidos. Deve ser estimulada e cultivada na escola, pois é um fator de sucesso social. Quanto à disciplina social, externa, as normas são estabelecidas pela sociedade, e é muito importante para a formação do cidadão prestante e socialmente integrado, que se acostumará desde o início a respeitar e acatar as normas sociais.

A experiência do Autor no Colégio Águia tem dado bons resultados, com diminuição das transgressões disciplinares. Há o apoio dos professores, que solicitam à administração da escola a aplicação anual do *Compromisso de Convivência*, de cuja elaboração eles participaram.

Defende o Autor que a punição advinda da própria classe a que o aluno pertence é mais efetiva e dá melhores resultados preventivos do que a punição aplicada pela administração da escola. Esta crença é baseada no ensinamento da Dinâmica de Grupo, de que o participante de um grupo quer continuar a pertencer a ele, salvo se estiver disposto a migrar para outro. Por isto sofrerá muito mais a punição oriunda do grupo do que se ela advier de outra instância da escola.

Um dos objetivos da educação emocional deve ser que o educando adquira a competência de estabelecer suas normas de comportamento, de acordo com os valores da cultura em que vive, e se acostume a respeitá-las.

O Autor entende que a educação para a frustração é extremamente importante no processo de educação geral da criança e do adolescente, pois em suas vidas futuras, frequentemente se depararão com situações em que seus desejos e anseios serão frustrados por situações diante das quais serão completamente impotentes.

Ele deve aprender a administrar as emoções ligadas às suas frustrações, de modo a não gerar comportamentos socialmente intoleráveis e os atritos consequentes.

É evidente a **importância do exemplo na educação emocional**. Não adianta o educador emocional pregar determinado comportamento diante de determinada situação e agir de forma diferente: não adianta pregar o controle da raiva e descontrolar-se na primeira situação que o enraiveça.

A importância do significado pedagógico do exemplo é dada pelos gregos, conforme registra Werner Jaeger, na *Paidea*²². No século IX antes de Cristo, Homero, na *Iliada* e na *Odisséia* trata do significado do exemplo e considera que nada tem sua eficácia como guia de ação. Cita a exortação de Atena a Telêmaco e o exemplo de Orestes ao vingar seu pai, matando Egisto.

Píndaro, quatro séculos depois, no século IV a. C., evoca o exemplo de heróis famosos como parte constitutiva da educação e da ética aristocráticas de seus contemporâneos. Para os gregos dos séculos posteriores, os paradigmas de seus heróis e suas sagas têm grande significado como parte de suas vidas e de seus pensamentos.

Isto ocorre também com Platão no desenvolvimento de sua obra, desde os diálogos menores - *Apolo-gia de Sócrates*, *Eutífron*, etc. - até as obras mais complexas - *Fédon*, *Fedro*, *O Banquete*, culminando com *A República*: em todas elas a estrutura íntima é paradigmática, pois, as idéias para Platão nada mais são do que "paradigmas fundamentados no que é". Os Sofistas e Isócrates, nos séculos IV e V a C foram grandes adeptos da pedagogia do exemplo: fundamentavam suas metodologias didáticas em modelos, os quais deveriam ser imitados por seus alunos.

A preocupação de tomar o exemplo como paradigma pedagógico está presente no pensamento oriental, na obra de Confúcio, no "Grande Estudo"²⁵, quando se refere às qualidades e virtudes do *Príncipe Sábio*:

"Se as ordens do Príncipe estão em contradição com sua conduta, o povo não deve obedecê-las. Um Príncipe Sábio, antes de exigir uma coisa dos outros, deve praticá-la primeiro; ele próprio; antes de repreender uma falta nos outros, deve ter o cuidado de não fazer o que reprova. Um homem que não sabe regular-se e tratar aos outros com a mesma medida que usa para si mesmo, não pode instruir aos outros"

O Autor acredita que o educando só introjetará e concretizará em termos de comportamento o valor disciplina, se houver um "clima" de disciplina no meio em que ele convive: disciplina é um clima sócio-emocional, sobretudo. De nada adiantará alguém recomendar comportamento disciplinado, respeito às normas, se não praticar tal comportamento.

MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, insatisfeito com a avaliação da inteligência humana através da medida do QI, quociente intelectual,

proposto por Lewis Terman, realizou estudos experimentais para fazer uma nova classificação, tomando como parâmetros outros referenciais.

Segundo Gottman⁹ crianças que têm preparo emocional são fisicamente mais saudáveis e apresentam melhores desempenhos acadêmicos do que as que não tem. Se dão melhor com os amigos, têm menos problemas de comportamento e são menos propensas à violência. Têm menos sentimentos negativos e mais sentimentos positivos. Têm capacidade maior de se acalmarem, de sair da angústia e procuram atividades produtivas. Acredita ele que crianças capazes de sentir o amor e o apoio dos pais estão mais protegidas contra a ameaça da violência juvenil, o comportamento anti-social, o vício das drogas, a atividade sexual precoce, o suicídio na adolescência e outras doenças males sociais.

Goleman⁸ refere que a educação emocional interfere positivamente no autocontrole dos alunos na sala de aula e fora do colégio. Cita um caso de uma aluna que tinha péssimo relacionamento com a mãe, as conversas entre elas geralmente terminando em gritaria. Após o treinamento emocional na escola, segundo o relato da mãe, a garota aprendeu a acalmar-se e já podiam conversar sem brigas. O depoimento de um diretor de escola de New Haven, é de que houve redução acentuada do número de suspensões na escola após a implantação do programa de educação emocional. Segundo o mesmo autor, após avaliações objetivas, tomando como indicadores comportamentos agressivos, tais como o número de brigas no pátio da escola, os resultados sugerem uma melhoria generalizada da competência social e emocional das crianças dentro e fora da escola, bem como da sua capacidade de aprender.

Os resultados de diversos projetos implantados no período de 1990 a 1995 em diferentes cidades americanas - no Centro de Estudos do Desenvolvimento, Oakland, Califórnia, na Universidade de Whashington, na Universidade de Illinois, Chicago, na Universidade de Rutgers, New Jersey - apresentam resultados significantes⁸:

- melhora do controle dos impulsos, e mais auto - controle
- mais responsabilidade;
- melhor relacionamento social;
- mais envolvimento com os colegas;
- mais aptidões para lidar com problemas interpessoais;
- melhor comportamento;
- melhores aptidões para solução de conflitos;
- menos delinquência;
- melhor no enfrentar as ansiedades e redução de ansiedade e retraimento;
- maior sensibilidade aos sentimentos dos outros e mais compreensão dos outros;
- maior auto - estima;
- melhor aptidão para aprender a aprender e para resolver problemas;
- mais autocontrole, consciência social e tomadas de decisões dentro e fora da sala de aula;

- mais positiva ligação com a família e a escola;
- mais positiva atmosfera na sala de aula;
- redução de comunicação de tristeza e depressão.

MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, insatisfeito com a avaliação da inteligência humana através da medida do QI, quociente intelectual, realizou estudos experimentais para fazer uma nova classificação.

Inconformado com as limitações conceituais do QI, Gardner contestou-o argumentando que as pessoas não possuem somente um único tipo de inteligência, mas sim um conjunto de aptidões e habilidades, que devem ser consideradas isoladamente. Chamou-as de *Múltiplas Inteligências*, no seu livro *Frames of Mind*, em 1983, tendo descrito inicialmente sete variedades: *Inteligência Lógica ou Matemática*: habilidade para pensar, calcular e manejar o raciocínio lógico. Própria dos lógicos, matemáticos e cientistas. *Inteligência Linguística*: habilidade para falar ou escrever bem, encontrada nos grandes oradores e escritores. *Inteligência Espacial e Visual*: habilidade para pintar, desenhar e esculpir, encontrada nos grandes pintores, escultores e arquitetos. *Inteligência corpóreo - cinestésica*: habilidade para utilizar as próprias mãos ou o próprio corpo, muito desenvolvida nos grandes atores, bailarinos e atletas. *Inteligência Musical*: habilidade para compor canções, cantar e tocar instrumentos, desenvolvida nos que se dedicam à música. *Inteligência Interpessoal ou Social*: habilidade de relacionar-se com os outros de forma adequada, bem desenvolvida nos grandes comunicadores. Posteriormente desdobrou-a em quatro aptidões diferentes: liderança, aptidão para manter relações e conservar amigos, aptidão de resolver conflitos e a habilidade de fazer análise social. *Inteligência Intrapessoal ou Intuitiva*: habilidade para acessar os próprios sentimentos íntimos.

Em 1989 Gardner descreveu a inteligência interpessoal como

"a capacidade de discernir e responder adequadamente aos estados de espírito, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas".

Na inteligência intrapessoal ele incluiu *"acesso aos nossos próprios sentimentos e a capacidade de discriminá-los e usá-los para orientar o comportamento"*.

Recentemente, em 1993, Gardner fez o seguinte sumário sobre a inteligências interpessoal e a intrapessoal:

"Inteligência interpessoal é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas. Pessoas de vendas, políticos, professores, clínicos e líderes religiosos bem sucedidos provavelmente todos são indivíduos com altos graus de inteligência interpessoal. A Inteligência intrapessoal... é uma aptidão correlata, voltada para dentro. É uma capacidade de formar um

modelo preciso, verídico, de si mesmo, e poder usá-lo para agir eficazmente na vida".

Gardner implantou o *Projeto Spectrum* para operacionalizar suas idéias, na Universidade de Tufts, nos Estados Unidos, na Pré-escola Eliot-Pearson. Comparou os dados obtidos com a visão de múltiplas inteligências da criança com os obtidos pela medida tradicional do QI, tendo verificado que não havia uma relação significativa entre as contagens obtidas nas duas diferentes metodologias, para o universo considerado. Por exemplo, uma criança portadora de alto QI só tinha uma aptidão mais forte na avaliação do modelo das múltiplas inteligências. Outra, de QI elevado, só era forte em três áreas das múltiplas inteligências.

Ele considera que na vida real o que é realmente importante é um conjunto de aptidões e habilidades e não apenas um QI elevado. Em outras palavras, QI elevado não é garantia de sucesso na vida, porque pode faltar à pessoa capacidade de relacionar-se bem socialmente, o que dificulta o sucesso pessoal. Pesquisas da Harvard deixaram isto bem claro.

Gardner acredita que uma grande contribuição que a educação pode dar ao desenvolvimento de uma criança é identificar suas aptidões mais fortes e encaminhá-la para o campo em que suas habilidades são mais pronunciadas. As escolas que estão colocando em prática o modelo educacional de Gardner usam a estratégia de identificar o perfil natural das aptidões da criança, estimular os pontos mais fortes e apoiar os mais fracos.

A teoria das múltiplas inteligências influenciou a Peter Salovey, psicólogo da Universidade de Yale, na formulação do conceito de Inteligência Emocional. Para ele Inteligência Emocional implica em: conhecer as próprias emoções e lidar com elas; motivar-se, colocando as emoções a serviço de uma meta pessoal; reconhecer as emoções no outro e lidar com relacionamentos.

Uma análise comparativa das idéias de Salovey e de Gardner mostra que:

Conhecer as próprias emoções, que Gardner inclui na aptidão inteligência interpessoal, é um elemento fundamental da inteligência emocional, crucial para o discernimento emocional, a auto-compreensão e o auto-conhecimento. A incapacidade de alguém observar seus sentimentos e emoções permitirá que ela seja conduzida inconscientemente por eles, o que seguramente lhe trará problemas de relacionamento.

Lidar com as emoções, Gardner inclui na aptidão intrapessoal, sendo importante no modelo da inteligência emocional pois permitirá o controle delas, a partir da auto-consciência e da força de vontade. Inclui o adiar satisfações e reprimir a impulsividade.

A capacidade de auto-motivação também é decorrente do auto-controle emocional, sendo importante para qualquer realização pessoal.

Reconhecer emoções no outro é uma aptidão incluída na inteligência interpessoal por Gardner, e que tem papel relevante na inteligência emocional. Desenvolve-se a partir da consciência emocional, pois só po-

demostramos identificar e reconhecer um sentimento em outra pessoa se tivermos consciência clara de sua existência em nós mesmos. Para que haja empatia verdadeira é preciso comparar nosso sentimento com o sentimento do outro.

Lidar com relacionamentos é incluída no modelo das múltiplas inteligências na aptidão inteligência interpessoal. Salovey considera que este parâmetro implica em saber lidar com as emoções do outro, o que pode ser feito de forma competente ou incompetente. Tal competência emocional leva à eficiência interpessoal e à liderança social, concorrendo sobremaneira para o sucesso da pessoa.

A análise comparativa dos dois modelos mostra que o de múltiplas inteligências é mais abrangente, pois leva em conta as habilidades lógico-matemática, verbal, espacial e musical.

NOVOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS

Uma conclusão salta das considerações feitas: *devem ser buscados novos paradigmas para a educação.*

O PARADIGMA COGNITIVO RACIONAL

Baseado exclusivamente nos aspectos cognitivos e racionais do educando, está esgotado, enquanto parâmetro único.

Ao longo de sua existência ficou patente que ele foi e é de grande valia, devido ao grande avanço que proporcionou à educação e à humanidade desde sua implantação. Pode ser considerado como referência para seu início o pensamento de Hobbes, que partiu do pressuposto de que o *conhecimento é poder*, referindo-se obviamente ao aspecto cognitivo racional do saber.

Teve sequência com o experimentalismo de Bacon e com o modelo cartesiano - newtoniano de cognição e pensamento, culminando com os avanços da Teoria da Relatividade de Einstein e da Teoria dos Quanta de Max Planck, no século XX. O advento da Informática coroou a trajetória do paradigma cognitivo racional.

Tal paradigma mostrou-se de valor excepcional para o conhecimento do mundo externo ao educando, principalmente depois do advento do conhecimento científico, baseado no postulado da objetividade. Se por um lado é um critério altamente válido para a avaliação do mundo objetivo, por outro lado tem uma grande limitação, pois cerceou o estudo e o conhecimento do mundo subjetivo humano. No campo da psicologia humana, esta foi uma limitação para seu avanço, e, seguramente, foi o que provocou a derrocada do Behaviorismo.

O Behaviorismo foi uma reação ao Estruturalismo, escola do fim do século XIX, que buscava estudar a consciência e a vida interior do homem. Tinha caráter subjetivista, opondo-se aos cânones tradicionais dominantes.

Watson, em 1919 apresentou um modelo para o comportamento humano baseado no determinismo

casualista, mecanicista por excelência: sob o ponto de vista psicológico o homem funcionava na base de respostas a estímulos, e, conhecido o estímulo era possível prever a resposta. Podia-se também inferir qual o estímulo a depender da resposta. Não considerou a consciência, a motivação, as emoções e os estados mentais. Numa postura reducionista, reduzia os pensamentos, sentimentos e percepção a elementos físico-químicos, à homeostase. Não levava em conta a vontade, o comportamento intencional, nem os aspectos afetivos humanos.

Skinner, psicólogo contemporâneo, dá outra roupagem ao behaviorismo, sem entretanto deixar o objetivismo científico de lado. Evita o reducionismo de Watson e procura definir conceitos observáveis, utilizando metodologia indutiva para analisá-los: os dados observados são classificados e, a partir deles, estabelecidas as leis correspondentes. Delas parte-se para conceitos mais gerais. Continua a ser desconsiderado o mundo subjetivo humano. A unidade de comportamento é o reflexo, definido como qualquer correlação observada entre estímulo e reação. Não considera emoções, sentimentos, motivação, vontade, e o ser interior.

Ao adotar a linha behaviorista o paradigma cognitivo - racional afastou o educando de seu mundo interior, castrando o emocionalmente, impedindo seu autocohecimento e seu auto - controle. Sem dúvidas, este foi um de seus grandes equívocos.

Provavelmente é a ausência do conhecimento mais íntimo de seu ser, a responsável pelo grande número de pessoas infelizes, neuróticas, desequilibradas e frustradas, e pela ruptura do tecido social que hoje vemos. Isto sentenciou à falência o paradigma cognitivo - racional, enquanto modelo exclusivo, e aponta para a necessidade da busca de outros paradigmas baseados em novos parâmetros psicológicos.

Dentre os novos paradigmas educacionais que estão surgindo, pelo menos dois devem ser considerados, pois levam em conta outros elementos além da cognição e da inteligência racional: o Paradigma Emocional, baseado nas idéias de Salovey e Goleman, e o Paradigma das Múltiplas Inteligências, baseado nas idéias de Gardner.

O Paradigma Emocional - fundamenta-se em que a educação deve ter como objetivos capacitar o educando a conhecer suas emoções e reconhecê-las quando necessário. Desenvolver a capacidade de lidar com suas emoções, controlando seus impulsos e adiantando suas satisfações. Desenvolver a capacidade de auto - motivação. Reconhecer as emoções do outro e lidar adequadamente com os relacionamentos sociais.

A operacionalização do paradigma emocional deve revestir-se dos maiores cuidados, pois ele carece ainda de maiores estudos, reflexões e experimentos, inclusive da conscientização e sensibilização dos professores, dos alunos, da família e da comunidade. Ele exigirá o treinamento dos professores nesta nova área do conhecimento, e a definição de nova estrutura curricular.

Certamente, como em toda inovação, surgirão reações à sua implantação, ora veladas, ora explícitas. Acredita o Autor que isto não deva atemorizar aqueles que estiverem convencidos de sua validade, nem demovê-los de suas intenções.

Sua implantação deverá ser cercada de todos os cuidados éticos, epistemológicos e metodológicos necessários. É um grande desafio para o educador responsável tentar transferir as experiências existentes, geralmente conduzidas para poucos alunos e por psicólogos especializados, para uma escala maior, aplicando os princípios para grupos maiores de alunos, e através de professores de outras disciplinas curriculares. Isto exigirá, além de um grande esforço, determinação firme e a seriedade necessária.

Paradigma das Múltiplas Inteligências - baseado nas idéias de Gardner, fundamenta-se na existência de sete aptidões básicas do educando, que devem ser desenvolvidas pelo processo educacional, a saber: Inteligências lógico matemática, verbal, cinestésica - corporal, interpessoal, intrapessoal e musical.

Considera que a verdadeira educação para a vida não deve restringir-se ao adestramento cognitivo - racional e verbal. Deve abranger as outras áreas de aptidões, seguramente mais importantes na vida do dia a dia do educando.

Defende o autoconhecimento através do desenvolvimento das aptidões intrapessoais, permitindo a correção de um grande equívoco do paradigma cognitivo-racional, voltado para o mundo externo do educando, em detrimento de seu mundo interior. Aqui há uma convergência de objetivos entre os paradigma emocional e o de múltiplas inteligências.

Na realidade o paradigma das múltiplas inteligências é mais abrangente do que o emocional, pois leva em consideração outros parâmetros: o lógico matemático, o verbal, o espacial e o musical.

Paradigma Holístico - por último, uma menção ao Paradigma Holístico, como definido por Pierre Weil. Ele é ainda mais abrangente, do que os anteriores pois considera como objeto último a educação para a paz, devendo ser utilizado todos os meios disponíveis para que o educando aprenda a viver em paz consigo mesmo, com as outras pessoas e com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Santos, J. O., *Paradigma Holístico e Educação*, Revista da Academia Baiana de Educação, 1(3) 6-9, setembro de 1994.
2. Conze, E., *Budismo - sua essência e desenvolvimento*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976.
3. Saddhatissa, H., *O Caminho do Buda*, Zahar edit., Rio de Janeiro, 1977.
4. Goleman, D., *A Mente Meditativa*, Editora Ática, São Paulo, 1996.
5. Wilson, E., *Os Manuscritos do Mar Morto*, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.
6. Wilhelm, R., *I Ching, o livro das mutações*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1990.
7. Lao Tsé, *Tao Te King*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1990.
8. Goleman, D., *Inteligência Emocional*, Ed. Ática, 1996.
9. Gottman, J., *Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos*, Ed. Objetiva, São Paulo, 13ª edição, 1997.
10. Ginott, H., *Between Parent and Children*, Mc Millan, New York, 1965.
11. Kant, E., *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1980.
12. Santos, J. O., *Educação Médica - Filosofia, Valores e Ensino*, Ed. Cepa, Bahia, 1987.
13. Sai Baba, S., *Sadhana, o caminho interior*, Ed. Record, Rio de Janeiro, 1993.
14. Piaget, J., *A Construção do Real na Criança*, Zahar, Rio de Janeiro, 1970.
15. Weil, P., *Organização e Tecnologia para o Terceiro Milênio*, Ed. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1991.
16. Sadu, M., *Meditação*, Ed. Pensamento, 3ª ed., São Paulo, 1995.
17. Watson, A. e Drury, N., *Musicoterapia*, 2ª ed., Ed. Ground, São Paulo, 1990.
18. Dewey, J., *Democracia e Educação*, 4ª ed., Ed. Nacional, São Paulo, 1979.
19. Rath, L.E. et al., *Values and Teaching*, Columbus, Ohio, Merrill, 1966.
20. Kneller, F.G., *Introdução à Filosofia da educação*, 6ª. ed., Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1981.
21. Bicudo, M. A., *Fundamentos Éticos da Educação*, p.93, Ed. Associados-Cortez, São Paulo, 1982.

22. Jaeger, W, *Paidéia, a formação do homem grego*, Martins Fontes/ Editora Universidade de Brasília, São Paulo, 1986.
23. Santos, J. O, *Qualidade Total na Escola*, Revista da Academia Baiana de Educação, nº. 4, Bahia, 1996.
24. Sivananda, S., *Raja Yoga*, Ed CEA, Rio de Janeiro, 1971.
25. Confúcio, *La Grande Étude, Textes de la Chine*, 1895.
26. Gardner, H., e Hatch, T., "*Multiple Intelligence Go to School*", Education Research, 18, 8, 1989.
27. Gardner, H., *Multiple Intelligence, The Theory in Practice*, Basic Books, New York, 1993.
28. Salovey, P., Mayer, J. D., *Emotional Intelligence, Imagination, Cognition and Personality*, 9, 1990.
29. Hobbes, T.M., *Leviatã*, Os Pensadores, Abril Cultural, 1ª ed., São Paulo, 1974.
30. Bacon, F., *Novo Organum*, Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1974.
31. Skinner, B. F., *Comportamento Humano*, EDUSP, São Paulo, 1973.
32. Rickett, D., *Multiple Intelligence in Practice*, Internet, http://gcsc.kl.in.us/LRSH/V23N4/LRSH_11_Multiple, 1997.
33. Gelsey, R., *Emotional Intelligence*, Internet, <http://www.geol.vt.edu/uu/sermon970105>, 1997.

UMA UNIVERSIDADE TRILINGÜE

Edivaldo M. Boaventura*

Ao outro dia pela manhã nós partimos desta ilha de Sanchão, e ao solposto chegamos a outra ilha que está mais adiante seis léguas para o norte, chamada Lampacau, onde naquele tempo os portugueses faziam sua veniaga com os chins, e aí se fez sempre até ao ano de 1557, em que os mandarins de Cantão, a requerimento dos mercadores da terra, nos deram este porto de Macau, onde agora se faz, no qual sendo antes ilha deserta, fizeram os nossos uma nobre povoação de casas de três a quatro mil cruzados, e com igreja matriz em que há vigários beneficiados, e tem capitão e ouvidor e oficiais de justiça, e tão confiados e seguros estão nela, com cuidarem que é nossa, como se ela estivesse situada na mais segura parte de Portugal.

Fernão Mendes Pinto

O derradeiro dia consagrei à Universidade de Macau (UM) e a Camões. Durante todo tempo ouvi referências à Universidade, especialmente ao seu projeto lingüístico. Como poderia uma universidade organizar-se na encruzilhada das culturas oriental e ocidental? Tinha que visitá-la. Possuindo já uma idéia do dinamismo econômico, da organização social e política de Macau, igualmente uma improvisada antropologia da alimentação, insisti pela ida à Universidade. Como professor, tinha todo interesse em conhecê-la.

Criei o hábito de visitar Universidade mesmo antes do meu doutorado em The Pennsylvania State University, nas repetidas vezes que fui aos Estados Unidos. As instituições acadêmicas geram o conhecimento, preparam os quadros e armazenam as memórias nas bem equipadas bibliotecas, a exemplo de Harvard, onde me hospedei e participei do Harvard Summer School, em dois verões, M.I.T. Columbia, Michigan State University, Berkeley, Stanford, Temple, Pittsburgh.

Rufino Ramos, administrador e membro do Conselho de Gestão, apresentou a organização e o seu funcionamento. A Universidade de Macau é um conjunto de oito edifícios, situado na Ilha da Taipa, com seis unidades: Faculdade de Gestão de Empresas; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; Faculdade de Ciências e Tecnologia; Faculdade de Direito; Faculdade de Ciências da Educação e o Instituto de Estudos Portugueses,

* Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Mestrado Doutorado)

equivalente a uma faculdade. Tem um Centro de Estudos Pré-Universitários e outro de Extensão Educativa. Do ponto de vista arquitetônico, é uma solução vertical. Oferece cursos de bacharelado, licenciatura, mestrado e certificados e conta com mais de três mil alunos. Como toda universidade moderna, investiga, mantém intercâmbio internacional com outros países (não vi o Brasil na relação), associa os estudos e oferece serviços de computação. A Universidade distribui bolsas de estudos aos descendentes de chineses ultramarinos, incluindo brasileiros.

Como ensinar Direito em chinês

Fiquei particularmente curioso acerca do ensino do Direito; com a linguagem técnico-jurídica derivada do latim, como transmiti-lo em língua chinesa? Respondeu-me o interlocutor que quando ministrado em língua chinesa, tinha apoio de tradutores para os termos específicos, em face da peculiaridade da terminologia do sistema continental do direito. Igual esforço de adaptação do vocabulário era também realizado quando o direito era lecionado em português para chineses. Em síntese, há licenciatura em Direito, em língua portuguesa, e licenciatura em direito, em língua chinesa. O ensino jurídico tem a colaboração dos professores das universidades de Coimbra, Técnica de Lisboa e Nova de Lisboa. Em face do futuro de Macau, o objetivo é "adotar quadros com formação jurídica adequada aos desafios do período de transição, nomeadamente os relacionamentos com a permanência dos valores garantidos pela Declaração Conjunta" (*Universidade de Macau*, 1996).

Dos jesuítas à Universidade do século XX

Como no Brasil, a origem do ensino superior de Macau remonta aos jesuítas no século XVI, com o Colégio de São Paulo. Foi o primeiro estabelecimento de ensino a conferir graus superiores, em Letras e Teologia, em todo o sudeste da Ásia. No Brasil, como em Macau, a expulsão dos padres da Companhia de Jesus, no século XVIII, provocou o fim da educação superior.

Na nota introdutória escrita pelo reitor, professor doutor Mário Nascimento Ferreira, recolhi mais informações acadêmicas já neste século, uma empresa privada de Hong Kong fundou a Universidade da Ásia Oriental (UAO). Com o desenvolvimento social e econômico, surgiu a idéia de se criar uma Universidade para Macau.

Na década de 80, o governo comprou a UAO, transformando-a conforme as exigências da comunidade macaense. Criou-se a Universidade de Macau, em 1991, uma entidade pública de inspiração europeia com o objetivo de servir aos estudantes do Território durante e após o período de transição, cuja Universidade, considerando as características culturais de Macau, mantém os cursos em três línguas: português, chinês e inglês.

Acrescenta o reitor, na esclarecida introdução: “é primordial manter vivas as nossas relações com o mundo português, cuja presença em Macau durante mais de quatrocentos anos deu a esta cidade longas tradições e uma distinta herança cultural”; justifica, assim, a promoção de cursos em língua portuguesa, como o Direito, Língua e Literatura Portuguesa. Igualmente, integra-se Macau na China com vários programas lecionados em língua chinesa – Ciências da Educação, Língua e Literatura Chinesas.

E, também pela sua vocação internacional, Macau, situando-se no delta do Rio das Pérolas, vai mais além na bacia do pacífico e, por isso, a Universidade cultiva a língua inglesa, como acontece nos cursos de Gestão de Empresa, Economia, Engenharia e outros. Observe-se a expressão linguística conforme as ciências, confirmando Lavoisier: *qu'on ne peut perfectionner le language sans perfectionner la science, ni la science sans le language, quelques certains que fusset les faits (...)*. Para concluir, com o reitor:

A comunidade que constitui a Universidade reflete a singular diversidade étnica de Macau (chineses, portugueses, macaenses, americanos, ingleses e outro).

Esta situação contribui para que a UM seja uma instituição verdadeiramente internacional e multicultural. A UM pode, assim, assumir o papel tradicional de Macau, onde se fundem civilizações e culturas.

Um passeio pelo campus vertical e pelos laboratórios de informática e à biblioteca satisfaz a minha curiosidade acadêmica. Tudo terminou na biblioteca, 100% informatizada e classificado o seu acervo de acordo com a Biblioteca do Congresso. O diretor, Rodolfo Azedo, fez-me presente do livro *A abelha da China*, edição fac-similar da coleção de jornais de 1822 e 1823, uma edição do próprio Centro de Publicações da UM, que retribuí com *O Navio Negroiro*, de Castro Alves, ilustrado expressionisticamente por Hansen-Bahia.

A condição da educação

Além da formação pela Universidade de Macau, amplo sistema de formação de quadros em todos os níveis de ensino – fundamental, médio e superior – foi desenvolvido. Macau tem no ensino regular quase cem mil alunos que, se agregados àqueles que freqüentam os programas de educação profissional e de educação de adultos, alcança-se um terço da população. São três conjuntos curriculares tendo por base a língua correspondente: o chinês, o inglês e o português, que, evidentemente, acompanha o sistema de ensino luso.

Do informe distribuído, Educação e ensino, pôde-se retirar alguns parágrafos atinentes ao sistema educativo.

Ensino superior – O desenvolvimento do ensino superior, com uma ampla diversificação e uma aposta na qualidade, a criação e consolidação de um sistema educativo próprio e a extensão da escolaridade gratuita ao ensino privado têm sido as grandes prioridades da área de educação.

O ensino particular – O ensino privado está especialmente desenvolvido em Macau, abarcando mais de 90% da população escolar, razão por que o Governo decidiu estender o ensino gratuito às escolas particulares. Aderiram já, voluntariamente, a este importante projecto educativo, introduzindo no ano lectivo de 1995/96, mais de 60% das escolas particulares. Ao mesmo tempo, com o envolvimento activo e participado de todos os sectores ligados ao ensino, foi-se operando, desde 1991, uma profunda reforma educativa, visando dar ao Território o seu próprio sistema de ensino, agora em fase de consolidação.

A formação docente – A formação docente é outra área que tem merecido particular atenção, ao mesmo tempo que se desenvolve um novo programa de construções escolares. Presentemente, cerca de 700 docentes servem nas escolas oficiais e 3.000 estão nas instituições educativas particulares dos ensinos básico e secundário.

Recursos financeiros – Ao longo dos últimos anos, a Administração de Macau, beneficiando de contrapartidas no âmbito dos contratos de desenvolvimento da habitação e das concessões de terrenos, tem estado a realizar um vasto programa de novas construções escolares, ao mesmo tempo que canaliza importantes verbas para o reapetrechamento das actuais escolas.

Ensino superior – Uma atenção especial tem vindo a ser dada ao ensino superior, com a criação, em 1991, da Universidade de Macau e do Instituto Politécnico de Macau. A Universidade ministra mais de duas dezenas de cursos de licenciatura e está a desenvolver as suas acções de pós-graduação (mestrado e doutoramento) e o ensino superior politécnico, enquanto via profissionalizante, completamente a sua actividade. A este nível, as medidas levadas à prática traduzem-se num significativo avanço no sentido da formação e valorização de quadros locais, muitos dos quais obtêm também formação superior fora do Território, através de bolsas de estudo, cada vez em maior número.

As outras instituições públicas de ensino superior do Território são a Escola Superior das Forças de Segurança de Macau, que forma os oficiais para a Polícia de Segurança Pública, Polícia Marítima e Fiscal e Corpo de Bombeiros, e o Instituto de Formação Turística, que procura dotar Macau de quadros superiores no âmbito desta importante actividade do Território.

Também funcionam no Território um Instituto de Estudos Europeus e o Instituto Internacional de Tecnologia de Software das Universidades das Nações Unidas.

A administração do Território apoia também duas instituições privadas de ensino superior: a Universidade Aberta Internacional da Ásia (Macau), que ministra cursos de ensino à distância, e o Instituto Inter-Universitário de Macau e pela Universidade Católica Portuguesa.

No campo do ensino das línguas têm sido dados passos importantes, estando as línguas oficiais do Território incluídas nos planos curriculares das escolas.

Além do Instituto Português do Oriente e do Centro de Difusão de Línguas da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, com milhares de alunos a aprenderem português, a Televisão Educativa emite diariamente, em horário pós-laboral no canal chinês, aulas de português. O objetivo é dotar os residentes de língua materna portuguesa do conhecimento mínimo da língua chinesa, sobretudo para os que pretendem continuar no Território depois de 1999 e possibilitar aos residentes de língua materna chinesa a aprendizagem do português, continuará a ser língua oficial após 1999.

Declarada como área prioritária da acção governativa, mais de 10% da despesa pública (incluindo os planos de investimentos da Administração) é assumido pela área educação.

Informações sobre educação e ensino

Só no ensino curricular Macau tem quase cem mil alunos nos vários graus de ensino e, se lhes juntarmos os que frequentam cursos de formação profissional e de educação de adultos, verifica-se que quase um terço da população do Território está na escola.

Alunos de língua materna chinesa que estudam português em instituições educativas de Macau

Escolas luso-chinesas de educação pré-escolar	532
Escolas luso-chinesas de ensino primário	2.120
Escolas luso-chinesas secundária	627
Escolas privadas de língua veicular chinesa, com o apoio do Centro de Difusão de Línguas	4.890
Escolas oficiais de língua veicular portuguesa	370
Total	8.539

Além destes alunos, mais de seis mil outras pessoas de língua materna chinesa estudam português em cursos de língua portuguesa, nos seus variados níveis, no Instituto Português do Oriente e nas instituições de ensino superior.

Alunos matriculados nos estabelecimentos de ensino

	94/95	95/96	96/97
Ensino pré-escolar	92.966	94.267	97.727
(totais)			
Pré-escolar	20.467	19.620	18.945
Básico	45.153	46.568	46.813
Secundário	20.624	22.205	23.809
Secundário técnico-profissional	1.189	1.233	1.368
Superior*	5.533	5.641	6.792
Educação especial	349	272	833
Educação de adultos**	38.456	44.002	43.639
Total geral	131.771	139.541	142.199

Em suma, Macau está dotado de moderna Universidade que oferece cursos em três línguas. Esta corporação de ensino superior está vinculada ao sistema de educação que demonstra possuir elevado número de alunos em proporção bem expressiva como demonstram os números.

* Além destes, mais de seiscentos fazem cursos superiores em Portugal, República Popular da China e outros países, como bolseiros do Território.

** inclui cursos de formação e aperfeiçoamento de funcionários públicos, formação de trabalhadores e cursos de educação contínua.

BIBLIOGRAFIA

Pinto, Fernão Mendes Peregrinação: *aventuras extraordinárias de um português no Oriente*. Adaptação de Aquilino Ribeiro. Ilustrações de Martins Barata. 12ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1994.

Ferreira, Mário Nascimento. "Nota introdutória pelo reitor". Em: Universidade de Macau. Macau, 1996.

EDUCAÇÃO EMOCIONAL

UMA AVENTURA AXIOLÓGICA NO PANORAMA EDUCACIONAL DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Leda Jesuíno*

Le coeur a des raisons qui la raison ne connaît pas.
Blaise Pascal

“O coração tem razões que a própria razão desconhece”.
Este é o pensamento que está no vocábulo de todos os que muito amam. É o vernáculo do coração.

Embora seja conceito consensual, entre os grandes historiadores do pensamento grego nos seus primórdios, considerar o predomínio do problema cosmológico sobre o antropológico, Rodolfo Mondolfo, o filósofo italiano, na sua profunda análise da mente filosófica da Grécia Antiga, afirma categoricamente: “Os conceitos diretos e sistemáticos das primeiras concepções naturalistas, tendo sido tomados do mundo humano e social, demonstram com plena evidência que o problema da natureza está associado aos relativos à vida e às criações do homem e da sociedade”.

E Mondolfo se fundamenta no próprio Platão: — “Os filósofos naturalistas falam de bodas, guerras e geração”, no seu livro sofistas, e também que os filósofos naturalistas relatam uma espécie de mitos, falando de “guerras, bodas e gerações entre os elementos”.

Na sua procura incessante o desenvolvendo raciocínios lógicos em busca do “arque”, o elemento primordial de todas as coisas, o que era permanente na transitoriedade avassaladora do devenir, confrontam-se com o seu mundo de relação. Para explicar a natureza que o cercava, o homem usava o “vernáculo do coração”, as expressões maiores do seu sentir, da sua vida de interação humana, da sua vida afetiva. Na origem do Cosmos, colocaram EROS, o Amor, e o próprio conceito do Cosmo deriva do mundo humano, ou seja, a ordem, a lei, a justiça (Dike), é a projeção da pólis no Universo; as paixões e as emoções humanas determinando a interpretação intelectual dos fenômenos da natureza. O devenir de Heráclito e o Ser de Parmênides refletem o conflito humano humano entre a busca do ponto fixo no caos aparente do universo. E Empédocles aplica o Amor e o Ódio para atuar nos 4 elementos naturais - Água, Ar, Terra, e Fogo, com a atração e a repulsão que estavam sempre presentes. E muito mais: “A guerra é a mãe de todas as coisas”, eis um dos grandes fragmentos. Os conflitos humanos são sempre transferidos e supervalorizados na explicação filosófica da vida. E não precisa ir mais além.

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

Sem falar nos mitos, no Olimpo e nas célebres cosmogonias de Hesíodo e Homero que, na *Iliada*, nos fala das bodas de Oceano e Thetis, e nesta mesma obra afirma: “nós somos terra e água”.

Esta é a lógica afetiva, que não é o pensar rígido da Mente Racional e Linear. Esta é a Lógica Afetiva, o Emocional raciocinado, digamos assim, os sentimentos humanos como chave para a interpretação da natureza que nos cerca e precisa ser explicada pelo racional.

O sentir, o pensar e o querer do Homem Racional, na alça de mira da Ciência, levaram ao surgimento cada vez maior da psicologia, que esteve muito tempo no laboratório de Wundt e hoje está na escola, no presídio, no hospital, no lar, na praça pública, tentando fazer o Homem se defrontar consigo mesmo.

A importância da Psicologia no fato educacional é verdade incontestável. Ao tirar a palmatória da escola, a psicologia se enveredou pelos árduos caminhos da fisiologia, da antropologia e balançou a estrutura da velha e tradicional escola européia da palmatória, do castigo e da punição severa. Foi mais além; atingiu as paredes ventustas dos mosteiros e tentou retirar a culpa da mente dos homens. Com Freud e Jung, explicou a libido e desencadeou o processo de psicanálise que se foi espalhando pelo ocidente, atingindo, com Berne, as fábricas e as indústrias, o operariado americano. E nasce a Análise Transacional. Com a Transpessoal, a Psicologia atinge os céus misteriosos dos anseios humanos e quase se diviniza, alcançando a dimensão espiritual do ser, este ser que é um imbricado ser feito de luz e sombra, composto de fatores os mais diversos, dos genéticos, hereditários, aos sociais, adquiridos, aos psíquicos e espirituais, este homem integral, único e diferenciado ao mesmo tempo, porém ainda, um animal Racional, o único animal que ri.

Não há outro caminho para educá-lo senão conhecê-lo no mais recôndito do seu ser, com seus mecanismos de defesa, seus disfarces, suas resistências, suas fraquezas, suas dores e seus amores, suas emoções, seus sentimentos, paixões, o seu sentir. Na época hoje chamada “Era da Melancolia”, quando a depressão toma conta das crianças, ouçamos Goleman*: “A depressão na infância, antes praticamente desconhecida (ou, pelo menos, não reconhecida), surge como um

* Mondolfo, Rodolfo, *El pensamiento antiguo*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1942

dado do panorama moderno". E, evidentemente, o índice de suicídio cresce assustadoramente na infância. "Nós nos preocupamos mais com a qualidade da leitura e da escrita dos alunos do que em saber se eles vão estar vivos na semana que vem"*.

E, diante do "medo de ter medo", a emoção fundamental para a sobrevivência é o próprio medo como na era do homem primitivo, em tensão constante, em defesa permanente contra o meio circundante. E esta constatação é alarmante quando nós precisamos muito da convivência, apoiado na emoção fundamental que é o Amor. No conviver, que não é o viver junto de, ao lado de, viver mais fulano, porém viver com, em comunhão com o outro. E quem é esse outro que está em nossa estrutura familiar ou social como educando?

Será que é válido passar ao largo e pairar na superficialidade dos contatos? A corruptela de Vossa Mercê - Vosmicê - vancê - você - ôce - cê - oi... Não, evidentemente, que a relação profunda enriquece os resultados que possam advir no processo educacional formalizado e capacita o educador a estruturar os valores na personalidade do educando.

Na educação emocional, a axiologia tem um papel relevante e nunca tão necessário como agora, quando a ética ressurge como uma reação natural a uma liberdade sem responsabilidade, defendida e até articulada em processos pouco éticos. E, ao falar assim, lembra-me Luiz Borges, o grande escritor sul-americano que, ao ser indagado pelos jornalistas qual a sua posição política social, no mundo hodierno, simplesmente respondeu: eu sou um homem ético. Com esta resposta, define Luiz Borges a sua estrutura valorativa perante o mundo e a vida circundante na qual predominam os valores éticos, sendo estes os determinantes da sua conduta no seu meio.

Mas, para que mude o comportamento do homem que se quer formar, que está na alça de mira dos educadores, é necessário estruturar os valores que vão representar a sua jornada na terra e, conseqüentemente, categorizar o seu comportamento e a busca da sua realização pessoal. E nesta urgente e altamente trabalhosa tarefa do educador é que se torna preponderantemente o papel da educação emocional, porque não se pretende formar o intelectual frio, o homem do pensar nem o executivo estressado, o homem do fazer e, muito menos, o homem do sentir, o artista descontrolado emocional, perturbado e perturbador.

O homem precisa Ser e não Parecer e, sobretudo, Valer pelo que ele é, pelos seus valores. E é nesta linha de raciocínio que se torna absolutamente imprescindível compreender que os valores são percebidos, não por uma intrinsecção simples, mas por uma intuição emocional, o que significa sentir com a intuição. Esta é que Hessen chamou de "certa consciência", capaz de registrar uma qualidade de um objeto que só pode pertencer-

lhe em função de um sujeito que tenha esta certa consciência, que é peça fundamental do processo perceptivo.

E os valores são, insdiscutivelmente, os instrumentos mais eficientes e mais eficazes de que o educador pode e deve usar para a condução do processo educacional. E partindo da premissa de que os valores precisam ser introjetados no educando, fica evidente que a educação emocional se torna imprescindível para condicionar esta atuação. Valores poder ser conceituados como propriedades genéricas que o homem usa para perceber, julgar, sentir, avaliar o mundo que o circunda. Depende do Sujeito e do Objeto. E o valor, de certo modo, é o produto desta relação perceptiva. Justamente por isso, dizem os psicólogos que o que importa é como tudo é percebido, tudo o que não parece ser. E vão mais além: O que alguma coisa nos lembra pode, às vezes, ser mais importante do que o que a coisa é.

É no burilar a personalidade do educando e sentido com eles os seus valores que se fará, sem dúvida, a educação emocional com técnicas psicopedagógicas e equipes interdisciplinares devidamente preparadas.

As técnicas que nos apresenta Goleman no seu livro, ao falar da Alfabetização Emocional, desde as mais simples até as mais complexas de Solução de Conflito, requer um recurso humano que esteja preparado para atuar com a flexibilidade da mente emocional. Acostumados todos nós a lidar com o cognitivo racional e o linear dos nossos alunos, acostumados a efetuar as ligações de causa e efeito, e ao pensamento categórico no qual "tudo é preto e branco, sem matizes do cinzento", não será fácil lidar com as reações emocionais quando, muitas vezes, os sentimentos são vagos e sutis, quando o passado é imposto ao presente, e quando a raiva está no disfarce da depressão, ou mesmo, quando a ansiedade atinge o pico e a chamada adenosina trifosfato ou ATP provoca as mudanças nos vasos sanguíneos e sérios distúrbios orgânicos.

Na verdade, e a verdade nem sempre é agradável, a humanidade está tão doente que a terapia chega à escola, pelas circunstâncias especiais que o mundo atravessa, onde o Desamor, o egoísmo egolátrico está circulando nas artérias das instituições. Esperamos que a Educação Emocional leve o Amor à Escola porque é do colo, amor e limites consentidos e conscientizados que os nossos jovens precisam nos lares e nas escolas. O educador emocional há de ser o terapeuta do Amor no sentido legítimo desta palavra desgastada e frágil, sendo resgatada por aqueles que acreditam com Teillard de Chardin: "Algum dia quando tivermos dominado os ventos, as luas, as marés e a gravidade, utilizaremos a energia do Amor e então pela segunda vez, na história do mundo, o homem descobrirá o fogo".

* Goleman, Daniel. Inteligência Emocional. 3. Ed. São Paulo, Objetiva, 1995. P.256.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “EDUCAÇÃO EMOCIONAL” DE JAIR DE OLIVEIRA SANTOS

Leda Jesuíno*

A temática sobre a qual este livro se debruça dispensaria uma apresentação formal, não fora a imperiosa necessidade de enfatizar a sua importância, a dedicação e o interesse do autor em demonstrar o significado dos valores transcendentais de afeto, solidariedade humana e, sobretudo, do autoconhecimento, no processo educacional deste angustiante momento do mundo atual.

Numa ótica abrangente, o autor percebe a importância, embora não esteja tão explícito quanto possa parecer, do encontro das duas psicologias — a do Oriente e a do Ocidente, que se encontram desde a idade antiga embora com divergências, mas inegavelmente convergentes em muitos pontos reflexivos da maior significação para uma apreciação histórica, imparcial e sumamente válida. Senão vejamos a observação de Goleman, no seu admirável livro **A mente meditativa***: “Embora as psicologias oriental e ocidental possam sobrepor-se parcialmente, num interesse comum pelos processos de atenção ou numa compreensão da natureza do sofrimento humano, cada uma delas também explora de ponta a ponta territórios e técnicas que a outra despreza ou apenas toca. O pensamento psicanalítico, por exemplo, mapeou aspectos daquilo que se poderia chamar “carma” no Oriente, com muito mais detalhes e complexidade do que qualquer escola oriental de psicologia, tal como as escolas orientais desenvolveram uma coleção de técnicas para alterar, voluntariamente, a consciência e assim estabeleceram uma tecnologia para lidar com realidade para além da mente, tal como conceitualizado na psicologia contemporânea ou vivenciada em nosso citado manual de consciência”.

Afinal, não foi só por acaso que o célebre psicólogo americano William James se encontra com um dos mais expressivos filósofos do Oriente: Suwami Vivekananda, o grande iluminado da filosofia vedanta. Porém, diz ainda Goleman, a tendência científica da psicologia advinda do positivismo “levou a grande maioria dos psicólogos ocidentais a desconsiderar os ensinamentos de seus colegas orientais”**. A volta, agora, ao autoconhecimento e a importância

cia do afetivo na vida quotidiana levam o autor a refletir um pouco sobre o Oriente e a iniciar suas considerações com um pensamento taoísta, do próprio Lao-tsé: Quem conhece aos outros é inteligente, quem conhece a si mesmo é sábio.

O seu livro, todo o seu conteúdo, suas 109 páginas não são mais nada do que o desenvolvimento dessa profunda reflexão oriental, porque educar o emocional é levar o educando a conhecer a si mesmo, sua vida interior e profunda que é a vida afetiva, para conduzi-lo com o equilíbrio de um ser inteligente que ele é.

Contam que um jovem sedento de afirmação espiritual procurou certa vez o pensador e sacerdote hebreu Shammai e o interrogou: — Poderias ensinar-me toda a Bíblia durante o tempo em que eu possa quedar-me de pé, num só pé?

— Impossível! — respondeu-lhe o filósofo religioso.

— Então de nada me serve a tua doutrina — re-darguiu o moço.

Logo após, buscou Hilel, o famoso doutor, propondo-lhe a mesma indagação. O mestre, acostumado à sistemática da lógica e argumentação, mas também conhecedor das angústias humanas, respondeu:

— Toma a posição.

— Pronto! — retrucou o moço.

— Ama! — elucidou Hilel.

— Só isso? E o resto que existe na Bíblia? — inquiriu apressadamente.

— Basta o amor — concluiu o austero religioso. Todo o resto da Bíblia é somente para explicar isso.*

Eu diria que tudo o mais que o livro do professor Jair transmite, está dito no oráculo de Delfos na Grécia — **Gnothi Se Auton / Nasce te Ipsum / Conhece-te a ti mesmo**.

Numa linguagem desataviada, ele expressa, numa organicidade lógica didática, o que é possível e necessário realizar na educação do homem integral que necessita manter o equilíbrio na sua conduta, conhecendo o seu sentir e administrando o afetivo para que os resultados do seu comportamento possam ser produtivos para si mesmo e para o meio onde interage e expressa os valo-

* Goleman, Daniel, *A mente meditativa*. São Paulo: Ática, 1996. P. 159.

** Id., *ibid.*, p. 165.

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

res que orientam sua própria vida.

Permito-me ler um trecho do prefácio.

É um livro que permite, ao leitor interessado na problemática educacional, firmar um ente de razão sobre um assunto tão significativo como este.

As emoções, as paixões e os sentimentos constituem a nossa vida afetiva. NO adolescente porém, torna-se preponderante uma atuação especial do educador na orientação do seu tumultuado e emocional viver juvenil. E é nesta trilha que o livro se desenvolve bem dentro da psicologia evolutiva, na linha do transpessoal.

Neste instante histórico, sob o império do temor, em que "o medo de ter medo" paralisa os homens com o "peur de vivre" de que tanto falaram os franceses no meio do século, a Educação Emocional se impõe ao

* Franco, Divaldo / pelo espírito Joanna de Angelis. Estudos Espirituais. 5 ed. Rio de Janeiro / Brasília: Federação Espírita Brasileira – Departamento Editorial, 1991. P. 14

educador consciente como uma necessidade imperiosa para preencher um espaço restrito aos psicólogos, mas para o qual estão convocadas as equipes interdisciplinares interessadas na formação do homem do amanhã, que surge quase no dealbar de um novo milênio.

O livro oferece o essencial de que todos precisamos, para compreender, conviver e saber amar na época do desamor constante e inconsequente. Os limites ao comportamento do educando, a empatia e os valores são tratados por quem tem os adolescentes no seu "colo", dia a dia, e não tem apenas o saber da teorização. Este é o valor do livro. Ele é feito do contínuo viver com os jovens, do conhecimento advindo desses contatos enriquecedores aos que se arvoram ao "alpinismo sentimental" de galgar os Everests onde os adolescentes, às vezes, se encarceram.

HISTÓRICO DAS CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO BRASIL

Orlando José Hage de Santana*

Os estudos sobre as concepções e tendências pedagógicas no Brasil, tiveram ênfase a partir do desenvolvimento das teorias da Educação por Saviani em 1977 e em 1978 através de um seminário em Campinas sobre a Educação Brasileira. Nesta época as visões críticas ainda não estavam diferenciadas e ainda não se distinguiam teóricos crítico-reprodutivistas e histórico-críticos. É através do livro "Escola e Democracia" em 1983 que Saviani dá início ao debate sobre as teorias da Educação, e que faz suas primeiras aproximações à Pedagogia Histórico-crítica (Saviani, 1991).

Tomando como critério a criticidade e a percepção dos condicionantes sócio-políticos e econômicos, Saviani dividiu as teorias da educação em dois grupos: o primeiro denominou de "Teorias não-críticas", são as que encaram a educação como autônoma e buscam compreendê-la a partir dela mesma. Inversamente, as do segundo grupo que denominou de "Teorias crítico-reprodutivistas", são críticas pois se empenham em compreender a Educação remetendo-a sempre a seus condicionantes sócio-político e econômicos, são reprodutivistas por entender que a função básica da educação é a reprodução da sociedade (Saviani, 1991).

Segundo Saviani, as teorias não-críticas são as seguintes: A Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista. As teorias crítico-reprodutivistas são as seguintes: a teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica (P. Bourdieu e J. C. Passeron em 1970), teoria da escola enquanto aparelho ideológico de Estado (Louis Althusser de 1969) e a teoria da escola dualista (C. Boudelot e R. Establet em 1971). Insatisfeito com o caráter reacionário e antidemocrático das teorias não-críticas e com a falta de solução para o problema da marginalidade pelas pedagogias crítico-reprodutivistas, o autor apresenta estudos que apontam para uma Pedagogia revolucionária que vincula-se diretamente com a prática social global no sentido de transformá-la, a qual denominou de Pedagogia Histórico-crítica:

* Orlando José Hage de Santana é Professor Adjunto IV da UFBa., Graduado em Educação Física pela UCSal., Especializado em Metodologia do Ensino

* Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia

Superior, Mestre em Educação pela UFBa., com o tema da dissertação *Concepções e Tendências Pedagógicas dos Professores dos Cursos de Educação Física na Cidade do Salvador*.

A Pedagogia Histórico-crítica vai tomando forma à medida que se diferencia no bojo das concepções críticas: ela se diferencia da visão crítico-reprodutivista uma vez que procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista. Esta colocação me parece importante porque boa parte dos debates que hoje se travam e das objeções que se levantam a essa tendência, acabam desconsiderando que ela está além do crítico-reprodutivismo e não aquém. As críticas formuladas pelo crítico-reprodutivismo são algo que se considera superado. (Saviani, 1991, pg. 70).

A Pedagogia Histórico-crítica funda suas bases na concepção dialética da Educação por entender que o seu pressuposto básico é o materialismo histórico, ou seja a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana (Saviani, 1991)

É através do esforço de encontrar saídas para a questão pedagógica na base de uma valorização da escola como instrumento importante de luta para as camadas dominadas, que surge muitos adeptos, e dessa forma multiplicaram-se os clamores no sentido de que essa concepção pedagógica se desenvolvesse de modo a exercer um influxo mais direto sobre a prática específica dos professores na sala de aula.

É nesse momento que aparece o trabalho de José Carlos Libâneo, onde o mesmo faz um estudo sobre as Tendências Pedagógicas, e baseado na concepção Histórico-crítica, apresenta a Pedagogia Crítico-social dos conteúdos em seu livro "Democratização da Escola Pública: a pedagogia Crítico-social dos conteúdos".

Libâneo faz uma classificação segundo as funções sociais da escola, em liberais e progressistas, onde a Pedagogia liberal, segundo o autor, é própria do sistema capitalista e tem como finalidade preparar o indivíduo para assumir e desempenhar funções ou papéis dentro da sociedade adaptando-o às normas e valores estabelecidos e não questionáveis. Apresenta como tendências: a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova nas duas ver-

sões: Renovada Progressista, Renovada Não-diretiva e a Pedagogia Tecnicista. Já a Pedagogia Progressista, apresenta uma postura crítica, analisando criticamente o contexto social e destacando as finalidades sócio-políticas da Educação e tentando viabilizar possíveis mudanças. Identificadas como pedagogias progressistas estão as pedagogias Libertária, Libertadora e Crítico-social dos Conteúdos.

CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

As teorias que influenciaram as Tendências Pedagógicas na Educação, também influenciaram e até hoje influenciam as Tendências Pedagógicas na Educação Física, o que não poderia ser de outra forma pois ambas fazem parte do mesmo contexto.

É durante as décadas de 70 e 80, no clima das discussões e debates sobre as teorias da Educação, que surgem na Educação Física, teóricos preocupados com os seus rumos. Baseados nessas teorias desenvolveram estudos sobre as Concepções e Tendências Pedagógicas, com o objetivo de orientar a prática pedagógica dos professores na área, redefinindo o papel e os objetivos da Educação Física na busca de sua identidade. No que diz respeito à Educação Física, apresentaremos alguns estudos que sistematizam as Concepções e Tendências Pedagógicas no Brasil.

Segundo Oliveira (1985)¹ as Concepções educacionais básicas são: a Comportamentalista e Humanista. O autor entende que estas concepções são observadas também na Educação Física pois acredita ser um único processo.

A orientação Comportamentalista concebe, ainda, a possibilidade da existência de um homem ideal, enquanto que, a orientação Humanista preocupa-se apenas em observar o homem como ele é. Nota-se finalmente, que o problema essencial estará no que sempre foi a maior preocupação do ser humano: ele mesmo.

Na Educação Física de orientação Comportamentalista são utilizadas técnicas de comando, e a diretividade imposta, coisificando o aluno, gerando o conformista, o adaptado. Os modelos são impostos, "pacotes", e o "como" e o "quando" se movimentar, são problemas do professor. Este é quem pensa e cria, ocorrendo uma absoluta inversão dos papéis.

Na Educação Física de orientação Humanista, encontramos as técnicas baseadas no ensino por descoberta, no ensino por tarefas e outras práticas corporais não-diretivas. Dessa forma desaparece a ênfase nos exercícios estereotipados, de pura imitação mecânica, dando lugar aos exercícios naturais globais. Também minimiza-se a importância do resultado esportivo de alto nível, encontrando-se espaço para aplicação do jogo, elemento fundamental da cultura corporal humana.

Medina (1983), utiliza como critério, uma visão de homem e de mundo onde afirma que estas determinam a Educação. Também utiliza os estados de consciência segundo Paulo Freire para determinar as concepções na Educação Física, assim apresenta as seguintes concepções: Educação Física Convencional, Educação Física Modernizadora e a Educação Física Revolucionária.

A Educação Física Convencional está apoiada no senso comum. Visão corriqueira, mecânica, simplista e vulgar que se faz do homem e do mundo. De maneira que ela recebe forte influência da pedagogia tradicional. Possui esta pedagogia, uma visão dualista ou pluralista do homem. Quando trabalha o corpo, faz de maneira fragmentada e não consegue percebê-lo além dos seus limites biológicos. A Educação Física neste prisma, se constitui num adestramento, sua preocupação fundamental é com o biológico, e com os aspectos anátomo-fisiológicos. Os adeptos desta concepção definem a Educação Física simplesmente como um conjunto de conhecimentos e atividades específicas que visam o aprimoramento físico das pessoas.

O perfil do profissional que abraça esta concepção é pautado na consciência intransitiva, num sentido semelhante àquele citado pelo pedagogo Paulo Freire², isto é, não são capazes de percepções além das que lhe são biologicamente vitais. Estes profissionais são objetos, e não sujeitos de sua própria história.

A Educação Física Modernizadora, apresenta uma concepção mais avançada do que a convencional, ampliando assim, o significado da Educação Física. Uma das diferenças fundamentais entre ambas, é que a primeira considera a Educação Física como a "educação do físico" e pelo ângulo da Modernizadora, a Ginástica, o Esporte, os Jogos e a própria Dança podem ser meios específicos da Educação em seu sentido mais amplo.

Contudo, apesar das diferenças, ela igualmente possui uma visão dualista ou pluralista do homem. Além do biológico, preocupa-se com o psicológico. Entretanto, entende a Educação mais a nível individual. As transformações devem ocorrer sempre neste plano. No social, acredita-se que os indivíduos moldam-se às funções e exigências que a sociedade lhes impõe.

Não faz parte de suas preocupações atentar para os aspectos que interferem na transformação social. Desta forma fica patente o incentivo à preservação das relações sociais, deixando-se de perceber o significado da infraestrutura estabelecida na determinação do 'modus vivendi' da sociedade. Na verdade, o que ela faz é promover uma falsa democracia, sustentando o privilégio dos que podem, mascarando as desigualdades entre os homens.

O perfil do profissional que abraça esta concepção é pautado na consciência transitiva ingênua, conforme nos mostra Paulo Freire, pois não consegue compreender a fundo as causas dos seus problemas, nem do

¹ Oliveira, Vitor Marinho de, *Educação Física Humanista*, 1985.

² Freire, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, 1980.

mundo que o cerca.

A Educação Física Revolucionária, é a concepção mais ampla de todas. Procura interpretar a realidade dinamicamente e dentro de sua totalidade. Não considera nenhum fenômeno de uma forma isolada. O ser humano é entendido por meio de todas as suas dimensões, e no conjunto de suas relações com os outros e com o mundo. Está constantemente aberta para as contribuições das ciências, na medida que o próprio conhecimento humano evolui como um todo.

O próprio corpo, por sua vez, é considerado através de todas as suas manifestações e significações, não sendo apenas parte do homem, mas o próprio homem. Pode teorizar sobre os aspectos biológicos e sociais, mas age fundamentalmente sobre o todo.

Por esta concepção é possível entender a Educação Física como uma "educação do movimento", e ao mesmo tempo, uma "educação pelo movimento". Assim compreendendo que, o próprio esporte de alto nível pode ser considerado como atividade de valor educativo.

Os adeptos desta concepção são considerados verdadeiros agentes de renovação e transformação da sociedade. Consideram a unidade entre o pensamento e a ação assim como sabem que para lutarem em defesa de uma educação libertadora precisam antes de mais nada serem políticos. Entendem os problemas de sua área à luz do seu contexto histórico-cultural (sócio-político econômico) mais amplo. Não pretendem, contudo, reduzir todo o processo existencial ao econômico ou ao político. Vêem estes aspectos como ponto de passagem ao crescimento humano. O perfil do profissional desta concepção é pautado na consciência transitiva crítica, sendo capaz de transcender a superficialidade dos fenômenos, nutrindo-se do diálogo, e agindo pela práxis, em favor da transformação no seu sentido mais humano.

Carmo (1984)³ desenvolve um trabalho onde procura situar o professor de Educação Física e sua prática pedagógica, no âmbito escolar buscando relacionar dinamicamente as contradições desta prática com os objetivos e discursos veiculados a nível do senso comum, à luz de uma visão histórico-cultural. Segundo as funções sociais da escola o autor classifica as tendências em: Reacionárias, Reformistas e Revolucionárias.

As Reacionárias são concepções que entendem ser a escola uma instituição que deve zelar pela manutenção da transmissão do saber não importando qual, tudo em benefício do aluno, e da sociedade, sem questionar que aluno e que sociedade.

As Reformistas são as que criticam o ensino-aprendizagem, mas de forma superficial e à luz da lógica formal, acreditando que estão no aluno e na escola as causas dos fracassos escolares. Seus seguidores apre-

sentam propostas que apenas funcionam como paliativo, ou melhor, preferem tratar dos efeitos sem se preocuparem com as causas.

As Revolucionárias são evidenciadas pelos professores e educadores que acreditam na escola como espaço de luta para a transformação social, disseminam a veiculação do político com o educacional de forma dialética, na busca da práxis social.

Ghiraldelli Jr. (1988)⁴ faz um levantamento histórico, que tem como objetivo despertar uma visão crítica dos conteúdos e práticas corporais, afirmando que os profissionais da área possam repensar a sua práxis pedagógica. Dessa forma ele classifica as Tendências na Educação Física em: Higienista, Militarista, Competivista, Popular e Crítico-social dos Conteúdos.

A Tendência Higienista é pautada nas questões de saúde. Para tal cabe à Educação Física um papel fundamental de formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação. Mais do que isso, a Educação Física Higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas, mas protagoniza um projeto de "asepsia social". Compreende que a Ginástica, o Desporto e a Recreação devem, antes de qualquer coisa, disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral, o que "comprometeria a vida coletiva".

A Educação Física Higienista é uma concepção que se preocupa em erigir a Educação Física como agente de saneamento público, na busca de uma "sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios deteriorizadores da saúde e do caráter do homem do povo".

A Tendência Militarista, não é a mesma Educação Física Militar, embora ambas estabeleçam relações estreitas, a Educação Física Militarista não se resume numa prática militar de preparo físico. É acima disso, uma concepção que visa impor a toda a sociedade padrões de um comportamento estereotipado, fruto da conduta disciplinar própria do regime de caserna. Tem como objetivo fundamental a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate diante de uma guerra. Para tal tendência, a Educação Física deve ser suficientemente rígida para "elevar a Nação" à condição de "servidora da Pátria". Na Educação Física Militarista, a ginástica, o desporto e os jogos recreativos, só têm utilidade se visam à eliminação dos "incapacitados físicos", contribuindo para uma "maximização da força e poderio da população". A coragem, a vitalidade, heroísmo, a disciplina exacerbada compõem, a plataforma básica da Educação Física Militarista.

A Tendência Pedagógica, é a que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a Educação Física não somente como prática capaz de promover saúde ou

³ Carmo, Apolônio Abadio do. *Educação Física: Competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico*, 1985.

⁴ Ghiraldelli Júnior, Paulo. *Educação Física Progressista: a pedagogia Crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira*, 1988.

de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física como uma prática eminentemente educativa. E mais que isto, ela vai advogar a “educação do movimento e pelo movimento” como a única forma capaz de promover a chamada “educação integral”.

A Educação Física Pedagógica está preocupada com a juventude que frequenta as escolas. A ginástica, a dança, o desporto e a educação psicomotora etc., são meios de educação do alunado. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio “democrático” e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto a riquezas nacionais etc.

O sentimento corporativista de “valorização do profissional de Educação Física” permeia a Tendência Pedagógica. A Educação Física é encarada como algo “útil e bom socialmente”, e deve ser respeitada acima das lutas políticas dos interesses diversos de grupos ou de classes. Assim, é possível forjar um “sistema nacional de Educação Física”, “capaz de promover a Educação Física do homem brasileiro, respeitando sua peculiaridades culturais físico-morfológicas e psicológicas”. Nesta tendência a Educação Física também é vista como responsável pelo melhor desenvolvimento na alfabetização e em outras disciplinas curriculares.

A Educação Física Competitivista assim como a Militarista estão a serviço de uma hierarquização e elitização social. Seu objetivo fundamental é a caracterização da competição, da superação individual como valores fundamentais e desejados para uma sociedade moderna. A Educação Física Competitivista volta-se, então para o culto do atleta-herói; aquele que a despeito de todas as dificuldades chegou ao pódio. Também é ela responsável pelo desenvolvimento do “espírito olímpico”, onde nem sempre o importante é competir.

Nesta tendência a Educação Física fica reduzida ao “desporto de alto nível”. A prática desportiva deve ser “massificada”, para daí poderem brotar os expoentes capazes de brindar o país com medalhas olímpicas. No âmbito da Educação Física Competitivista, a ginástica, o treinamento, os jogos recreativos etc. ficam submetidos ao desporto de elite. Desenvolve-se assim o Treinamento Desportivo baseado nos avançados estudos da Fisiologia do Esforço e da Biomecânica, capazes de melhorar a técnica desportiva. A Educação Física é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de performance.

Como a Educação Física Pedagógica, também a Competitivista é utilizada como desmobilização da organização popular. O “desporto de alto nível”, que é o “desporto espetáculo”, é oferecido em doses exageradas pelos meios de comunicação à população, com o objetivo de desviar as atenções do povo dos problemas sociais do país.

A Tendência Popular, ao contrário das anteriores não revela uma produção teórica (livros, periódicos, teses, etc.) abundante e de fácil acesso. Podemos dizer com certo cuidado que a Educação Física Popular se

sustenta quase que exclusivamente numa “teorização” transmitida oralmente entre as gerações de trabalhadores deste país. Boa parte dos documentos (jornais, revistas, etc.) do Movimento Operário e Popular, que poderiam conter uma “teorização” ou pelo menos um relato sobre as práticas de Educação Física autônoma dos trabalhadores, não escapou aos olhos e garras incineradoras das classes dominantes. Todavia, do material existente é possível resgatar uma concepção de Educação Física que, paralela e subterraneamente, veio historicamente se desenvolvendo com e contra as concepções ligadas à ideologia dominante.

A Educação Física Popular não está preocupada com a saúde pública, pois entende que tal questão não pode ser discutida independentemente do levantamento da problemática forjada pela atual organização econômico-social e política do país. A Educação Física Popular também não se pretende disciplinadora de homens e muito menos está voltada para o incentivo de medalhas. Ela é, antes de tudo, ludicidade e cooperação e aí o desporto, a dança, a ginástica etc., assumem um papel de promotores da organização e mobilização dos trabalhadores. E mais que isso, a Educação Física serve então aos interesses daquilo que os trabalhadores historicamente vem chamando de “solidariedade operária”.

A Educação Física Popular não se pretende “educativa” no sentido em que tal palavra é usada pelas demais tendências. Ela entende que a educação dos trabalhadores está intimamente ligada ao movimento de organização das classes populares para o embate da prática social, ou seja, para o confronto cotidiano imposto pela luta de classe.

A Tendência Crítico-social dos Conteúdos teve sua gênese na Tendência Histórico-crítica de Saviani e foi desenvolvida por Libâneo a partir de estudos sobre as teorias da Educação.

Na Educação Física, Ghiraldelli Júnior é quem acentua para as primeiras aproximações desta pedagogia no livro: “Educação Física Progressista: a pedagogia Crítico-social dos Conteúdos e a Educação Física brasileira”. O autor apresenta em sua obra, uma alternativa revolucionária para o ensino da Educação Física através de uma pedagogia que tem como prioridade, assegurar os conteúdos na relação ensino-aprendizagem e reconhecer no mesmo, o auxílio ao seu esforço de compreensão da realidade. Desta forma:

Ao admitir um conhecimento relativamente autônomo – assume o saber como tendo um conteúdo relativamente objetivo, mas, ao mesmo tempo, introduz a possibilidade de uma reavaliação crítica frente a esse conteúdo. Como sistematiza Snyders, ao mencionar o papel do professor, trata-se, de um lado, de obter o acesso do aluno aos conteúdos, ligando-o com a experiência concreta dele – a continuidade; mas, de outro, de proporcionar elementos de análise crítica que ajudem o aluno a ultrapassar a experiência, os estereótipos, as

pressões difusas da ideologia dominante – é a ruptura. (Libâneo, 1985, pg. 40).

O profissional que abarca esta concepção age como mediador de trocas que se estabelecem na interação entre o meio (natural, social, cultural), e o sujeito, desta forma a relação pedagógica consiste no provimento das condições em que professor e alunos possam colaborar para fazer progredir essas trocas. O professor exerce uma autoridade baseada no domínio dos conteúdos acessíveis ao aluno e relacionando-os com a sua experiência concreta:

O processo de transmissão/assimilação se dá pela relação dialética entre os conteúdos culturais sistematizados e a experiência social concreta trazida pelo aluno. Em outras palavras, trabalhar com conteúdos culturais historicamente situados, portanto, vivos e dinâmicos, implica partir da prática social concreta dos alunos, reinterpretá-la e ordená-la junto com o aluno, e assim, chegar às noções claras e sistematizadas propiciadas pelo conhecimento científico (LIBÂNEO, 1985, pg. 71).

Na Educação Física a pedagogia Crítico-social dos conteúdos não teoriza de forma diferente, conserva os mesmos fundamentos da Educação; apenas existindo uma diferença na eleição dos conteúdos, que são definidos historicamente e difundidos pela cultura mundial.

Os conteúdos nesta proposta pedagógica, são entendidos como o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.

Os conteúdos na Educação Física são entendidos como: a Ginástica, o Desporto (Futebol, Voleibol, Basquetebol etc.), os Jogos, a Dança, assim como as manifestações culturais regionais (Capoeira, Folclore etc.).

Além dos conteúdos sistematizados, é de fundamental importância a compreensão e a valorização dos conteúdos subjacentes (conteúdos emergentes); são os que surgem durante a relação ensino-aprendizagem de forma espontânea ou provocados intencionalmente, e que devem ser tratados, discutidos e organizados entre o professor e os alunos de forma a se legitimar a sala de aula (quadra de esportes, sala de ginástica etc.) como espaço eminentemente educativo pois é na sala de aula o local indicado para análise, reflexão e discussão sobre hábitos, modos valorativos, conceitos, convicções, contradições, problemas do cotidiano, conflitos, emoções etc. (isto é, matéria prima da realidade) à serem tratados conjuntamente com o estudo sistemático da matéria, enfim, uma aula que não trate apenas os conteúdos oficiais programados, mas que seja um fórum de interação e confronto entre as experiências vividas em sala de aula e a realidade concreta do aluno:

Se, por um lado, o saber sistematizado pode estar distanciado da realidade social concreta, por outro, o trabalho docente consiste precisamente em vencer essa contradição, tornando os conteúdos vivos e significati-

vos, correspondendo aos problemas da prática cotidiana (Libâneo, 1990, pg. 135).

Castellani Filho (1988), faz uma classificação das Tendências Pedagógicas na Educação Física com base numa concepção Marxista de História, colocando-se contrário à concepção “linear”, “positivista” ou “episódica”. Assim, tendo como referencial básico o livro *História e Verdade*⁵, objetiva apresentar uma versão da História da Educação Física brasileira. Este trabalho é também considerado um marco, pois abre novas possibilidades para pesquisas sob orientação marxista da história. O autor revela em seu trabalho os papéis representados pela Educação Física brasileira que utiliza-se do seu caráter lúdico como arma para servir as ideologias dominantes. Também desenvolve uma classificação das Tendências Pedagógicas na Educação Física que são: Biologização, Psicopedagogização e Histórico-Crítica.

A concepção denominada Biologização é baseada numa perspectiva higiênica, tendo uma visão de saúde corporal, saúde física e de eugenia da raça. O homem visto apenas como um conjunto de músculos, articulações e funções fisiológicas. Seu paradigma está calcado na aptidão física.

A Psico-pedagogização, é a concepção que surgiu com as idéias da Escola Nova e privilegia os métodos e as técnicas pedagógicas e psicológicas, tem como pressuposto o “aprender” a “aprender” e o “aprender” a “fazer” nesta mesma linha, objetiva-se também o método Desportivo Generalizado, os Jogos, a Recreação e a Psicomotricidade como fatores de grande relevância na formação do indivíduo.

A Tendência Histórico-crítica já apresentada em classificações anteriores é colocada por Castellani Filho, com as mesmas propostas, apenas o autor coloca a questão específica da Educação Física.

Tendência que se caracteriza pelo avanço de cunho humanista uma vez que extrapola os limites orgânicos e biológicos, onde se enquadra comumente a atividade física, pois o homem é um ser eminentemente cultural e o movimento por sua vez, representa um fator de cultura, ao mesmo tempo em que também se apresenta como seu resultado.

Nesta Tendência, busca-se tratar a Educação Física como sendo a área do conhecimento responsável pelo estudo acerca dos aspectos sócio-antropológicos do movimento humano. Também podemos dizer que a histórico-crítica é pautada num relato histórico, aceitando uma ideologia revolucionária, que a faz assumir um compromisso histórico da humanidade.

Nesta mesma linha ainda podemos encontrar também a Tendência crítico-superadora, que surge como um desdobramento da histórico-crítica. Utiliza-se dos mesmos fundamentos e propõe uma Educação Física que através da ação pedagógica, proporcione ao educando uma compreensão da realidade social e mais do

⁵Schaff, Adam. *História e Verdade*, 1986.

que isso, está comprometida não só com a crítica mas na apresentação de propostas pedagógicas que leve o indivíduo à superação através de saltos qualitativos. Esta concepção está explícita no livro “Metodologia do ensino da Educação Física” (coletânea de autores) onde pretendem uma metodologia baseada na apreensão das distintas manifestações da Cultura Corporal. Apresenta fundamentos que buscam identificar a Educação Física na Escola, visando construir parâmetros necessários a uma nova síntese.

Os estudos apresentados pelos diversos autores citados sobre as Concepções e Tendências Pedagógicas na Educação Física não se diferenciam muito entre si e também em relação a Educação no que se refere a seus fundamentos e teorias, pois em suas essências elas têm o mesmo significado.

Faremos uma síntese entre os diversos estudos apresentados para tornar mais compreensível os objetivos da nossa pesquisa. Portanto, ousaremos em agrupar as Concepções e Tendências em duas vertentes básicas que são:

1ª VERTENTE – LIBERAL:

- * Convencional, Reacionárias, Higienista, Biologização e Militarista.
- * Modernizadora, Pedagógica, Psicopedagógica, Comportamentalista, Reformistas e Competitivista.

2ª VERTENTE – PROGRESSISTA:

- * Humanista, Revolucionárias e Popular.
- * Crítico-social dos conteúdos, Histórico-crítica e Crítico-superadora.

No sentido de promover uma maior compreensão sobre as categorias básicas eleitas em nosso trabalho, faremos um breve esclarecimento dos termos “liberal” e “progressista”, utilizando os conceitos segundo Libâneo (1985):

O termo liberal não tem o sentido de “avançado”, “democrático”, “aberto”, como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificação do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classe. A pedagogia liberal, portanto é uma manifestação própria desse tipo de sociedade.

Desta forma, a doutrina liberal, representada pela trilogia: **liberdade, igualdade e fraternidade** (lema da Revolução Francesa e seio da concepção liberal) prega a liberdade e igualdade de oportunidade mas por outro lado, não leva em consideração a desigualdade de condições, camuflando a realidade sobre as diferenças de classes. (Libâneo, 1985, pg.22). Ainda com Libâneo (1985):

O termo “progressista”, emprestado de Suyders, é usado aqui para designar as tendências que, partindo de

uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Evidentemente a pedagogia progressista não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista: daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais.

A expressão progressista nem sempre teve uma interpretação voltada para o progresso da maioria a população, de outra forma, é utilizada por liberais e neoliberais, em seus discursos, para confundir o povo diante das questões políticas e sócio-econômicas.

Faz-se necessário portanto, a veiculação do estudo das concepções sobre todos os aspectos e áreas do conhecimento humano principalmente no âmbito da educação pois torna-se de grande importância para a compreensão sobre o mundo, suas relações e contradições vividas em todos os tempos.

BIBLIOGRAFIA

1. Althusser, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**, Lisboa: Editorial Presença, s/d.
2. Bordieu, P. & Passeron, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**, Rio de Janeiro: Livraria Alves Editora, 1975.
3. Brandão, Zaia. **A crise dos paradigmas e a educação**, org. 2.ed., São Paulo: Cortez, 1995, (Coleção questões de nossa época; v. 35).
4. Carmo, Apolônio Abadio do. **Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
5. Castellani Filho, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.
6. Costa, Vera Lúcia M. **Prática da Educação Física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** São Paulo: Ibrasa, 2ª edição, 1987.
7. Freire, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**, São Paulo: Moraes Editora, 1980.
8. Gebara, Ademir. **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**, et al; Wagner Wey Moreira (org.), Campinas, São Paulo: Papirus, 1992.
9. Ghiraldelli Júnior, Paulo. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**, São Paulo: Edições Loyola, 1989.

10. Gruppi, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci**, [Tradução e edição Dário Canali], Porto Alegre: L & PM, 1980.
11. Hildebrandt, R. & Laving, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
12. Libâneo, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**, 9. ed., São Paulo: Edições Loyola, 1990.
13. _____. **Didática**, José Carlos Libâneo, São Paulo: Cortez, 1994, (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor).
14. Marx, Karl. **A ideologia alemã**, Karl Marx e Friedrich Engels: introdução de Jacob Gorender; [Tradução Luís Cláudio de Castro e Costa], São Paulo: Martins Fontes, 1989, (Novas direções).
15. Mediana, João Paulo Subirá, **A Educação Física cuida do corpo... e "mente"**, Campinas: Papirus, 1983.
16. Mizukami, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**, São Paulo: EPU, 1986.
17. Moreira, Wagner Wey. **Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica**, Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1991.
18. **Motrivivência – O Corpo**, Revista da Universidade Federal de Sergipe. Organizador: Maurício Roberto da Silva, Departamento de Educação Física, Ano II, nº 3, janeiro de 1990.
19. **Motrivivência – O esporte e suas diversas concepções**, Revista da Universidade Federal de Sergipe. Organizador Maurício Roberto da Silva. Departamento de Educação Física, Ano I, nº 2, junho 1989.
20. Oliveira, Vítor Marinho. **Educação Física e humanismo**, Texto produzido para o informativo da A.E.C., 1983.
21. _____. **Educação Física Humanista**, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985, (Coleção Educação Física: Série fundamentação).
22. _____. **O que é Educação Física**, São Paulo: Brasiliense, 1983.
23. _____. **Fundamentos Pedagógicos da Educação Física**, Organizador: Vítor Marinho de Oliveira; Coordenador: Alfredo Gomes de Farias Júnior, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
24. Pey, Maria Oly. **Reflexões sobre a prática docente**, São Paulo: Edições Loyola, 1991.
25. **Revista da Universidade da Uem – Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Educação Física**, Volume, 3 nº 1992. ISSN: D 103-394B.
26. Saviani, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**, São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1987.
27. _____. **Educação do senso comum à consciência filosófica**, São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1980.
28. _____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**, 3.ed., São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992, (Coleção polêmica do nosso tempo, V. 40).
29. Schaff, Adam. **História e verdade**, 3.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1986.
30. Sérgio, Manuel. **Educação Física ou ciência da motricidade humana?** Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.
31. Soares, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**, Carmem Lúcia Soares, Campinas, São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1994, (Coleção educação contemporâneo).
32. Tafarel, Celi Nelza Zulke. **Metodologia do ensino da Educação Física**, Coleção de Autores, São Paulo: Cortez, 1992, (Coleção Magistério 2º grau série formação do professor).
33. Viviani Martins, Maria Anita. **O professor como agente político**, São Paulo: Loyola, 1990.

PROJETO PEDAGÓGICO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Maria Augusta Cruz Abdon*

2. APRESENTAÇÃO

Este projeto de trabalho resulta da solicitação feita pelo Prof. José Newton Alves de Souza, Presidente da Sociedade Cruz de Malta, na Bahia, à Universidade Católica do Salvador no sentido de obter a participação e cooperação de alunos-estagiários de Orientação Educacional, em atividades de implantação e desenvolvimento de um serviço desta natureza.

Tendo como espaço ambiental o Colégio Divino Mestre, propunha-se desenvolver um modelo experimental de S.O.E., adequado às demandas da estrutura organizacional e institucional do campo de estágio bem como fundamentado em referencial teórico-prático devidamente selecionados em face das especificidades da escola em foco.

Este projeto se infere num convênio formado entre a instituição solicitante e a Universidade Católica de Salvador, tendo em vista articular os programas das disciplinas de Princípio e Método de Orientação Educacional (PMOE) e Estágio Supervisionado, propiciando dos alunos e estagiários uma experiência de construção baseada no binômio teoria-prática, ao mesmo tempo que interage com a sociedade, numa situação real.

As possibilidades de trabalho em conjunto com outros profissionais da escola, na busca de meios e alternativas de ação para construção do modelo de SOE, vai ao encontro da finalidade maior da Disciplina de PMOE que é:

“... retirar o foco das especialidades das habitações instrumentalizando o aluno para que identifique meios que possibilite a ação integrada.”

Tendo como norte a implementação do currículo e da prática político-pedagógica, o estagiário sem perder de vista a especificidade da habilitação, se defronta com situações e aspectos teórico-práticos que se referem aos instrumentos de trabalho, técnicas e recursos metodológicos específicos da Orientação Educacional, fazendo-os servir a um projeto comum, multi e interdisciplinar na busca da melhoria do ensino e das relações pedagógicas na escola.

No convênio firmado com a Faculdade de Educa-

ção, a autora do projeto foi designada como administradora, coordenadora e gerente da experiência.

O recurso metodológico utilizado decorre da articulação entre os programas de Princípios e Métodos de Orientação Educacional e Estágio Supervisionado, integrando os alunos numa experiência cuja tônica é a teorização da e pela prática através do método científico, o exercício da elaboração de soluções nascidas e criadas nas demandas do cotidiano através da pesquisa prática.

O desenvolvimento do trabalho, em regime de coresponsabilidade e co-participação com o estagiário e a instituição, garante o comprometimento mútuo, assegurando ao aluno espaço para intervir e produzir alternativas concretas e comprometer-se com soluções.

Como laboratório experiencial beneficia a UCSal a articular funções de ensino e pesquisa, enquanto atende aos ditames da função extensão, envolvendo-se com a comunidade sócio-cultural efetivando a interação buscada e desenvolvida junto aos níveis de 1o e 2o graus.

3. JUSTIFICATIVA

Vive-se na atualidade profundas e rápidas transformações, afetando toda a vida societária nos seus diferentes aspectos como: o político, o social, o econômico, o educacional e o familiar. Nenhum fenômeno ou fato social se apresenta isolado. As relações e interações societárias são interdependentes e co-existente.

A vida do ser humano se realiza no sentido de um horizonte em que se configuram metas, objetivos e finalidades que constituem a síntese do ideal de se educar, aprender, reaprender e permanentemente educar-se.

Sob tal entendimento a educação é um processo cultural, um processo de vida. É de fundamental importância definir aonde queremos chegar a partir da indagação sobre o que é a vida e o que é o homem. A resposta à complexidade deste questionamento está contida na urgência de uma proposta de educação criadora como possível caminho para uma educação transformadora centrada no desenvolvimento dos níveis de consciência humana.

Vivendo os desafios deste nosso tempo presente, decidimos optar pela esperança, força suficientemente estimuladora para que num contexto de interações, desenvolva uma associabilidade real e sincera, uma visão criativa, uma autenticidade pessoal que venham a

* Vice-Diretora da Faculdade de Educação da Bahia, Professora da Universidade Católica do Salvador e da Faculdade Livre da Terceira Idade.

constituir elementos básicos para uma participação e engajamento solidários e democráticos.

À Comunidade Escolar como um todo cabe grande parcela de responsabilidade com este jovem que necessita romper as suas barreiras tensionais e desenvolver-se integralmente.

Todos os profissionais de educação são chamados a contribuir no sentido de levar este jovem a assumir o nível consciencial de sua realidade. Isto demanda o desencadeamento de um trabalho tecnicamente direcionado. Ao técnico de Orientação Educacional cabe a responsabilidade social e ética de contribuir com o seu saber teórico e prático no sentido de levar à Comunidade Escolar, como um todo, a se comprometer com este jovem globalmente.

Assim é que o S.O.E. como força integrante da escola, atua com parceria no sentido de promover o desenvolvimento máximo das potencialidades do alunado, estimulando-o na consecução de sua formação integral.

Logo, considerado a missão própria de educação, no ato de educar e na experiência de educar-se, completo e inacabado, mantendo a vontade de crescer e aperfeiçoar-se, cabe ao sistema político e social garantir a criança, ao adolescente, ao jovem, ao adulto, ao idoso, as diferentes estações de vida, o direito de realizar-se como pessoa, a mais alta forma de existir. Este projeto justifica-se pela sua natural aspiração que é a de promover meios, modos, procedimentos para no desenvolvimento da situação curricular, construir uma convergência que evolua para síntese que plenifique o novo, o belo e a paz.

Convergência – Todos os elementos, ações e recursos giram em torno do valor do objetivo central do trabalho – incentivar o ser humano à assumir o compromisso com o desenvolvimento da consciência que o capacite a criar e a selecionar valores que orientam suas escolhas e comprovem o valor da vida.

Como processo participativo, pensamos como PLACCO (1994, p. 25) que acredita que

“Na medida em que o educador questiona as relações teoria-prática e os acontecimentos de sua ação pedagógica, entrando em contato com a realidade social, cultural, política, econômica, etc., assume resta realidade e nela atua, de forma transformadora e está desenvolvendo e ampliando sua consciência prática.”

Participando de uma experiência real, em atividade rotineiras da vida de uma escola, com suas oportunidades e dificuldades próprias, estará exercitando a consciência e construindo o senso crítico, baseado em cientificidade, afetividade e assertividade.

Ainda, segundo Placco (1994, p. 25)

“...o educador, em atividades rotineiras, não refletidas, está consciente dos seus atos, mas de forma mecânica. O que se deseja é um educador que saiba o resultado almejado, antecipe seus resultados na mente, saiba que os resultados e as ações necessárias aos mes-

mos são-lhe significativos e fazem parte de sua maneira de ver a educação, o homem e a sociedade e saiba, ainda, avaliar suas ações, em relação aos resultados esperados.”

Enquanto projeto de ensino e disciplina Princípios e Métodos de Orientação Educacional, articulando com o do Estágio Supervisionado, e considerando as necessidades de formação deste aluno, futuro educador:

“Faz-se necessário, ..., possibilitar a esse educador os questionamentos necessários para ampliação dessa consciência, para o redirecionamento de sua percepção sobre a realidade, sobre si mesmo e o outro, sobre sua prática, a fim de que reavalie os critérios por meio dos quais se posiciona e se direciona para essas realidades”. (Placco, 1994, P. 26)

4.OBJETIVOS

4.1 Gerais

- Oportunizar aos alunos do curso de Pedagogia, habilitação em Orientação Educacional, domínio de competência profissional através de experiências de aprendizagem teórico-prática.

- Promover através de laboratório, exercício de habilidades específicas dos alunos estagiários e de Princípios e Métodos de Orientação Educacional II quanto ao desenvolvimento de um de S.O.E; adequado à situação específica da escola onde se realiza a pesquisa prática.

4.2 Específicos

- Articular suas ações às dos colegas de equipe, bem como as ações do S.O.E. ao projeto da Administração e às atividades da Supervisão Escolar, e às de outros serviços existentes na escola e comunidade.

- Participar de processos de decisão conjunta com o Administrador, o Supervisor Escolar, o professor, os pais e a comunidade tendo em vista a qualidade do ensino e a melhoria do desempenho dos alunos.

- Procurar, desenvolver e dispor de meios e instrumentos técnicos de Orientação Educacional tendo em vista finalidades e objetivos do Projeto Pedagógico da escola, as necessidades dos alunos, as demandas da comunidade escolar e as necessidades dos professores.

- Atuar junto a pais, professores e funcionários tendo em vista a melhoria as relações na escola, a capacitação e orientação dos professores quanto ao processo pedagógico e desempenho dos alunos, participação crítica dos pais e comunidade no processo pedagógico.

- Articular propostas de ação do S.O.E. com aspectos estruturais e institucionais da escola, tendo em vista os objetivos do Projeto Pedagógico, a participação da comunidade escolar e da sociedade na execução do mesmo.

5. CONDIÇÕES PARA REALIZAÇÃO DO PROJETO

5.1 Instalações

- Ambiente ou espaço de proporção correspondente às atividades específicas observando-se as condições de iluminação e decoração adequados ou coerentes com os propósitos teoricamente definidos.

5.2 Recursos Materiais

- Equipamento e material de apoio, diversificado em equipamento e material de escritório para garantia do serviço administrativo e em técnico pedagógico de conformidade com os objetivos educacionais previstos, tais como cartazes, álbum seriado, televisão, video-tape, retroprojeter, fitas cassetes.

5.3 Quadro de Pessoal

- Técnico Pedagógico, docente especialista na área de atuação.

- Cursistas da disciplina Princípios e Métodos de Orientação Educacional.

- Estagiários em regime de desempenho profissional preparatório, de acordo com as precauções legais do currículo referente a especialização.

- Pessoal de apoio administrativo

- datilografia

- serviços gerais

6. METODOLOGIA

6.1 Metodologia: busca do referencial teórico adequado ao contexto e à situação.

Embora partindo de uma solicitação particular, a instituição solicitante e a escola escolhida para campo de estágio, estão mergulhadas num contexto sócio-cultural que precisa ser considerado.

Mello (1994, P. 30 – 38) afirma que as demandas educacionais do Terceiro Milênio se caracterizam como novas exigências para a gestão educacional.

Convivem com as novas demandas de informação e formação solicitadas pelas inovações tecnológicas bem como as exigidas pelas mudanças ocorridas na cultura, na economia, na política e na ciência; dificuldades de caráter estrutural e político que modelam o comportamento dos especialistas e profissionais da educação e comprometem o resultado do ensino.

Para Lúcia Rezende, em sua obra "Projeto-Político Pedagógico da Escola – uma construção possível":

"... é possível perceber a figura dos chamados especialista em educação e administradores, que estigmatizados pelo próprio rótulo, exibem posturas freqüentemente marcadas pelo ativismo, pelo burocratismo, pela afetividade e pelo democratismo". (Rezende, 1995, p. 54-55)

A autora verifica que, a par da competência técnica e política exibida de modo geral pelos especialistas e administradores, a atitude dos mesmos, na prática, adquire contornos de qualidades tais como coragem ("re-

mar contra a maré"), crítica (que revela a crise sem propor superação), posturas ingênuas (não percepção das contradições e dicotomias que são a fonte do fracasso do aluno e da escola na sociedade).

Mello (1994, p.173) "declara que é fácil descrever uma escola eficaz, mas bastante difícil explicar o processo pelo qual se desenvolveu nessa direção.

Acredita a autora do livro "Cidadania e Competitividade: desafios educacionais do Terceiro Milênio", que a construção desta eficácia é desafio a ser enfrentado pelos profissionais da escola para romper a barreira do senso comum, valorizando esta cultura e empreendendo esforço na construção desta postura (Mello, 1994, p. 173-183).

O enfrentamento das dificuldades próprias deste processo só é possível através da participação de todos nos planejamentos das atividades pedagógicas, na avaliação dos resultados envolvendo pedagogos, professores, pais, funcionários e comunidade no processo.

Neste projeto, propõe-se que o Estágio Supervisionado, facilite e oportunize a construção desta visão e atitude levando o aluno a viver, na prática, a interação, em situação concreta, com a escola, a comunidade escolar, o aluno, o currículo, os problemas na gestão, no rendimento escolar e as diversas relações que a vida na escola engendra.

A experiência administrada, acompanhada, coordenada e gerenciada pelo titular da Disciplina de Estágio Supervisionado, deve estimular a busca de soluções criativas para as questões do cotidiano, promovendo formação e qualificação profissional do aluno-estagiário de Orientação Educacional, através da prática.

Em face destas propostas pedagógicas, escolhemos a pesquisa-prática como método científico de busca e construção do conhecimento.

Para Demo (1994, p. 38).

"... a pesquisa prática destinada a intervir diretamente na realidade, a teorizar práticas, a produzir alternativas concretas, a comprometer-se com soluções."

Demo (1994, p. 9) acredita que a metodologia científica tem status na estratégia que facilita o processo de construção do conhecimento, na Universidade ou em qualquer nível do sistema educacional. Com papel de incentivo à pesquisa enquanto uma propedêutica construtiva, vê, a metodologia científica como instrumento fundamental para "construir a capacidade de construir conhecimento"

Para ele o trabalhador e cidadãos modernos, precisam aprender a aprender e saber pensar, para intervir de modo inovador. Esta visão de domínio de habilidades e conhecimentos, bem como dos processos de construção e produção dos mesmos, vão além da aprendizagem adquiridas em treinamentos, aulas, ensinos, instruções, etc.

Através desta metodologia, integrando alunos de PMOE e estagiários da habilitação, na experiência com a escola, o trabalho se desenvolverá tendo por base o

questionamento sistemático e criativo, a intervenção competente na realidade, através do diálogo permanente com esta, em seu sentido teórico e prático (demo, 1994, p. 34), reinventando o conhecimento.

Assim, desenvolve uma atitude cotidiana, não presente apenas na sofisticação e especialidades dos professores, mestres e doutores do contexto acadêmico, mas também no processo educativo.

Neste espaço privilegiado de experiência os alunos, estagiários, especialistas e profissionais da escola aprendem a prender e a pensar rigorosa e cientificamente.

Demo, relacionando pesquisa e construção do conhecimento afim que este é:

“... o diferencial maior dos países em termos de oportunidade de desenvolvimento, e de que este tipo de construção deve ser abarcado, definido e promovido pelo sistema educacional, especialmente pela universidade, para que o desenvolvimento seja humano e sustentado” (Demo, 1994, p. 9).

6.2 Metodologia de desenvolvimento - O projeto terá um coordenador geral, que na Administração funcionará através dos seguintes níveis:

* Função de Gerente (Prof^a. titular) terá como atribuições:

* Assumir em co-responsabilidade pela execução, avaliação e replanejamento da experiência;

* Identificar e sensibilizar os participantes das equipes administrativas e técnico pedagógico;

* Definir em regime cooperativo, as funções do pessoal envolvido;

* Funções específicas (técnico-pedagógicas);

* Funções afins de acordo com o cronograma de atividades.

* Supervisionar a participação dos alunos-estagiários, bem como os alunos da Disciplina de Princípios e Métodos de Orientação Educacional I e II (em atividade de observação no projeto) e III – Estágio, sugerindo, informando, orientando e avaliando quanto às ações a serem desencadeadas pelos mesmos na escola.

6.3 Controle Avaliativo do Projeto - Compreende uma série de procedimentos visando a ação gerencial administrativa, e a supervisão do desenvolvimento do Projeto de acordo com os objetivos. Exemplos de linhas de ação: Estabelecimento de reuniões conforme os tipos mais adequados ao sucesso das atividades.

* Reuniões semanais gerais;

* Reuniões de direção periódicas;

* Reuniões especiais (solução de problemas identificados)

Atividades especiais (lista de eventos chaves e problemas chaves)

* Esforço concentrado

* Esforço contínuo

A depender das peculiaridades da experiência das técnicas e do desempenho dos participantes.

6.4 Critérios de Avaliação

Baseados nos princípios norteadores da tomada de decisão, serão os desempenhos e ações dos alunos e do próprio S.O.E. em implantação avaliados de acordo com os seguintes critérios:

- liberdade baseada na participação democrática
- participação / vontade e compromisso
- organização: planejamento, material, tempo, tarefas
- replanejamento
- estudo: fundamentação teórica
- pontualidade / assiduidade
- solidariedade
- postura
- contextualização
- articulação

6.5 Controle do Tempo

* Montagem de um cronograma geral

* Montagem de cronograma parciais

* Montagem de Fluxograma circuito de informações

- Mural

- Circulares

- Boletim Informativos

- Registro em formulários

6.6 Técnicas e Instrumentos de Avaliação

* Entrevistas

* Reuniões

* Sondagem de opinião

* Questionário

* Relatos

* Depoimentos

* Fichas

* Relatórios

* O processo avaliativo deverá ser contínuo, cumulativo, gradual, constante, seqüencial e progressivamente mais abrangente, movendo-se numa dinâmica coerente e cooperativa, sempre à luz da filosofia educacional inspiradora do empreendimento e dos princípios estabelecidos.

Conforme a natureza e a amplitude do projeto, ora em ação preliminar, o sistema de avaliação, funciona em linhas pluridimensionais, incluindo todos os seguimentos profissionais envolvidos, bem como considerando os resultados da aprendizagem, da ação do professor, das condições do aluno, das condições da escola.

7. PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA TOMADA DE DECISÃO

bases para critério e avaliação

7.1 Liberdade/democracia: entendido como espaço aberto à avaliação contínua da experiência no que se refere ao desempenho aluno/professor, conteúdos, ati-

vidades propostas; desempenho, individual e grupal, dificuldades, propostas, resultados.

7.2 Participação: entendida como vontade pessoal, compromisso, perseverança, iniciativa, ser presença viva, contribuinte, crítico, criativo, ____ ouvindo, lendo, refletindo, propondo, aceitando, errando e acertando, construindo, analisando, sintetizando, aprendendo.

7.3 Organização: condição necessária a realização da experiência proposta, tendo como focos:

- planejamento da ação: com visão de conjunto, de modo participativo;
- organização do material: consulta, registros, relatos, fichas;
- organização das tarefas: seqüência, duração;
- avaliação constante do trabalho: replanejamento.

7.4 Estudo: entendido como condição necessária ao saber, gerador da competência e passando pela leitura, pesquisa, discussão, debate, análise, comparações, generalizações.

7.5 Pontualidade/assiduidade: o acompanhamento freqüente e pontual permite o cumprimento pontual a todas as tarefas;

7.6 Solidariedade: entendido como necessidade básica do ser humano na sua relação consigo, com o outro, com o mundo: (estar aberto, saber ser).

7.7 Postura: entendida como necessidade do homem e condição facilitadora ou não de um bom relacionamento, devendo ser considerada nas perspectivas de:

- estudante universitário (PMOE, I e II) – aluno-estagiário
- profissional de educação
- cidadão

7.8 Contextualização: propostas nascidas e orientadas pelos aspectos constitutivos e pessoas envolvidas no contexto externo, tendo em vista o currículo, o projeto pedagógico, o desenvolvimento da pessoa e do cidadão crítico.

7.9 Articulação: proposta e realização de ações articuladas com as da Supervisão Educacional, da Administração, dos docentes e funcionários.

8. PLANO ESPECÍFICO DE AÇÃO

Áreas de ação direta

ESCOLAR

- * conhecer o projeto pedagógico, o currículo, as práticas propostas e efetivamente vividas.
- * conhecer a estrutura organizacional, física, material, de pessoal.
- * resultados da ação pedagógica: aprovação, reprovação, evasão, dificuldades, aquisições.

* cultura organizacional: filosofia, crenças, atitudes, práticas (ideais e reais).

* desempenho dos alunos x hábitos e técnicas de estudo.

* maturidade individual e grupal x desempenho escolar.

* avaliação do desempenho dos professores x resultados da aprendizagem e desempenho dos alunos.

FAMILIAR

* relacionamento da escola com os pais.

* troca de informações e ações conjuntas escola-família.

* desempenho escolar x relacionamento familiar.

VITAL (do aluno)

* rendimento escolar: individual e grupal.

* desempenho escolar x maturidade.

* relacionamento: colegas, professores, comunidade.

* auto-percepção: conhecimento de si e do outro.

* desempenho escolar x saúde, lazer.

VOCACIONAL

* percepção do cenário profissional, oportunidade, demandas, necessidades, riscos: conhecendo o mercado.

* Sondagem de interesses e aptidões: conhecendo a si mesmo.

* Informação profissional: conhecendo o trabalho.

* Orientação Vocacional: em contato com a realidade pessoal e de mercado.

AÇÃO INTEGRADA

À Direção

* Articulação das ações ao plano de Direção.

* Avaliação e acompanhamento do trabalho do SOE (gerenciamento das atividades).

A SUPERVISÃO ESCOLAR

* Acompanhar o desempenho do aluno, das turmas, a relação professor-aluno, aluno-escola, qualidade dos resultados da aprendizagem.

* Coordenação e organização do Conselho de Classe tendo em vista a análise resultado da aprendizagem x ação pedagógica, tendo como norte o plano pedagógico e o currículo escolar.

* diagnóstico das necessidades grupais e individuais tendo em vista melhoria do desempenho escolar.

* diagnóstico das dificuldades individuais do aluno no contexto escolar.

* apoio e integração às promoções especiais: prevenção ao uso de drogas, sexualidade, modernidade e inovação tecnológica, cidadania, etc.

AOS PROFESSORES

- * coleta e fornecimento de dados sobre os alunos tendo em vista a ação do professor no processo.

- * caracterização das turmas quanto ao rendimento escolar.

- * caracterização das turmas quanto etapas de desenvolvimento, características sócio-emocionais e culturais.

- * Diagnóstico de causas que afetem o rendimento escolar e busca de alternativas de enfrentamento com a escola, o professor, os pais.

- * Diagnóstico sobre condições individuais, aptidões e interesses tendo em vista orientação pelo professor e trabalho no cotidiano escolar.

- * Propor ações dos professores junto aos pais tendo em vista sua participação na vida da escola.

AOS FUNCIONÁRIOS

- * diagnóstico sobre participação na relação escola-aluno-família.

- * Baseado em levantamento de necessidades sugestão de informações, cursos, formação e aprimoramento profissional.

A COMUNIDADE

- * articulação das atividades planejadas com os recursos e práticas da comunidade, incluindo a contribuição dos pais como profissionais em palestras, cursos, debates.

AO SISTEMA

- * Atendimento às demandas criadas pela realização do estágio.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PLANO ESPECÍFICO

- * reuniões

- * estudos em conjunto com SE, AE

- * planejamento: participação da construção coletiva

- * estudo de caso

- * atendimento individual ou pequeno grupo

- * dinâmica de grupo

- * conselho de classe

- * cursos

- * entrevistas

- * seminários

- * palestras

- * oficinas

ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

- * Atendimento ao aluno com dificuldade de aprendizagem e ou comportamento.

- * Organização e execução de sessões coletivas com alunos que apresentam problemas de adaptação escolar.

- * Coordenação e execução das atividades de Representante da turma.

- * Incentivação das atividades de enriquecimento curricular na Unidade Escolar que atua.

- * Coordenação e execução das atividades de sondagem de prontidão.

- * Participação em atividades de estimulação ao processo de ensino e aprendizagem.

- * Assistência as turmas com dificuldades de adaptação escolar.

- * Coordenação das reuniões de Pais e Mestres.

- * Co-participação de Palestras, Seminários, Oficinas e demais atividades Pedagógicas.

- * Coordenação e participação em atividades dirigidas a pais, professores e funcionários.

- * Participação nas atividades de Planejamento, Avaliação do Processo, Replanejamento.

ATRIBUIÇÕES AFINS

CA

- * Participação em reuniões de pais e mestres.

- * Participação em reuniões de cunho pedagógico.

- * Participação em encontros e cursos de atualização.

SE

- * Elaboração, execução e avaliação de projetos.

- * Apreciação de resultado da aprendizagem.

- * Participação no processo avaliação escolar.

- * Participação em encontros confraternização.

OE

- * Participação nas atividades dinamizadoras e festivas do currículo.

- * Participação em reuniões com o pessoal administrativo.

- * CA – Coordenação Administrativa

- * SE – Supervisão Educacional

- * OE – Orientação Educacional

Os encontros da professora com os estagiários realizados nas unidades escolares (e não na Faculdade de Educação da UCSAL) facilitam o desempenho das atividades pela participação efetiva da Diretoria, Coordenação Pedagógica corpo docente e as vezes discente na elaboração do cronograma de atividades.

A culminância do estágio tem sido efetuada através de relatos de experiências do estágio e exposição ilustrada com fotografias, na Faculdade de Educação da UCSAL, com a presença de alunos de Princípios e Métodos de Orientação Educacional I e II, futuros estagiários.

Para êxito do Projeto sempre contamos com a colaboração e apoio do Reitor José Carlos Almeida da Silva, da Diretora Itala Simões e Vice-Diretora Margarida do Lago.

COMENIUS PRESENTE

Bohumila Araújo*

Quando em março de 1992 realizamos, sob a coordenação do Dr. Edivaldo Boaventura, na época Presidente da Academia Baiana de Educação, uma exposição na Biblioteca Central da UFBA para homenagear o grande pensador e filósofo de origem tcheca, J. A. Comenius por ocasião dos 400 anos do seu nascimento, não imaginamos que o seu ideário fosse repercutir de um modo tão intenso - tanto na Bahia como a nível nacional. Seguiram-se várias conferências, o tema comeniano esteve presente em várias reuniões da SBPC e da ANPED, houve ensaios e livros publicados (*Comenius: a persistência da utopia em educação*, de W. A. Kulesza; *Comênio ou da arte universal de ensinar tudo a todos totalmente*, de J. L. Gasparin; *A atualidade do Pensamento Pedagógico de Comenius*, de B. Araújo).

Nos últimos meses, Comenius continuou firme e atuante: em outubro passou pelo projeto cultural "Quintas da Torre" da Livraria da Torre no Rio Vermelho (Comenius e as novas tendências na educação para o terceiro milênio), em novembro viajou para o interior para conhecer o Instituto de Educação Comenius, em Jacobina, onde por ocasião do 2º aniversário do Instituto reuniu o seu corpo docente, auxiliar, dirigentes e vários segmentos da comunidade para realizar uma animada e alegre oficina, bem nos moldes comenianos. Além disso, foi realizada a palestra na Faculdade de Formação de Professores da UNEB, em Jacobina. Agora, o tema Comenius está convidado para o Seminário sobre Educação e Sociedade do Mestrado em Educação na UFBA, para a Universidade Católica de Brasília e para participar de Mesa Redonda durante a 50ª Reunião Anual de Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência que acontecerá no próximo mês de julho (12 a 17) em Natal.

Por que esse interesse todo por um pensador que está separado do nosso *aqui e agora* (*hic et nunc*) por quatro séculos? Por que esse fascínio que o seu pensamento continua exercendo sobre nós até hoje? A sua incrível dialogicidade pode ser facilmente explicada quando nos lembramos das palavras de Paulo Freire, inesquecível educador brasileiro, recentemente falecido. Idealizador das campanhas de alfabetização, cuja con-

cepção metodológica em ensinar a partir das coisas reais e conhecidas, se aproxima tanto ao ideário comeniano, afirma que o diálogo é uma exigência existencial. Se o diálogo é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. Quando o nosso contemporâneo Paulo Freire declara que não há diálogo se não existir um profundo amor ao mundo e aos homens, já que a pronúncia do mundo é um ato de criação e recriação, Comenius parece lhe responder em *Consulta Geral sobre a Reforma das Coisas Humanas*: "...europeus, asiáticos, africanos, americanos e os habitantes de quaisquer ilhas são todos o povo de Deus, nascido do mesmo sangue, e todos devem amar-se como os ramos de uma árvore."¹ Mais adiante, Comenius acrescenta: "*Os nossos esforços devem conduzir a uma grande luz, uma grande verdade para todos, uma grande chama de amor, uma grande paz universal*"².

O diálogo pode prosseguir. De um lado, Freire opina que para haver diálogo, há de haver humildade: "*A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante*."³ Do outro lado, nas páginas iniciais da *Didática magna*, Comenius surpreende o leitor com as palavras de extrema despretensão: "*Os que me conhecem de perto sabem que sou homem de inteligência medíocre e de limitada cultura. No entanto, lamento os males da nossa época e desejo mais que ninguém corrigir nossos defeitos e não só por meio das minhas descobertas como das dos outros. /.../ Cristo sabe que é tão simples meu coração que não encontro diferença entre ensinar e ser ensinado, advertir e ser advertido, ser doutor dos doutores e discípulo dos discípulos*."⁴

Este diálogo poderia estender-se por muitas páginas. Vamos finalizá-lo lembrando que Freire acha que o diálogo implica intensa fé nos homens, fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. Na sua opinião, tem de estar presente também a esperança, já que a esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, impelindo a uma eterna busca da perfeição. A fé e a esperança,

* Bohumila Araújo é pedagoga e ensaísta; responsável pelo Setor Internacional da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA

assim como o amor ao próximo, o amor que alimenta os princípios igualitários, são valores que Comenius professa com frequência e que fazem parte do seu código de ações e representações, reconstituindo e atualizando constantemente a sua mensagem.

Vemos assim que as épocas ou mesmo o tridimensionamento do tempo (passado-presente-futuro) não são compartimentos fechados, ao contrário, as idéias de diferentes épocas estão em relação umas com outras, em permanente devenir, na dinâmica da continuidade histórica.

Jan Amos Komenský (28.3.1592-15.11.1670), mais conhecido pelo nome latinizado Comenius, nasceu e viveu sua infância e juventude na Morávia, hoje em dia parte da República Tcheca. Toda a sua vida, desde a tenra idade até o seu falecimento, ficou indelevelmente marcada pelas lutas religiosas da Reforma versus Contra-Reforma e pela tempestuosa Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) que atingiu praticamente todos os países da Europa, dilacerando política e religiosamente os velhos feudos. Por isso mesmo Comenius sempre dá tanta importância à educação para a paz - interna e externa.

Comenius surge na Europa Central no momento em que se registra a evolução quantitativa da instrução, exigida e facilitada pela invenção da arte da imprensa e pelo surgimento da nova força político-econômica - a burguesia, cujo código de ações e pensamento encontra a ressonância no protestantismo que simboliza a contestação das velhas estruturas.

Em 1628, em consequência do decreto imperial que instituiu como a única religião admissível na Boêmia e na Morávia a religião católica romana, Comenius se vê obrigado a deixar a sua terra natal e parte, juntamente com mais de 30 mil protestantes tchecos e moravos para o exílio. Percorreu vários países da Europa, tendo atuado, sobretudo, na Polônia, Hungria, Inglaterra, Suécia e Holanda.

A versatilidade de Comenius é um fenômeno incomum: foi escritor, educador, cientista, teólogo, filósofo e cartógrafo. No Brasil, Comenius é conhecido sobretudo como pedagogo e sistematizador que, com sua *Didactica magna* construiu uma base científica da pedagogia.

Preocupado em superar análise e síntese, Comenius cria o método sincrítico que se baseia na teoria de que o universo é formado em camadas paralelas cujos princípios mais significativos correspondem um ou outro. Estas camadas possuem relações recíprocas, cada uma representando a expressão adequada da outra. A síncri-se comeniana, na sua preocupação de estudar as relações orgânicas das partes com as totalidades se assemelha à visão holística, uma das tendências que marcam claramente os novos paradigmas na educação. Depois de conhecer o assunto analítica e sinteticamente, na opinião de Comenius, o aluno deve reunir partes e totalidades para uma adequada comparação, destacando-se

o momento dinâmico da ativação dos discípulos, estímulo para manipular, assimilar e gerar conhecimento, transformando o saber em saber fazer.

A síncri-se e a educação para a panharmonia, para a paz, representam os elementos básicos do discurso comeniano e estão presentes em *Didáctica magna*, *Escola pansófica*, *Ventilabrum sapientiae* (*Ventilabro da sabedoria*) e, sobretudo, em seus escritos filosóficos, como *Labyrint sveta a ráj srdce* (*O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração*), *Via lucis* (*Caminho da luz*) ou o monumental *De rerum humanarum emendatio consultatio catholica* (*Consulta geral sobre a reforma das coisas humanas*).

Comenius tenta resgatar, através de todas as suas ações, o antigo significado da escola (para gregos "scholê" designava distração, lugar de alegria): quer transformar a escola num lugar saudável e agradável, onde se ensine e aprenda com amor e interesse, sem qualquer violência. O seu lema "*Absit violentia rebus - omnia sponte fluant*" (*Que violência esteja ausente das coisas - que tudo flua espontaneamente*) exige dos professores a habilidade de despertar nos alunos o interesse e amor para a aprendizagem, já que o aluno motivado aprende com rapidez, facilidade e solidez.

Um exemplo primoroso das convicções pedagógicas de Comenius é, sem dúvida, *Orbis sensualium pictus*, considerado o primeiro livro didático ilustrado, destinado às crianças. Sendo programado para o ensino de dois idiomas - latim e língua materna, cada fenômeno da natureza ou atividade humana é representado por um desenho, sendo a descrição feita em dois textos paralelos. O livro teve uma rápida aceitação, tornando-se um verdadeiro "best-seller". Muitas edições que se seguiram eram destinadas ao ensino de outras línguas, aparecendo ao lado do texto latino traduções em até oito línguas!

Consulta geral sobre a reforma das coisas humanas representa a síntese do ideário pansófico comeniano, os seus anseios de harmonia universal e sabedoria para todos. É dividida em sete partes: *Panegersia* (Despertar universal); *Panaugia* (Iluminação universal); *Pansophia* ou *Pantaxia* (Sabedoria universal ou Ordenamento universal); *Pampaedia* (Educação universal); *Panglottia* (Linguagem universal); *Panorthosia* (Correção universal); *Panuthesia* (Exortação universal).

Na *Consulta Geral* podemos encontrar tudo o que hoje em dia chamamos de novas tendências na educação para o terceiro milênio, desde a educação para a paz (interior e exterior), transdisciplinaridade (que traz interações e reciprocidade entre pesquisas especializadas, fazendo pontes entre várias áreas, procurando situar essas ligações no interior de um sistema total sem fronteiras entre diversas disciplinas), síncri-se que na sua concepção se aproxima ao holismo e globalização que implica perspectivas comuns. A fim de implantar a filosofia universal, a política universal e a religião universal, Comenius sugere a criação de três tribunais: *Collegium*

Lucis (Colégio da Luz) - para os assuntos relacionados com a ciência, com a língua universal e com as instituições de ensino; *Dicasterium Pacis (Tribunal da Paz)* - para assuntos jurídicos e políticos; e o *Consistorium Oecumenicum (Concílio ecumênico)* - para os assuntos ligados à religião.

Ao estudar a sua vasta obra, percebe-se que Comenius formulou questões e pensamentos que vão além do seu contexto, no tempo e no espaço. As idéias de Comenius não lhe pertencem mais: elas estão aí presentes no que a chamada escola tradicional tem de melhor e no que os sistemas educacionais consideram seus axiomas básicos. Por isso o estudo do seu ideário é válido não somente como parte da história (ou como alguns exageram e dizem da "arqueologia" da educação), mas como uma fonte viva de inspiração para novas propostas

e pesquisas. No momento da passagem para o terceiro milênio, marcada pela crise dos paradigmas, crise econômica e financeira, perda da identidade e pela decadência do humanismo, ressurgimento de preconceitos raciais e religiosos, violências e ódios, o pensamento comeniano ressuscita a importância e a força dos valores humanísticos da harmonia, tolerância e respeito pelo Outro.

¹ Comenius, Johannes Amos. *De rerum humanarum emendatio consultatio catholica*. Praga, Ed. Svoboda, 1993.

² Id. *ibid.*

³ Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

⁴ Comenius, Johannes Amos. *Didática magna*. Tradução de Nair Fortes Abu-Merhy. Rio de Janeiro: Organização Simões, Edições Mo-saico, 1954.

ISAIAS ALVES

O FORMADOR DE MESTRES

Leda Jesuíno*

Faz exatamente hoje, 45 anos Em 15 de março de 1943 um mestre, de Santo Antônio de Jesus, diante de um auditório qualitativamente rico e quantitativamente numeroso, num antigo solar da sua terra, denunciava assim com um destemor correspondente ao seu entusiasmo, o statu quo do meio intelectual onde vivia: “encararemos o isolamento dos homens de estudo de nossa terra, investigando as causas da nossa pobreza bibliográfica, da penúria de nossas publicações científicas, quer em revistas, quer em livros, e da ausência de cooperação entre nós mesmos, ou de comércio intelectual com outros meios científicos ou literários do país e do estrangeiro”.

Não eram simples palavras do ilustre professor ISAIAS ALVES DE ALMEIDA.

Refletiam, dentro da “maré montante de idéias contraditórias”, – desse modo, ele retratou o seu tempo –, o seu pensamento e, mais do que isso, um sentir intelectual da época, se é que assim se pode denominar um estado de espírito de um cidadão sensível ao clima do seu habitat. Esse clima favorecia, segundo seu próprio dizer, aos “perigos da receptividade das massas ao efeito da propaganda sistematizada, no sentido da implantação de sistemas comerciais, sociais ou políticos, distribuídas as causas desse êxito entre econômicas, educacionais, artísticas, morais e religiosas.”

Fundamentado em John Burbacher, em Dewey, entre outros pensadores nacionais e estrangeiros, o amadurecimento mestre de Santo Antônio de Jesus, professor ISAIAS ALVES DE ALMEIDA, faz 45 anos pronunciava o Discurso de inauguração da novel Faculdade de Filosofia da Bahia, abordando o significativo tema: missão nacional e humana da Faculdade de Filosofia. Um tema, aliás, que permitia ao velho mestre disquisições em torno da conjuntura socio-cultural do seu tempo, que o fazia, por certo, meditar, e o conduzia naturalmente ao aprofundamento das suas reflexões.

E essas reflexões abrangiam o variegado leque das diferentes áreas do conhecimento humano, sobre os quais o homem desenvolve todo um processo de racional labor.

ISAIAS ALVES demonstrava, então, visível preo-

cupação com o problema da liberdade tão atual na década de 40, como sempre será em qualquer época ou lugar onde o homem tente sua realização pessoal. E discute então a tese de Dewey, de que o totalitarismo na Alemanha teve êxito pelo vazio deixado pelo desaparecimento das antigas crenças teológicas.

Estamos em pleno e total impacto da 2ª Guerra Mundial, iniciada em 1939. Mestre ISAIAS pondera que o mal da debilidade social causado pela queda do sentimento religioso não é uma afirmativa que o convença, mesmo relembrando que seja a limitação da influência do conhecimento científico, de lentíssima infusão na consciência coletiva, na direção das massas. “Outra parece ser a causa, outro parece ser o fluxo do pensamento”. E defende a tese de que “quase de chofre, os povos germânicos eslavos foram transportados da mentalidade jurídica medieval para as surpresas do romantismo político continental, a que se não puderam ajustar”. Apresenta como causa, ausência da consciência democrática, profundamente cristã, que se não chegou a formar, no continente europeu e que se desenvolverá lentamente, entre repetidas e sanguinolentas revoluções, no solo inglês, para transportar-se para as colônias que formam os Estados Unidos da América do Norte, onde criaram a democracia de Jefferson e de Hamilton, e pouco a pouco modificada até alcançar a mentalidade do New Deal”.

O pensamento do mestre ISAIAS se desenvolvia mais ou menos nesse fluxo e, concordando com Brubacher, ele assim se pronuncia sem receios: “os livros e os pensamentos da escola colonial e puritana, cheios da dignidade da morte, foram desalojados pela filosofia do êxito nas alamedas floridas da vida, na conquista dos bens terrestres, cujo gozo, vieram perturbar as violências da guerra devastadora”.

Os queridos mestres e colegas que me ouvem e os poucos que vivenciaram o clima que se instalou em Salvador em plena guerra mundial, quando o black-out tornou intranquila a população e as restrições do mercado transformaram o borborinho alegre da cidade em uma atmosfera densa de medo e preocupação que a envolveu, podem melhor se aperceber das elocubrações do mestre ISAIAS em torno do momento político em que se emaranhava o mundo. Estava convicto de que a luta deveria ser “em defesa das liberdades democráticas,

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

conjunto das regalias da pessoa humana em ação na sociedade”.

Debruçou-se sobre o problema da imigração, referindo-se “à invasão imoderada de novos padrões de vida a serem impostos à nacionalidade”. E solta um grito de alerta: “Quem acompanhar o desenvolvimento da ação envolvente ou solapadora de culturas alienígenas, orgulhosamente consideradas superiores e que não realizaram sequer uma parte da obra multise secular dos portugueses, sentirá a gravidade do mal a que se acha exposto nosso país, a braços com a desnacionalização dos costumes em vários pontos do território nacional”.

O após guerra o preocupava sobremodo. Como educador que era, sentia-se no dever de preparar a juventude de então para o advento do após guerra, juventude que deveria estar plena de confiança na “subordinação da violência ao império da justiça, da beleza e da humanidade”.

Acreditava na América e nos destinos do cristianismo redivivo e afirma: “esse despertar da América é a garantia da continuidade da obra libertadora do cristianismo começada na pregação de jesuítas e beneditinos, carmelitas e franciscanos, dominicanos, salesianos e redentoristas, evangélicos e anglicanos, metodistas e luteranos, presbiterianos e batistas, percorrendo impérios, florestas, palmilhando estradas semeadas de cardos, para erguerem no amplo e límpido céu do continente, a voz da piedade, que não podiam ouvir os corações cheios de ódio da fatigada europa milenária”. “A América nos dá ambiente para enriquecer a juventude com os nobres destinos do Cristianismo; nós a sentimos, nós a vivemos no calor do seu idealismo na sua nobreza juvenil. Era para ele o Continente esperança da civilização ocidental”. E lamentava: “essa triste Europa barbarizada, causa-nos lástima, desperta-nos horror, na rudeza dos seus golpes fratricidas, na crueza de seus sentimentos anti-cristãos, na fragilidade de seus recursos para defender as conquistas democráticas, por cuja garantia a vida deve ser incessante vigiar e prevenir a displicência, o amor ao conforto, o horror à responsabilidade. Demonstrava assim o homem afetivo que era, sentimental por excelência, que até as lágrimas chegava quando o emocional transbordava.

Mais se adentrava na análise do mundo brutal que o cercava com as agruras de uma guerra devastadora, envolvendo homens convulsionados pelas paixões, mais compreendia os perigos de uma tecnologia sem humanismo. Ouçamo-lo: “Eis que ao lado da ciência e seus inventos, imperiosa é a necessidade da sabedoria e de alta moralidade, para que se não eternizem as vantagens do capital dos produtores, recaindo os percalços da vida somente sobre o consumidor e o operário. A ciência deve progredir para o bem do homem como veículo do espírito e como instrumento de paz, de harmonia e de justiça”.

Humanismo e abnegação foi o título que considerou mais consentâneo para as suas reflexões feitas aos bacharéis da Faculdade de Filosofia de 1949.

Acreditava no potencial humano com a mesma fé com que se debruçava sobre a criança para perscrutá-la, observar-lhe as reações dentro do método rigorosamente científico de Nagge sobre observação, afim de que, da investigação da criança brasileira no seu comportamento psicológico, fosse possível traçar diretrizes para os educadores”.

“O progresso da ciência foi a entronização da técnica e a humanidade não vê como conjurar o mal que esta preparou”. Agora mesmo – observem os senhores a atualização dessas considerações – seria lugar comum referir o pavor que atormenta cabeças coroadas ou as simples almas sensíveis, ao passo ciclópico do domínio militar da energia atômica. Equilibram-se exércitos, calculam-se vitórias ou prenunciam-se ruínas, sem perder de vista o mundo de força da matéria infinitamente pequena. Será talvez surpresa culminante, o momento da deflagração involuntária desse dispositivo técnico, a serviço do bem do mal, que a ciência, indiferente, desconhece”.

Com essas idéias que o mundo convulsionado de então lhe sugeria, propositadamente o educador elocubrava que o cercava de dúvidas, inquietações e perplexidades.

Não eram meditador passivo, contemplador estático do stato quo. Acostumaram-se a lidar com fatos que exigiam atos executivos.

Com essas idéias que intencionalmente quisemos apresentar, – tanto quanto possível com as suas palavras, “ipsis literis”, – ISAIAS ALVES o educador, estava preocupado não só com os seus deveres de cidadão para com a sua terra, a sua gente, mas com os deveres de educador, deveres esses que poderiam conduzi-lo e à educação nacional, a uma obra de reconstrução para ajudar a transformação da situação que ele tão veementemente denunciava de público. Seu dever primeiro era fazer com que essas suas preocupações não se limitassem a lamentações. Considerou a “hora apocalíptica” e declarou que não era mais hora de “oratória flamejante, das explorações tribunícias”.

E acreditou firmemente na juventude da sua pátria. Preparou-se então para criar um dispositivo educacional para prepará-la. E arregimentou, naquele momento histórico, as suas reflexões, para preparar os jovens de sua terra. E a forma mais abrangente que encontrou foi exatamente institucionalizar um instrumento que preparasse jovens que absorvessem a missão pedagógica de formar outros jovens, e assim progressivamente. Talvez assim, no âmbito educacional, se conseguisse o Sonho do Ideal, ideal assim formulado nesta patética exortação, que na década de 40 era mais assimilável. Ainda ouvimos, agora como então, a sua voz: “Ensina a verdade, na humanidade tranqüila do vosso sacerdócio, na coragem serena de vosso sacrifício, iluminados pela Fé nos

destinos do homem, construindo um templo em da escola e erguendo um altar em cada coração". Seria um sonho ou uma utopia do velho mestre? De fato já não era tão jovem. "Foi sem dúvida Mannheim quem descobriu a razão profunda do valor extremamente positivo, democrático e dinâmico da utopia, ao notar a importância do desejo de mudança de um projeto, que leve o autor da utopia a prever e a desejar uma outra situação. A utopia não é um mero sonho, porque a utopia, ao invés do sonho, pretende realizar algo aqui nesta terra.

Cada vez que o educador reflete a sua ação e, portanto, pondera as repercussões duma mudança na educação, realiza de fato, uma utopia. É por isto mesmo que a utopia é tão ligada à reflexão pedagógica. No entanto, vale a pena lembrar que a utopia, diz muito bem Pierre Furter, com quem tive a satisfação de trabalhar – é marcada pela imaginação. A imaginação é ambígua. Esta ambigüidade obriga o educador a refletir sempre duma maneira crítica as suas utopias, a fim de não se deixar levar por uma lógica da imaginação que pode ser totalmente delirante. Mais uma vez a situação filosófica do educador nos parece difícil, por que ele é, ao mesmo tempo, tanto um homem que pensa no futuro e que se encontra, portanto, além do atual, quanto o homem de realidade cotidiana, totalmente engajado no presente. O educador, sentencia Furter, torna-se um elemento positivo na sociedade, quando é capaz de fazer desta contradição um elemento dialético".

O Dr. ISAIAS, como era chamado por muitos, foi esse educador, esse elemento positivo na sociedade.

Acreditava na tradição dinâmica, execrava a tradição estática que julgava um peso morto na alma das multidões; confiava na tradição ativa e repelia a tradição estática que por si só, diz o mestre ISAIAS, "é incapaz de influir na orientação do espírito nacional".

Encontrava-se, agora, preparado para contribuir um pouco para a transformação do statu que no seu âmbito de ação. Intellectualmente, detinha matrizes geradoras de idéias; no plano emocional, sentia toda a estimulação dentro de si mesmo, – afinal era um mestre e possuía, no plano da ação, uma qualidade rara: a firmeza da vontade, a férrea determinação da perseverança e, no plano social, poderia contar com colaboradores que, como ele, tinham a fé nos jovens do amanhã de após guerra e sentiam a necessidade de fazer algo por aquela geração que, em plena guerra iria enfrentar o desconhecimento que certamente viria.

Propôs-se, pois, ISAIAS ALVES DE ALMEIDA, na década de 40 à fundar, mirando-se sobretudo no espelho de São Paulo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia, para nela, por ela através dela, formar os membros do incógnito amanhã do após guerra.

Acreditando na tradição dinâmica e reflexiva "que congregaria a coragem e audácia dos moços, a firmeza e esclarecimento da idade viril, a sabedoria e consciência do dever cumprido das gerações que se aproximavam do fim do seu labor, na comunhão de esforços pela

construção do país", idealizou o lema da novel Faculdade que marca, até hoje, os que por lá passaram: *Brasílium Sobolem, Tradicione Paro* – Preparo com a tradição a geração do Brasil – certamente que era uma utopia.

E contou realmente com a coragem dos seus primeiros 80 jovens que se matricularam para o vestibular, sem uma percepção muito clara do que o futuro lhes aguardava; com a firmeza e esclarecimento de quantos ilustres colegas e amigos que apoiaram as suas idéias nos primórdios da sua ação construtiva, durante a plena execução delas e até hoje, com os seus respeitáveis nomes, ajudam a engrandecê-la, alguns dos quais aqui se encontram, Thales de Azevedo, Fernando Pinto, Raymundo Matta, Antônio Pithon e outros. Cumpro, nesse momento, o doloroso dever que me honra, de solicitar um minuto de silêncio para homenagear Joaquim Batista Neves, Secretário da Faculdade de Filosofia, sob a direção atuante de ISAIAS ALVES e diretor dela quando se tornou necessário reestruturá-la. Para o meu caríssimo amigo, a minha dor pela sua ausência física e a minha certeza da sua presença espiritual. (Silêncio)

Foi buscar ISAIAS ALVES a elite intelectual da sua terra, não importa onde estivesse, fora ou dentro das Faculdades, não importa de que ideologias; desejava um staff digno da sua utopia: mais do que desejava, queria, com a vontade que lhe permitia realizar um corpo de colaboradores a altura, missão que se propunha cumprir a Faculdade de Filosofia. E tinha razão. Para obra de tão alta significação, precisava de obreiros de qualificação intelectual, moral e social.

Gostaria de nomear essa plêiade de corações plenos de amor, a causa dos soerguimento da sociedade, de mentes fortalecidas de idéias que representaram as pilastras mestras do Dr. ISAIAS, para a fundação da Faculdade de Filosofia. Mas, receio a omissão involuntária (seria demais injusto) e o cansaço do auditório. Fernando Pinto representa, aqui, a imagem do Colaborador. Foi sempre a sua meta.

E como numa história de fadas, juntos conjugaram esforços para que se delineasse a missão da novel instituição que já completou 45 anos de inaugurada. E essa missão era, sem dúvida, mudar a situação.

Ouçamos o próprio ISAIAS, a quem propositadamente tenho remetido os senhores, para que seja salvaguardada a sua idéia expressa nas suas próprias palavras".

"É longa a nossa missão: reeducarmo-nos para auxiliar e incentivar os jovens a reeducarem no lar, nas escolas, nos clubes, os de nossa geração; refazer as estruturas mentais dos múltiplos problemas ainda influenciados pela tradição intelectualista e verbalista, sem nos preocuparmos com as soluções imediatas ou com a satisfação completa dos objetivos colimados, sempre transferidos no débito e crédito da conta corrente da cultura a porvindoiros mais esclarecidos e aparelha-

dos"... Devemos concorrer para diminuir o isolamento dos nossos homens, dentro do nosso ambiente".

Não vos parece um falar de hoje? Brado contra o verbalismo, o imediatismo, o isolacionismo impressionantemente atual.

Estava preocupado com os governos "jungidos ao imediato das carreiras chamadas liberais, dominante na política educacional do Brasil durante o Império e na República de 1889". Desejava formar mestres professores de filosofia. Ciências e letras, de física, química, biologia, — as ciências chamadas experimentais, assim chamadas —, de matemática, de história, geografia, antropologia, Ciências sociais, como considerava indispensável a severa formação de verdadeiros investigadores. Seremos, na Faculdade de Filosofia, os aliados naturais das Faculdades de Engenharia e de Agronomia, de Medicina e de Direito, de Ciências Econômicas e de Belas-Artes, porque colaboraremos no estudo das soluções que esperam os complexos problemas de nossa riqueza natural e da segurança moral e higiênica aos nossos irmãos da cidade ou do campo e cooperaremos na obra de ampliação das relações comerciais, jurídicas e assistenciais desenvolvidas, paripassu, à multiplicação das atividades industriais e mercantes".

O estudo das ciências é, a maior tarefa e a mais eloquente e decisiva justificação da faculdade, no sentido altamente nacional e humano.

Mão não se limitava a desejar formar mestres e investigadores. Com o curso de filosofia e pedagogia aliados, pensava aliciar jovens para o fecundante labor de repensar as premissas que sustentariam as bases da filosofia educacional dominante. Não queria, porém, instalar um campo de competições partidárias. "A economia política e a História das Doutrinas Econômicas, — escreveu no seu discurso de inauguração da sua obra, — reproduzirão de certo, um roteiro de tentativas de soluções do milenário problema da felicidade terrena da espécie, de modo que se constitua uma consciência ativa de defesa dos interesses da humanidade do indivíduo e dos agrupados sociais e nacionais".

Concordando com Florestan Fernandes, assegurava que, através do ensino das Ciências Sociais, poderíamos preparar as gerações novas para viver em segurança e em liberdade, preparar o homem para proceder a escolhas compatíveis com seus interesses reais e com os valores com os quais se identifique de fato.

O problema da liberdade e da felicidade do homem o atormentava, como já salientamos. E como bom educador, estava preocupado com a formação ética daqueles jovens, preocupação essa tornada evidente nesse pronunciamento: "a função educativa da ciência, é realizada indiretamente".

"Não são as leis matemáticas ou físicas, nem as consecutivas, hipóteses da biologia ou da química, nem os próprios resultados das investigações psicológicas, mas o método, a atitude, a paciência da análise, a prudência da síntese, todo esse lento consolidar de hábitos

de pensamento refletido e verificado, que concorre para preparar os líderes sociais, capazes de esclarecer as multidões no trabalho do bem comum, cujo conceito a própria ciência não sabe ainda definir com exatidão... à ciência é indispensável o auxílio do critério moral, sem dúvida ligado à luz do positivismo, à atitude religiosa que lança as bases do ideal criador, e não nos escravizam ao individualismo orgulhoso e egoístico, absorvente e conquistador, mas sim nos liberta pela edificação da personalidade generosa e humilde, empreendedora e cooperativo, complacente e humana.

Mergulhou seu pensamento na valorização do estudo das línguas. "O idioma era para ele a base da ligação espiritual de uma nação... O culto da língua portuguesa deverá levar-nos à segura e perfeita expressão do pensamento, enriquecido pela diferenciação ininterrupta da linguagem técnica, nas múltiplas apresentações da idéia prática, das indicações experimentais, das deduções lógicas".

E penetrou no calcanhar de Aquiles da educação contemporânea: - a educação da vontade, da qual não se cogita. "Não basta preparar a alma, os corações, a disciplina emocional, o gosto estético dos jovens. Faz-se mister criar-lhes na vontade, na atividade, os mais vivos hábitos de iniciativa e colaboração, no serviço da sociedade e da pátria".

Esse o forno de idéias, a temperatura intelectual em que se prepararam os primeiros mestres de ISAÍAS ALVES, aqueles para os quais se voltou a visão crítica dos educadores que, no momento, pontificavam no panorama intelectual de sua cidade.

Creio que fui além do que me foi solicitado ultra petita, como dizem os juristas, porque, na realidade, devia-me ater, creio eu, a registros da minha convivência como primeira aluna a se matricular na Faculdade de Filosofia e como formanda da sua 1ª turma de licenciandos. Acreditei que era mais importante compreender as idéias que constituíram a fornalha onde se prepararam os mestres de ISAÍAS, como éramos denominados naquela época. A fornalha estava pronta com o fogo intelectual do entusiasmo e a chama forte do amor "do eros pedagógico", tão presente naquele corpo de professores que cercavam o velho mestre.

A 1ª turma que saiu preparada desta fornalha, seguiu rumos que não decepcionaram o mestre ISAÍAS, mas, também, enfrentou todas as agrestes críticas do pioneirismo na área educacional.

E entre o Ideal do Sonho e o Real da Vida, viveu o formador de mestre, ISAÍAS ALVES, nas suas andanças, convivendo a cada momento do seu tempo interior com o dilema da Reflexão que exigia o silêncio meditativo e a Ação que o conduzia a prosseguir na luta da conquista das suas metas.

Nesta dialética que resume o sentimento que impulsiona a vontade que realiza o Ato, cumpriu a sua trajetória de busca contínua da harmonização da sua personalidade e da sua obra. É no mestre, aliás, que

essa bipolaridade se unifica para a construção de um mundo melhor. E ISAÍAS ALVES foi mais que um mestre. Foi, sem dúvida, um formador de mestres.

E essas críticas vieram de toda parte, ferinas e penetrantes. Para tão elevada proposta como de uma Faculdade de Filosofia, se tornava necessário maior índice de cultura e tecnologia, maior preparação e, sobretudo, incidiu o fluxo crítico sobre a questionável imaturidade dos futuros licenciados, demasiadamente jovens, quase todos, para tão amadurecida missão.

Afinal, pontificavam no ensino secundário personalidades marcantes no cenário científico e intelectual daquela época. Tobias Neto, Tenório de Albuquerque, Gabriela Sá Pereira, Carneiro Ribeiro, Armando Costa, Gabriela Sá Pereira, Carneiro Ribeiro, Armando Costa, Eloyvaldo Chagas de Oliveira, para nominar apenas alguns. Dificilmente aqueles jovens licenciados poderiam com eles se emparelhar. Mas, não pensava assim o mestre ISAÍAS. Muito ao contrário. Mantinha, isso sim, uma fé inabalável naquela plêiade de jovens que também acreditaram nele e na sua obra.

Ele compreendia, porém a alta responsabilidade que esses jovens levavam consigo ao iniciarem o seu percurso profissional nos educandários de Salvador. Sabia que estava em jogo, no desempenho deles, o destino da própria Faculdade. Exatamente por isso, declarou enfaticamente: "Áridos deveres recaem sobre os Mestres que defrontam agora a primeira turma de alunos, por seu turno primeira linha de bandeirantes a levarem ao futuro a dubiedade ou a segurança de idéias da geração adulta da Bahia de hoje".

Era a dubiedade ou a segurança.

ISAÍAS ALVES, convivia diariamente na Faculdade. Era daqueles que estão, com a sua presença, estimulando a iniciativa e colocando um pouco de si mesmo no que faz. Alto e magro, abria seu coração, num sorriso largo, quando demonstrava satisfação pelos resultados que, com o seu esforço obtinha.

Como tivesse sido a primeira aluna a candidatar-se a matrícula a Faculdade, solicitou a minha presença no seu Gabinete da Secretaria de Educação. Desejava conhecer de perto os objetivos, e medir o estofo da disposição psicológica de uma jovem pioneira. Desde então, me considerou uma colaboradora. E eu tentei ser uma delas. Digo tentei porque o perfil do homem que seu ideal traçou está além das minhas potencialidades. Se não vejamos o que nos diz e é importante: "A democratização da Ciência nos está conjurando a lutar pelo reequilíbrio da personalidade humana, desnaturada pela

técnica. ao homem instrumento e método de ganhar dinheiro, de gozar o conforto material, de dominar o semelhante como sobrevivência do escravo, de esgotar as forças da natureza e destruir os frutos do trabalho, para manter os falsos padrões de valia econômica, teremos de substituir o homem dispositivo de sentir tristeza, a pobreza, a angústia do seu próximo, de calar as próprias ambições para servir ao seu grupo, de comungar com o vizinho, no pouco de pão que lhe reste, de consolar as mágoas, de curar a dor, de confortar o prisioneiro; de homem de fé nas potências da alma e na eternidade do espírito, homem que ouça as harmonias angélicas de um coro de virgens, e a música misteriosa da romaria das mangueiras, das palmas dos coqueirais e das ondas de prata, sobre as areias da praia".

Este o perfil do homem que esperava fosse o mestre.

Esse homem, ao se tornar um mestre, deverá levar consigo um desideratum: "o de elevar a massa, esclarecer-lhe os propósitos, fortalecer-lhe a fé no trabalho, bafejar-lhe a esperança no equilíbrio dos anseios e das realizações, confirmar em cada um a certeza de uma personalidade irrefragável".

E a fórmula para atingir tão nobres alvos é oferecida: "curiosidade, força de pensamento, renúncia e abnegação. Aos médicos, impõe-se abnegação para as dores físicas do povo; aos filósofos e humanistas cumprir, sem remissão, renunciar a si mesmos, em bem do progresso moral das gerações.

Essas diretrizes não eram lançadas apenas nos discursos, quando reunia os alunos no salão nobre do velho casarão de Nazaré. Procurava transmiti-las "tête a tête", no convívio diário com eles, na conversa amena, no diálogo descontraído, no exemplo do pesquisador, e, já no fim de seus dias entre nós, doente, na sua residência no Sodré, estudava com a tenacidade de um cientista, o idioma russo. Não podendo comparecer a uma feira de livros que se instalara uma noite no Campo Grande, na qual compareceu o Grande Anísio Teixeira, mandou-me chamar, entregou-me seu livro e me esclareceu a tarefa: "Você conseguirá vendê-lo, mais do que se eu estivesse lá". Consegui vender um exemplar a Anísio Teixeira, que o comprou sorrindo.

Senti naquele momento histórico que se formava um elo da corrente que até hoje fortalecem os princípios filosóficos da educação na Bahia.

Um mestre e um formador de mestres se encontravam.

SAUDAÇÃO AO PROF. JOSÉ SIMÕES E SILVA JÚNIOR NA SUA POSSE NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Jair de Oliveira Santos*

Prof. Dr. José Simões e Silva Júnior:

Para nós uma grande honra saudar-vos em nome da Academia Baiana de Educação no dia de vossa posse na cadeira número 1 do quadro de membro de titulares, escolhido que foi pela unanimidade dos confrades. Esta cadeira tem como patrono o educador Abílio Cesar Borges, e seu último ocupante foi o saudoso confrade Ruy Simões, vosso irmão dileto, condição esta que vos traz grande alegria, conforme nos confidenciastes.

Saudar-vos é também motivo de grande alegria para nós, pois fomos vosso aluno na cadeira de Fisiologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, nos idos de 1958, na antiga Faculdade do Terreiro de Jesus, tendo tido o privilégio de ouvi-lo por muitas vezes no Anfiteatro Alfredo Brito, de grata memória. E, além de vosso aluno, fomos também vosso discípulo como auxiliar de pesquisa, em experimentos sobre o estudo do metabolismo basal do sagui, realizados em vosso laboratório.

Desde aqueles tempos começaram nossa admiração e nossa estima por vós, despertadas que foram pela figura humana de excelência que vós sois, caracterizando-se pela espontaneidade no relacionamento, humano, caloroso e sincero. Pela figura do homem de ciência que sois, sempre preocupado em praticar e ensinar os rigores dos cânones epistemológicos que devem reger as pesquisas feitas com seriedade, e pela figura do professor dedicado e amigo de seus alunos, sempre preocupado em difundir sua vasta cultura de Fisiologia e de Medicina, transmitindo sempre, sobretudo com seu exemplo, os valores éticos e lógico-epistemológicos mais elevados, desde a busca da verdade e a busca da sabedoria, até à disciplina, a beneficência, a responsabilidade, o respeito à vida e ao paciente.

Passados exatos 40 anos, quís a vida, quís o destino, que fossemos escolhidos pelos confrades para saudar-vos, o que fazemos com muita emoção, e com toda reverência.

José Simões e Silva Júnior é filho de família de classe média e fazia parte de uma prole de dez irmãos.

* Professor da Faculdade de Medicina da UFBA e Presidente da Academia Baiana de Educação

Nasceu a 12 de abril de 1927, nesta cidade do Salvador, no bairro dos Barris, filho do comerciante José Simões e Silva e de D. Maria Sizina Santana Simões.

Fez o curso primário nos colégios Nossa Senhora da Guia e Nossa Senhora das Mercês, e o ginásio no Colégio Antônio Vieira, seguindo-se o curso pré - médico na Faculdade de Medicina da Bahia, onde ingressou em 1941, diplomando-se em Medicina em 1946.

Em 1947, a convite do Prof. Aristides Novis, começou sua carreira docente como Professor Assistente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Em 1948 fez curso de pós - graduação na Universidade de Buenos Aires, durante um ano, tendo como orientador o Prof. Bernardo Hossay, prêmio Nobel de Medicina.

Fez vestibular para a Faculdade de Odontologia da UFBA, tendo se diplomado em 1949, onde fez concurso para Docente Livre, em 1954. Defendeu tese de doutoramento em 1951, na Faculdade de Medicina da UFBA, sendo aprovado com nota máxima.

Fez curso de especialização na Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos e de aperfeiçoamento na Inglaterra.

Durante os anos que se seguiram à sua formatura em Medicina, dedicou-se às atividades didáticas, sempre no ensino da Fisiologia, sua amante confessada, atividades didáticas estas intercaladas com as de pesquisa durante algum tempo. Submeteu-se a cinco concursos, através dos quais ascendeu na carreira universitária, sendo aprovado em todos com distinção.

Suas atividades didáticas estenderam-se das Universidades da Bahia até os estados de Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe, onde examinou diversas teses de concurso.

Começou a lecionar na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia em 1950, em 1951 na Faculdade de Filosofia e em 1953 na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública.

Continuando sua brilhante carreira universitária, foi Professor Catedrático de Fisiologia das Faculdades de Odontologia, Medicina Veterinária e Enfermagem da UFBA e do Curso de Medicina da Escola de Medicina e Saúde Pública, além de Professor Titular de Fisiologia do Instituto de Biologia da UFBA e do Instituto de Biolo-

gia da UCSAL, bem como da Escola de Enfermagem da UCSAL.

Ao lado das atividades docentes exerceu inúmeras atividades administrativas, na Universidade Federal da Bahia, na Universidade Católica de Salvador e na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, desde as chefias de departamentos, à coordenação de Colegiados de Cursos. Foi membro do Conselho de Coordenação da UFBA, presidente de sua Câmara de Extensão, vice-diretor do Instituto de Biologia da UFBA, Diretor do Instituto de Ciências Exatas e Naturais da UCSAL, e culminou sua carreira universitária como Magnífico Reitor da Universidade Católica de Salvador, em 1980 realizando profícua gestão.

Ao longo de sua carreira universitária, foi membro de dezenas de comissões examinadoras de concursos docentes, em universidades locais e de outros estados. Ministrou quase uma centena de palestras e conferências em congressos e reuniões científicas e publicou quase uma centena de trabalhos e pesquisas sobre Fisiologia Experimental, realizando pesquisas de repercussão no meio científico e honrando sua formação de pesquisador.

É por tudo isto, é por todas estas razões, prof. José Simões, por todo o bem que fizestes a tantos, direta ou indiretamente, que vós sois credor do respeito e da admiração de todos, de seus confrades da Academia Baiana de Educação, de todos que foram seus alunos em todas as escolas que ensinastes, e de toda a sociedade baiana.

Ao redigir esta fala, ocorreu-nos um dilema: como poderíamos homenagear-vos, a vós que dedicastes toda vossa vida à educação? Mas logo ocorreu-nos a resposta: falando-vos sobre aquilo a que dedicastes vossa vida: falando-vos sobre EDUCAÇÃO. Discorrendo sobre nossa visão da educação de hoje e das novas perspectivas da educação no fim do século XX e início do século XXI.

Entendemos que o último e maior objetivo da Educação é criar condições para que o educando, o homem, seja feliz. Daí a nossa primeira indagação filosófica: será que o Homem do final do século XX é um homem feliz? Será que a educação está atingindo seus objetivos?

Encontraremos resposta para esta indagação nas informações do que está ocorrendo em todo o mundo através das informações dos jornais, do rádio e televisão. Em todos os cantos do mundo as estatísticas mostram o aumento em espiral do ódio, da raiva, da violência, da intolerância, do medo, da depressão e do suicídio entre os jovens.

Por outro lado, a violência e a intolerância dos adultos também é crescente, registrando-se um número cada vez maior de separações e divórcios entre os casais. Estes são sintomas evidentes de erosão e ruptura do tecido social, decorrentes da incompetência emocional e social do homem, da sua incapacidade de convívio harmônico na sociedade.

Será que isto tem algo a ver com a Educação? Será que não está havendo falta de educação para as emo-

ções, para os sentimentos e para as relações sociais entre os homens que lhes permitam conviver neste mundo globalizado, cada vez mais competitivo e cada vez mais desumano?

Acreditamos que a educação hoje praticada, com objetivos exclusivamente cognitivos e racionais, tem se mostrado insatisfatória pois, apesar de tantos avanços tecnológicos, da televisão, computadores, e multimídia utilizados no processo educacional, as novas gerações têm mostrado crescente falta de competência emocional e social.

O elevado índice de delinquência juvenil, em todas as classes sociais, nas mais abastadas e nas menos favorecidas economicamente, somado aos fatores acima mencionados, são uma demonstração inquestionável da falência do Paradigma Educacional Cognitivo Racional vigente e da necessidade de uma reflexão mais profunda sobre ele.

O Paradigma Cognitivo - Racional, baseado exclusivamente nos aspectos cognitivos e racionais do educando, está esgotado, enquanto parâmetro único.

Ao longo de sua existência ficou patente que ele foi e é de grande valia, devido ao grande avanço que proporcionou à educação e à humanidade desde sua implantação. Pode ser considerado como referência para seu início o pensamento de Hobbes, exposto no *Leviatã*, que partiu do pressuposto de que o *conhecimento é poder*, referindo-se obviamente ao aspecto cognitivo racional do saber.

Teve sequência com o experimentalismo de Bacon e com o modelo cartesiano - newtoneano de cognição e pensamento, culminando com os avanços da Teoria da Relatividade de Einstein e da Teoria dos Quanta de Max Plank, no século XX. O advento da Informática coroou a trajetória do paradigma cognitivo racional, expressão máxima do Iluminismo.

Tal paradigma mostrou-se de valor excepcional para o conhecimento do mundo externo ao educando, principalmente depois do advento do conhecimento científico, baseado no postulado da objetividade: só é válido o conhecimento objetivo. Se por um lado é um critério altamente válido para a avaliação do mundo objetivo, por outro lado tem uma grande limitação, pois cerceou o estudo e o conhecimento do mundo subjetivo humano. No campo da psicologia humana, esta foi uma grande limitação para seu avanço, e, seguramente, que provocou a derrocada do Behaviorismo.

Cabe aos educadores conscientes de suas responsabilidades, buscar alternativas de soluções para esta grande crise, que devem passar pela inclusão do paradigma emocional no processo educacional, com a inclusão da educação emocional, na escola e no lar.

Defendemos que deve ser dada à emoção e aos sentimentos da criança e do adolescente, a mesma atenção dada à sua educação cognitiva - racional. Podemos inferir de experiências educacionais efetuadas nos Estados Unidos, que é através da educação das

emoções que poderemos tentar modificar este quadro dramático.

A questão da educação emocional se torna mais relevante neste final de século, cerca de trezentos anos após o surgimento do Iluminismo, que acreditou ser a Razão o farol que iluminaria o Homem na busca da felicidade. Entretanto hoje vemos que, malgrado todo o desenvolvimento intelectual humano, apesar de todas as conquistas tecnológicas, de ter sido dominada a Natureza em muitos aspectos, de ter sido criada outra realidade, a realidade virtual, apesar de tudo isto, é cada vez maior a taxa de pessoas infelizes, neuróticas, frustradas, ansiosas, deprimidas ou mesmo portadoras de psicoses.

Pesquisas recentes nos Estados Unidos mostram que 48% dos americanos tiveram pelo menos uma vez em suas vidas problemas psiquiátricos. Pesquisa da Universidade de Harvard mostra que muitos de seus ex-alunos, dotados de altos QI (quocientes de inteligência) e de grandes competências intelectuais, não tiveram o sucesso esperado nas suas vidas, por apresentarem problemas de relacionamento, resultantes de baixa competência emocional.

Acreditamos serem estes indicadores mais do que suficientes para que se olhe de frente a questão da Educação Emocional, cuja meta deve ser a identificação das emoções do educando, o reconhecimento delas no momento em que ocorrem para efetuar seu controle e de reconhecer e interagir harmonicamente com as emoções do outro.

A educação emocional implica em desenvolver no educando o autoconhecimento, a autoconsciência, a nível psicológico e somático. Em desenvolver a capacidade de identificar e reconhecer suas emoções e sentimentos, avaliando suas intensidades, e as expressões corporais correspondentes, no momento em que ocorrem. A controlar suas expressões emocionais, a aprender a monitorar seus impulsos e a adiar suas satisfações.

Faz parte da educação emocional o desenvolvimento da empatia, capacidade de reconhecer as emoções do outro e de compreender seus sentimentos e perspectivas, respeitando as diferenças com que as pessoas encaram as coisas, permitindo o convívio harmônico com elas.

A atenção primordial da educação emocional deve dirigir-se para emoções e sentimentos que mais interferem no comportamento social do indivíduo, tais como raiva, tristeza e medo, e suas assemelhadas: fúria, ressentimento, mágoa, revolta, desânimo, desalento, desesperança, depressão, ansiedade e preocupação. Deve dirigir-se também para emoções outras, tais como, o afeto, a alegria, prazer, amor, surpresa, nojo e vergonha.

O Paradigma Emocional é baseado na idéias de Peter Salovey, que se inspirou na teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner, tendo sido largamente difundido por Daniel Goleman. Fundamenta-se em que

a educação deve ter como objetivos capacitar o educando a:

- Conhecer suas emoções e reconhecê-las quando necessário.
- Desenvolver a capacidade de lidar com suas emoções, controlando seus impulsos e adiando suas satisfações.
- Desenvolver a capacidade de auto - motivação.
- Reconhecer as emoções do outro.
- Lidar adequadamente com os relacionamentos sociais.
- Que se pode esperar da educação emocional, segundo as pesquisas que tem sido realizadas recentemente?

Os resultados de diversos projetos implantados no período de 1990 a 1995 em diferentes cidades americanas - no Centro de Estudos do Desenvolvimento, Oakland, Califórnia, na Universidade de Whashington, na Universidade de Illinois, Chicago, na Universidade de Rutgers, New Jersey - apresentam resultados significativos dos educandos:

- melhora do auto - controle
- mais responsabilidade;
- melhor relacionamento social;
- mais envolvimento com os colegas;
- mais aptidões para lidar com problemas interpessoais;
- melhores aptidões para solução de conflitos ;
- menos delinquência;
- redução de ansiedade e retraimento;
- maior sensibilidade e compreensão aos sentimentos dos outros;
- maior auto - estima;
- melhor aptidão para aprender e para resolver problemas;
- mais positiva ligação com a família e a escola;
- mais positiva atmosfera na sala de aula;
- redução de comunicação de tristeza e depressão.

A operacionalização do paradigma emocional deve revestir-se dos maiores cuidados, pois ele carece ainda de maiores estudos, reflexões e experimentos, devendo ser feita inicialmente a conscientização e sensibilização dos professores, alunos, da família e da comunidade. Ele exigirá o treinamento dos professores nesta nova área do conhecimento, e a definição de nova estrutura curricular.

Certamente, como em toda inovação, surgirão reações à sua implantação, ora veladas, ora explícitas. Acredita o Autor que isto não deva atemorizar aqueles que estiverem convencidos de sua validade, nem demovê-los de suas intenções.

A implantação da educação emocional deverá ser cercada de todos os cuidados éticos, epistemológicos e metodológicos necessários. É um grande desafio para o educador responsável tentar transferir as experiências existentes, geralmente conduzidas para poucos alunos e

por psicólogos especializados, para uma escala maior, aplicando os princípios para grupos maiores de alunos, e através de professores de outras disciplinas curriculares. Isto exigirá, além de um grande esforço, determinação obstinada e a seriedade necessária.

Gostaria de registrar, por último, que a preocupação com a educação emocional na história da humanidade data de milênios. Segundo o Satipatthana Sutta, livro clássico do budismo, Buda, no sutra de Kamassadama, recomendava aos monges a contemplação de seus sentimentos, numa atitude calma e imparcial: do prazer e da dor, do agradável e do desagradável, da tristeza e da alegria, do amor e do ódio, da raiva, do medo, da mágoa, etc.. Isto ao lado da contemplação do corpo e da mente.

Aristóteles, no livro IV da “Ética a Nicômano”, quando trata da calma e da cólera, deixa evidente sua preocupação com o controle da raiva ao declarar que :

“Louva-se o homem que se encoleriza justificadamente com coisas e pessoas, como deve, na devida ocasião e durante o tempo devido. Esse será, pois, o homem calmo, já que a calma é louvada. Um tal homem tende a não se deixar perturbar nem guiar pela

paixão, mas a irar-se da maneira, com as coisas e durante o tempo que a regra prescreve (...). O homem calmo não é vingativo, mas inclina-se antes a relevar as faltas”.

Professor José Simões e Silva Júnior:

Aristóteles, ainda na sua “Ética a Nicômano” afirma que

“em verdade, só merece ser honrado o homem bom”.

E vós sois um homem bom.

Diz mais Aristóteles:

“As honras que forem grandes e conferidas por homens bons, ele as receberá com moderado prazer, pensando receber o que merece ou até menos do que merece (...). No entanto ele as aceitará, já que os outros nada têm de maior para lhe oferecer”.

Assim, seguindo os preceitos de Aristóteles e levando em conta o exemplo que destes ao longo de vossa vida, aceitai, Prof. José Simões e Silva Júnior, esta nossa sincera e emocionada homenagem, pois nada temos de maior para vos oferecer.

Sede bem vindo à Academia Baiana de Educação, confrade José Simões!

DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA Nº 1 DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO, DO ACADÊMICO JOSÉ SIMÕES E SILVA JÚNIOR*

Minhas palavras iniciais são de profundo agradecimento a todos aqueles que acharam por bem sufragar o meu nome por estes sodalício.

Dupla é a minha satisfação pois integrando este colegiado também, faço em substituição ao meu querido irmão Ruy.

Membro da Academia de Medicina sentia que por ter sido na vida mais educador do que médico o meu coroamento profissional somente estaria completo quando pertencesse à academia. E assim sendo cheguei a sonhar, quando em vida de Ruy, poder sentar-me ao seu lado aqui nesse sodalício. Coincidentemente, também como eu, ele foi menos profissional do direito do que da educação.

Juntos já havíamos estado oficialmente, quando eu ocupava a reitoria da Universidade Católica e ele temporariamente ocupava a congênere da UFBA. Chegamos mesmo, para euforia do nosso velho e querido pai, tirar uma fotografia dos dois com vestes talares. Situação esta inusitada na história da universidade brasileira.

Não quis porém o destino que juntos aqui nos sentássemos e por isto exultei quando um dos confrades, amigo da infância, propôs o meu nome para a vaga do Ruy.

Nestes 50 anos de atividade profissional, conforme já declarei, fui mais educador do que médico. Esta última atividade exerci durante 25 anos, no Hospital Naval do Salvador e no consultório que mantive por quinze anos.

A atividade docente exerci durante 75% da minha vida e em todos os estabelecimentos de ensino superior onde existisse a cadeira de Fisiologia, a ela dediquei-me com entusiasmo, no ensino e na pesquisa, por mais de meio século.

A educação na realidade sempre foi a minha meta.

Tendo concluído o curso de medicina em 1946, no ano seguinte esperava ir para o Rio Grande do Sul dedicar-me a uma bem promissora clínica de amigo e parente que se aposentava.

Não quiseram porém os fados que tal se concretizasse pois concomitantemente com esta perspectiva fui convidado pelo saudoso prof. Aristides Novis, para com

o seu filho Jorge e posteriormente Luiz Fernando Macedo Costa, compor e equipe da fisiologia.

Assim sendo, mudei a minha meta da Medicina para a Educação, exercendo a docência na própria medicina.

Passei do sonho à realidade, dedicando-me com todo entusiasmo ao ensino da fisiologia na Medicina, na Odontologia, na Biologia, na Enfermagem, na Farmácia, na Nutrição e na Veterinária.

Desejando fazer a carreira universitária na Faculdade de Medicina e sem maiores perspectivas, fui aconselhado pelo prof. Aristides Novis a orientar-me onde se me apresentavam perspectivas de uma cátedra.

Para tanto, apesar de já ser professor e ensinando no curso regular de Odontologia, fui obrigado a prestar mais um exame vestibular para poder matricular-me no curso de odontologia, condição exigida na ocasião.

Não me descuidei contudo dos meus objetivos docentes e assim neste período também defendi tese de doutoramento em medicina e concurso para livre docência em fisiologia.

Isto foi conseguido a duras penas em virtude do clima de hostilidade que enfrentei de alguns professores da Odontologia para com "os médicos", e assim fui transformado em "bode expiatório" daquela contenda, impedindo-me até de assumir interinamente a cadeira vaga, conforme preceituava a lei, em regime de rodízio. Contrariando a vontade dos "*donos da odontologia*" consegui, através de um mandato de segurança, a almejada abertura do concurso que não vinha.

Sentindo as dificuldades que se me antepunham continuei lutando por uma posição no magistério universitário. E o meu esforço foi compensado pois fui contemplado com duas bolsas de estudo, uma na USP, por concurso, e outra na universidade de Wisconsin (USA) através da The R. F. Aproveitando as duas escrevi minha tese para titular. Com o meu ingresso na carreira universitária anteriormente já havia feito uma pós-graduação, em Buenos Aires, onde, sob a orientação do cientista Bernardo Houssay, único prêmio Nobel da medicina latino Americano, escrevi a minha primeira tese de doutoramento.

Sentindo que para mim, injustamente, estavam fechadas as portas da Odontologia, prestei concurso na mesma Universidade Federal, para titular de Fisiologia,

* Professor das Faculdades de Medicina Odontologia, Enfermagem e Veterinária da UFBA e ex-Reitor da Universidade Católica de Salvador.

no Instituto de Biologia, onde já era Professor Regente e posterior Diretor.

Prosseguindo na luta pela educação universitária fui fundador da UCSAL e da Escola de Medicina e Saúde Pública (Escola Baiana), onde até ano passado ainda ensinava.

Lecionei em todos os cursos das duas universidades, onde quer que existisse a cadeira de Fisiologia e também ministrei cursos em outros estados (Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e São Paulo). Participei de congressos e examinei concursos, inclusive de catedrático, e como uma consequência natural exerci outrossim atividades administrativas em colegiados. Fui diretor na UFBA e na UCSAL, onde finalmente fui eleito vice-reitor e reitor, período de 6 anos.

Como vêm, toda minha atividade docente neste meio século está representada por 5 concursos, em todos aprovado com nota máxima, 3 doutoramentos, uma docência livre e uma cátedra. 43 trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, 61 palestras e conferências. Percorrendo assim toda a longa escada do magistério superior desde assistente, docente livre e professor catedrático nas 2 universidades (UFBA e UCSAL) e na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Sentia-me destarte realizado como educador faltando-me somente este título que hoje recebo.

Como de praxe o acadêmico que assume uma cadeira, nesta academia tem o compromisso de fazer o necrologio do seu antecessor. A cadeira nº 1 tem como patrono Abílio Cesar Borges, e estava preenchida pelo prof. Ruy Simões.

Por coincidência a vaga que vou ocupar, como disse, estava preenchida pelo meu querido e saudoso irmão prof. Ruy e por isto a tarefa aparentemente mais fácil configura-se talvez mais difícil pelo componente emocional que tal representa. Assim tentarei cumprindo minha obrigação, fazê-lo com imparcialidade e clareza.

Ruy nasceu em Salvador a 22 de abril de 1923 e apesar da nossa família pertencer a classe média, nada nos faltou, tendo ele tido uma infância e adolescência felizes.

Estudou o 1º e 2º graus no colégio Antônio Vieira, por insistência de nosso pai, que ao dar-lhe o nome de Ruy esperava que ele seguisse o exemplo do homôni-

mo, falecido no ano do seu nascimento. E para que isto acontecesse ele só o chamava de "conselheiro".

Fez vestibular para a Faculdade de Direito tendo completado o curso em 10 anos, pois a sua vontade era a carreira de jornalista. Nisso nosso pai foi muito ajudado pelo prof. Alexandre Augusto Machado que encarregava-se anualmente até de fazer as suas matrículas.

Embora não houvesse muito entusiasmo jurídico por parte do "Conselheiro", sua dedicação ao jornalismo esportivo aliado a uma boa dose de boêmia foram responsáveis pelos 10 anos do curso de direito.

Ao final desta fase, sem uma razão que justificasse, passou a namorar a filosofia, tendo já casado se matricula na primeira turma do curso de filosofia da Universidade Católica do Salvador, juntamente com outro enamorado da ciência de Platão, daí por diante seu colega e companheiro inseparável, nosso amigo Carlos Coqueijo Costa.

Disputou com ele as melhores notas e vieram a concluir o curso em 1955.

A esta altura já tinha sido em Ruy despertado o entusiasmo pelo ensino, tendo ministrado cursos e aulas nas escolas de Biblioteconomia, Enfermagem, Arquitetura, Odontologia e Jornalismo.

Prestou concurso para a cadeira "Ética e Estética" no Colégio Estadual da Bahia, ensinando história da filosofia na UCSAL e em outras instituições de ensino superior. E a medida que aumentava o seu entusiasmo pela docência diminuía o seu pendor jornalismo.

Concomitantemente, como seria natural, assumiu inúmeras funções administrativas, como a diretoria da Faculdade de Filosofia da UFBA e mais tarde reitor interino, por seis meses, após falecimento de Luiz F. Macedo Costa e a não aceitação do vice José Calasans de assumir o cargo.

Coincidentemente nesta ocasião eu ocupava a reitoria da UCSAL e por isso em algumas solenidades estivemos juntos.

Reiterando meus agradecimentos a aqueles que sufragaram o meu nome para esta academia considero minha idade e por todas as razões já expostas este pronunciamento como um verdadeiro "Canto do Cisne", ainda que na realidade não me considere nada mais que um simples "Patinho Feio".

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO DE 1996 A 1998

Jair de Oliveira Santos*

Na nossa avaliação, os acontecimentos mais relevantes das atividades da Academia no período de nossa gestão, que se estendeu de 9 de setembro de 1996 a 9 de setembro de 1998 foram os seguintes:

- Realização da reforma do Estatuto e do Regimento, adaptando-os a uma nova realidade, posto que seus elementos básicos vigiam desde a fundação da entidade, em 9 de setembro de 1982, sendo decorridos então cerca de 15 anos. Os novos cânones foram aprovados em Assembleia Geral, conforme previa o estatuto então vigente, sendo publicados no Diário Oficial de 17 de maio de 1997. O novo estatuto e o novo regimento foram devidamente divulgados, não só através de impressão, que foi distribuída entre os sócios, mas também publicados integralmente nos números 5 e 6 da Revista da Academia Baiana de Educação.

Os textos aprovados foram resultado do trabalho de uma comissão, designada pelo Presidente e por ele presidida, constituída pelos confrades Edivaldo Machado Boaventura, Leda Jesuino dos Santos, João Eurico Matta e Alírio Souza, tendo sido feitas a redação final e a revisão pelo confrade Rômulo Galvão, aos quais agradecemos a excelente contribuição dada. Agradecemos também a todos que contribuíram na discussão e aprovação dos textos ou fizeram também propostas, como os confrades Jorge Calmon, Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Hildérico Pinheiro de Oliveira, Germano Tabacof e Hermano Augusto Palmeira Machado.

- Realização do Fórum de Educação Emocional, no auditório do Colégio Águia e em parceria com o mesmo, no dia 29 de outubro de 1997. Com a presença de centenas de participantes, dentre eles confrades da academia, o presidente do Conselho Estadual de Educação e muitos de seus membros, representantes da Secretaria Estadual de Educação, diretores de Faculdades e Colégios, professores universitários, do ensino médio e fundamental, psicólogos e educadores, foram desenvolvidos os trabalhos.

O objetivo maior do Fórum foi alertar a sociedade para a necessidade da discussão das bases da Educação Emocional, face à necessidade de considerar-se no processo educacional a dimensão afetiva da personalidade do educando. Até agora vem sendo privilegiada a dimensão cognitivo racional, através da utilização do paradigma educacional cognitivo racional. Participaram do fórum como expositores a psicóloga Angelina de Athayde, a confradeira Leda Jesuino e o autor deste relatório. Durante os trabalhos foi lançado o livro "Educação Emocional-aspectos históricos, fundamentos e resultados", da autoria de Jair de Oliveira Santos, com apresentação da Prof. Leda Jesuino.

A Revista da Academia, no seu número 6 traz matérias referentes aos assuntos discutidos no fórum.

- Foram preenchidas seis vagas no quadro de membros titulares, a saber: o ex-reitor da Universidade Católica de Salvador, Prof. José Simões e Silva Júnior, sucessor de Ruy Simões; o ex-reitor da Universidade Federal da Bahia e ex-presidente do Conselho federal de Educação, Prof. Lafayette Pondé sucessor de Raymundo Matta; o Prof. Antônio Jesuino Neto sucessor de Thales de Azevêdo; a Prof. Maria Anália Costa Moura sucessora de Hermano Gouveia Neto; a Prof. Joselice Macêdo sucessora de Cassilandro Barbuda; o educador José Corgosinho de Carvalho Filho, sucessor do confrade Jorge Calmon, que passou para o quadro de membros eméritos da instituição.

- Foi criado pelo novo estatuto o quadro de Membros Eméritos, tendo sido eleitos os confrades Jorge Calmon, Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Olga Pereira Mettig e José Newton Alves de Souza. Aos membros eméritos eleitos, nossa homenagem pessoal e nossa admiração pelo muito que fizeram por nossa Academia.

- Mantendo a tradição da publicação de um número anual, foram publicados os números 5 e 6 da Revista da Academia Baiana de Educação, que tem como diretor o confrade Edivaldo Boaventura, ao qual agradecemos o empenho na coleta de artigos para publicação. A todos que colaboraram os nossos agradecimentos.

* Professor da Faculdade de Medicina da UFBA e Presidente da Academia Baiana de Educação

- Por nossa solicitação, em 1997, o Deputado Edmon Lucas requereu na Assembléia Legislativa da Bahia o reconhecimento da Academia Baiana de Educação como instituição de utilidade pública, estando o processo em tramitação. Os nossos agradecimentos ao Deputado Edmon Lucas, atual presidente da Comissão de Educação da Assembléia legislativa.

- Em dezembro de 1997, com a presença de centenas de diretores de escolas, professores e educadores, foi realizada reunião no auditório do Colégio Águia, para apreciação e discussão da Resolução do Conselho Estadual de Educação que regulamenta a nova lei de Diretrizes e Bases da Educação, tendo sido expositor o confrade Rômulo Galvão. Representou mais um esforço da Academia para integrar-se à comunidade através de atualização e esclarecimento sobre temas relevantes.

- Em fevereiro de 1998, por solicitação do Secretário de Educação do Estado, Prof. Edilson Freire, encaminhamos o nome de três confrades para a composição do Conselho Estadual de Educação, tendo sido nomeados dois dos indicados, os confrades Rômulo Galvão e Hildérico Pinheiro de Oliveira.

- Recebidos em audiência pelo Secretários de Educação do Estado, Prof. Edilson Freire, propusemos a realização de convênio de cooperação, através do qual nos seria cedido pessoal para o funcionamento da secretaria da Academia.

- Recebidos em audiência pelo Secretários de Educação do Município, Profa. Dirlene Mendonça, propusemos a realização de convênio de cooperação, através do qual nos seria cedido pessoal para o funcionamento da secretaria da Academia.

- Foi acordado com o Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, prof. Felipe Serpa a utilização do auditório da Reitoria da UFBa, para sessões da Academia.

Neste período foram realizadas as seguintes atividades acadêmicas:

1996 e 1997:

- Em novembro de 1996, sessão sobre "Des-cartes e a Educação", sendo conferencista o acad. João Eurico Matta.

- Confraternização natalina realizada no mês de dezembro de 1996.

- Em 11 de março de 1997, sessão para apreciação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sendo expositores os Acadêmicos Edivaldo Boaventura e Rômulo Galvão.

- Em 2 de abril de 1997, sessão para apreciação da proposta de reforma do Estatuto e do Regimento.

- Em 7 de maio continuação da sessão para apreciação da reforma do Estatuto e do Regimento, que foi aprovada.

- Em 17 de maio, publicação no Diário Oficial do Estado, da Reforma do Estatuto e do Regimento aprovadas pela Assembléia Geral.

- Em 3 de junho sessão realizada no Palácio da Reitoria com conferência do Secretário de Educação do Estado, prof. Edilson Freire sobre o "Plano de Metas da Secretaria de Educação".

- Em 18 de junho sessão para realização da primeira etapa do processo de eleição do sucessor do confrade Thales de Azevêdo na cadeira número 27, tendo sido indicado para compor a lista o nome do Prof. Antônio Jesuíno dos Santos Neto.

- Em 9 de julho, sessão em homenagem aos cem anos da escola Politécnica da Bahia, tendo sido orador o Acad. Hildérico Pinheiro de Oliveira.

- Em 6 de agosto sessão para a realização da segunda etapa do processo de eleição do sucessor do Acad. Thales de Azevêdo na cadeira número 27, tendo sido eleito por unanimidade o Prof. Antônio Jesuíno dos Santos Neto.

- Em 9 de setembro, sessão para comemoração do décimo quinto aniversário da Academia, com apreciação de proposta encaminhada pelo Ministro da Educação ao Conselho Nacional de Educação regulamentando a base nacional comum do currículo do ensino médio e a parte diversificada do currículo. Participaram os confrades Edivaldo Boaventura e Rômulo Galvão, além do Prof. Alceu Lisboa Filho.

- Em 8 de março, o Presidente compareceu, a convite do magnífico Reitor Felipe Serpa, à aula inaugural da Universidade Federal da Bahia.

- Em 20 de abril, visita de cortesia à Sra. Secretária Municipal de Educação, Prof. Dirlene Mendonça, na qual foi proposta e aceita a celebração de convênio de Cooperação técnica e Cultural entre as duas instituições.

- Em 3 de maio, visita de cortesia ao Sr. Secretário de Educação do Estado, Prof. Edilson Freire, na qual foi proposta e aceita a celebração de convênio de cooperação técnico cultural entre as duas instituições.

- Em 20 de maio, visita de cortesia ao Reitor da Universidade Federal da Bahia, Prof. Felipe Serpa, na qual foi feita e aceita proposta de celebração de convênio entre as duas instituições.

- Em 12 de agosto, a convite do deputado Edmon Lucas, o Presidente da Comissão de Educação da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, compareceu o presidente a sessão realizada na Assembléia legislativa, em homenagem ao educador Anísio Teixeira.

- Publicação do número 5 da Revista da Academia Baiana de Educação.

- Publicação do novo Estatuto e do novo Regimento da Academia, após as reformas aprovadas pela Assembléia Geral.

1998:

- 11 de março foram realizadas duas sessões ,nas quais foram indicadas para as listas, isoladamente ,na primeira etapa do processo de eleição, as Professoras Maria Anália de Costa Moura e Joselice Macedo, para as cadeiras de número 8 e 24, respectivamente.

- 8 de abril foram realizadas duas sessões, nas quais foram eleitas, na segunda etapa do processo de eleição, as Professoras Maria Anália de Costa Moura e Joselice Macedo, para as cadeiras de número 8 e 24, respectivamente.

- 6 de maio, Conferência sobre "Globalização e Educação" sendo expositores: o prof. Paulo Perrissé e o prof. Edivaldo Boaventura.

- 3 de junho, sessão para realização de conferência sobre "Educação Emocional" pelo prof. Jair de Oliveira Santos. Outra sessão foi realizada na mesma data, para na primeira etapa da eleição do sucessor do confrade Jorge Calmon, que passou a o quadro dos membros eméritos. Foi indicado para a lista apenas o nome do educador Jhosé Corgosinho de carvalho Júnior.

- 15 de julho sessão para realização da segunda etapa da eleição do sucessor do confrade Jorge Calmon ,tendo sido eleito o educador José Corgosinho de Carvalho Filho.

- 22 de julho posse do confrade José Simões e Silva Júnior na cadeira nº 1

- 5 de agosto, sessão para a eleição da nova diretoria para o biênio de 1998-2000, tendo sido eleito a única chapa concorrente, que tem como presidente o confrade Hildérico Pinheiro de Oliveira

- 9 de setembro, sessão para posse da nova diretoria, presidida pelo confrade Hildérico Pinheiro de Oliveira, e para o lançamento do número 6 da Revista da Academia Baiana de Educação.

Agradecemos a todos que colaboraram com os trabalhos da Academia, seja comparecendo as sessões, seja através de sugestões, seja sob a forma de apoio para a realização das atividades. Permitimo-nos fazer agradecimento especial às confradeiras Maria Augusta Abdon e Leda Jesuíno pelas contribuições inestimáveis dadas, e ao confrade Edivaldo Boaventura pelo apoio que sempre deu divulgando notícias da academia no jornal "A Tarde", tão bem dirigido por ele.

Ao findar-se nossa gestão estamos convictos de ter dado o melhor de nós mesmos durante o período em que estivemos à frente dos destinos da Academia Baiana de Educação, e esperamos ter correspondido à confiança que foi em nós depositada pelos nossos confrades.

ESTATUTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

(ADAPTADO À REFORMA PUBLICADA NO DIÁRIO OFICIAL DE 16/05/1997)

Capítulo I

Natureza, Sede, Foro e Duração

Art. 1º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 09 de setembro de 1982, associação cultural sem fins lucrativos, com sede e foro na Cidade de Salvador. Capital do Estado da Bahia e prazo de duração indeterminado, reger-se-á pelas disposições deste Estatuto, normas regimentais que adotar e demais dispositivos legais aplicáveis.

Parágrafo Único - A Instituição, que funcionou regularmente desde a supracitada data, passa a ter personalidade jurídica a partir do registro deste Estatuto.

Capítulo II

Finalidade e Competência

Art. 2º - A Academia tem por finalidade estudo e pesquisa, definição e interpretação dos fatos, fenômenos e problemas da educação e ensino na sua acepção geral, competindo-lhe, como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional:

- I - manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras, demais instituições e órgãos culturais, oficiais e particulares, relacionados com a educação e o ensino;
- II - cultuar os fatos da educação e da memória, vida e obra de seus patronos, de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;
- III - promover cursos próprios ou em convênio, de pós-graduação, aperfeiçoamento, atualização e especialização, sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;

IV - promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;

V - instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;

VI - adotar iniciativas e realizações outras que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social, inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

Capítulo III

Constituição do quadro e provimento das cadeiras

Art. 3º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares, tendo cada uma delas um patrono, que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia.

§ 1º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com a prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam há mais de 10 (dez) anos à Academia, e que tenham colaborado ativamente para o desenvolvimento e o renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.

§ 2º - A Academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.

§ 3º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma disposta no seu Regimento Interno.

§ 4º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no § 1º, são considerados membros eméritos "in memoriam" os sócios fundadores Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.

Art. 4º - São membros fundadores os que, em número de nove (9), criaram a Academia Baiana de Educação, constando da relação que se segue: Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Edivaldo Machado Boaventura, Antônio Pithon Pinto, José Newton Alves de Souza, Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Remy Pompílio de Souza, Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta.

§ 1º - São membros da Academia os membros titulares e eméritos admitidos.

§ 2º - Será considerado renunciatário o membro da Academia que, sem motivo justificado, a juízo da Assembléia Geral, faltar a 2/3 (dois terços) das sessões durante 1 (um) ano ou deixar de pagar a anuidade por igual período, competindo à Diretoria dar eficácia ao disposto neste parágrafo.

Capítulo IV

Administração da Academia

Art. 5º - São órgãos da Academia:
a) a Diretoria;
b) a Assembléia Geral.

Art. 6º - A Diretoria é constituída dos seguintes membros:
1. Presidente
2. Vice - Presidente
3. Primeiro Secretário
4. Segundo Secretário
5. Tesoureiro
6. Diretor da Revista e da Biblioteca
7. Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo

Art. 7º - A Diretoria será eleita por um período de dois (2) anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente e exercerá o seu mandato gratuitamente.

§ 1º - As vagas ocorridas em cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição e as ocorridas no segundo serão preenchidas pela Diretoria.

§ 2º - A eleição da Diretoria será feita no penúltimo mês do seu mandato.

§ 3º - As atribuições e obrigações da Diretoria serão definidas no Regimento.

§ 4º - A diretoria apresentará relatório circunstanciado no início de cada ano.

Art. 8º - As sessões da Academia serão instaladas com o mínimo de 5 (cinco) membros presentes, entre titulares e eméritos, só podendo deliberar com o mínimo de 9 (nove) membros das referidas categorias.

Art. 9º - A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, só podendo deliberar com a presença, em primeira convocação, da maioria absoluta e, em segunda convocação, da maioria dos presentes, respeitado o disposto no artigo anterior.

Art. 10º - A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição dos seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará as suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Parágrafo Único - A aplicação de suas rendas será para fins desta instituição no território nacional.

Capítulo V

Disposições Gerais e Transitórias

Art. 11º - A Diretoria é responsável pelas obrigações e resoluções tomadas por maioria, cabendo ao seu presidente representá-la, na forma do Regimento.

Art. 12º - Em caso de dissolução da Academia, os seus bens e valores serão entregues ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.

Art. 13º - A Academia reunir-se-á em sessões ordinárias e extraordinárias, da Diretoria e da Assembléia, ou em sessões públicas, comemorativas e de posse, bem assim reservadas.

Parágrafo Único - Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro serão considerados de recesso, podendo haver convocação especial.

Art. 14º - O presente estatuto deverá ser regulamentado por um regimento, no prazo máximo de 6 (seis) meses, aprovado pela Assembléia Geral, e somente poderá ser modificado pela maioria absoluta dos membros eméritos e titulares, por proposta da Diretoria ou da referida Assembléia.

Art. 15º - O extrato do presente Estatuto será publicado no Diário Oficial do Estado, para fins de registro em Cartório e demais providências pertinentes.

Art. 16º - Até o final do seu mandato, a Diretoria eleita para o biênio 1996/1998 permanecerá constituída pelos cargos para os quais foram eleitos os atuais ocupantes.

REGIMENTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

TÍTULO PRIMEIRO

DA ADMINISTRAÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da Admissão de Acadêmicos

Art. 1º - A admissão de membro titular da Academia está sujeita às seguintes condições:

a) ser brasileiro, nato ou naturalizado, educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa, ter domicílio no Estado da Bahia e possuir idoneidade moral e científico-cultural;

b) ser escolhido na forma de processo específico, composto das seguintes etapas:

1 - Decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adremente convocada, com a presença mínima de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência para preenchimento da vaga;

2 - Os membros titulares que se encontrarem impossibilitados de comparecer à sessão referida no item anterior poderão encaminhar as

suas indicações ao Presidente da Academia, em envelopes fechados;

3 - Apuradas imediatamente as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido pelo menos 3 (três) preferências, para fins de votação.

4 - Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão com a presença mínima de titulares e eméritos exigida pelo estatuto, proceder-se-á, através de voto secreto, à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido aquele que obtiver a maioria absoluta dos votos dos acadêmicos presentes.

5 - Somente será feita a proclamação do nome eleito após sua aceitação, por escrito, ao receber comunicação feita pelo Presidente.

6 - Continuará vaga a cadeira, caso nenhum nome tenha alcançado, após os 3 (três) escrutínios, a maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa pelo escolhido.

Art. 2º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante a indicação de, pelo menos, dez (10) membros titulares e eméritos, atendido o disposto no parágrafo primeiro do art. 3º do Estatuto.

Parágrafo Único - O membro emérito manterá os mesmos direitos e prerrogativas do titular, estando dispensado, a seu critério, das anuidades e frequência às sessões.

Art. 3º - Só poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora de Salvador, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos dez (10) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 4º - Só poderão ser membros honorários educadores de notável saber em pedagogia e educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos (20) vinte titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 5º - A particulares e instituições que fizerem donativos à Academia ou tenham prestado serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Capítulo II

Das Atribuições da Diretoria

Art. 6º - Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e as resoluções da Diretoria;
- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;
- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia em juízo e em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro acadêmico que para esse fim designar;
- e) apresentar relatório anual das atividades da Academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e, *ad referendum* da Assembléia Geral, resolver os casos urgentes não previstos no Estatuto;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de acadêmicos;
- i) designar a secção a que irá pertencer o novo acadêmico, observada a sua formação, especialidade, vivência e experiência pedagógica;

j) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e o expediente dirigido às autoridades e instituições;

k) movimentar conjuntamente com o tesoureiro os fundos e as contas bancárias.

Parágrafo Único - Nas votações o Presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as de eleição dos cargos da Diretoria e de novos titulares.

Art. 7º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Parágrafo Único - No exercício da Presidência, exercerá o Vice-Presidente as prerrogativas e atribuições do Presidente.

Art. 8º - Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) promover a distribuição das publicações da Academia;
- c) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativas, supervisionando o pessoal;
- d) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, subscrevendo-os, juntamente com o Presidente;
- e) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- f) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;
- g) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando para publicação na Revista a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- h) fornecer ao Presidente os elementos para o relatório anual.

Art. 9º - Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler em sessão o expediente;
- b) ter sob sua responsabilidade os livros de atas e presenças;
- c) substituir o Primeiro Secretário em suas faltas e impedimentos e auxiliá-lo em suas funções;
- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 10º - Ao Tesoureiro compete:

- a) zelar pela caixa e pelo patrimônio da Academia;

- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo sob sua guarda valores em moeda ou títulos e realizar despesas para o que for autorizado pelo Presidente;
- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita e à despesa da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 11º - Ao Diretor da Revista e da Biblioteca compete:

- a) coletar e organizar o material para a publicação da Revista e do Boletim da Academia, responsabilizando-se pela respectiva obediência aos critérios e normas pertinentes;
- b) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação baiana;
- c) controlar as atividades da Biblioteca, inclusive o fichário;
- d) viabilizar a consulta do acervo da biblioteca aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- e) contactar livrarias, editoras e outras instituições, visando a angariar publicações e doações para constituir o acervo da biblioteca.

Art. 12º - Ao Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo compete:

- a) Organizar o acervo museológico da Academia, coletando material pedagógico, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;
- b) Organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

Capítulo III

Dos Direitos e Deveres

Art. 13º - São direitos dos membros titulares e eméritos:

- a) votar e ser votado, de acordo com o Estatuto e o Regimento;
- b) freqüentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates em plenário e encaminhar para publicação na Revista trabalhos de interesse pedagógico, obedecidas suas normas e critérios.

Art. 14º - São deveres dos membros titulares e eméritos:

- a) respeitar e fazer respeitar o Estatuto e o Regimento, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da Academia;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designado pela Presidência;
- c) freqüentar com assiduidade as sessões da Academia, observado o disposto no parágrafo único do art. 2º deste Regimento;
- d) contribuir financeiramente para custeio das atividades da Academia.

Art. 15º - É direito do membro correspondente e honorário freqüentar e corresponder-se com a Academia.

Art. 16º - É dever dos membros, correspondentes e honorários contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 17º - Os membros, correspondentes e honorários, não terão direito a voto, nem podem ser votados.

TÍTULO SEGUNDO

Das Sessões da Academia

Art. 18º - A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

§ 1º - As sessões ordinárias serão realizadas 1 (uma) vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados, observado o estabelecido nos Arts. 8º e 9º do Estatuto:

- a) não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido;
- b) havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que constará de leitura, votação e aprovação da ata da sessão anterior, de expediente e ordem do dia;
- c) os apartes serão concedidos desde que o orador permita;
- d) os que falarem no expediente poderão usar da palavra uma vez e durante 5 (cinco) minutos, no máximo;
- e) as moções serão apresentadas ao plenário assinadas pelo menos por 10 (dez) acadêmicos.

§ 2º - As sessões extraordinárias, que se realizam por motivo de ordem superior ou para a eleição da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente, observado o disposto nos Artigos 8º e 9º do Estatuto.

- § 3º - As sessões públicas serão realizadas:
- a) no dia 9 de setembro de cada ano, para celebrar a data de criação da Academia;
 - b) na posse de novos acadêmicos;
 - c) no elogio dos acadêmicos falecidos;
 - d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

§ 4º - Nas sessões solenes, deverá ser usado traje adequado à natureza do evento.

§ 5º - Quando a natureza do assunto o exigir, a Academia reunir-se-á em sessões reservadas tomando parte apenas os membros titulares.

TÍTULO TERCEIRO

DA CONSTITUIÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da votação, Eleição e Posse

Art. 19º - As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 20º - Para a eleição de novo membro titular, observado o disposto no Art. 1º deste regimento, a votação será por escrutínio secreto, cumprindo-se as seguintes determinações:

- a) o direito de voto será privativo dos membros titulares e eméritos;
- b) será permitido o voto por procuração;
- c) a posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, a juízo da Diretoria, cabendo-lhe escolher entre seus pares aquele que fará o discurso de recepção;

a) ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e dos seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: "Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar quanto em mim couber por seu engrandecimento e bom nome";

b) esgotado o prazo concedido na alínea "c" deste artigo, sem que o eleito tome posse, será declarada vaga a cadeira, com realização de nova eleição, na forma regimental, aplicando-se tal determinação a todos os casos em que o eleito não tenha tomado posse até a presente data, salvo motivo justificado, a critério da Diretoria.

Art. 21º - A eleição dos membros da Diretoria far-se-á por escrutínio secreto:

- a) só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos;
- b) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês do seu mandato;
- c) a posse da Diretoria será na sessão solene de 09 de setembro, no ano em que a mesma for eleita;
- d) as vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (um) ano para o término do mesmo biênio, devendo neste caso o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até às próximas eleições;
- e) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas 30 (trinta) dias antes do dia previsto para sua posse, em sessão extraordinária;
- f) nenhum membro titular poderá exercer cumulativamente dois cargos na Diretoria;
- g) a votação deverá estender-se por 1 (uma) hora, e em seguida será processada a apuração, para o que o Presidente designará, entre os acadêmicos, escrutinadores para a contagem dos votos, que deverão coincidir com o número de votantes, consignados em lista para este fim;
- h) o estatuído na linha acima só será aplicado à eleição dos membros titulares e eméritos e da Diretoria.

Capítulo II

Dos Patronos

Art. 22º - São considerados patronos da Academia, de acordo com o Art. 3º do Estatuto, 40 (quarenta) nomes de grandes vultos já desaparecidos da educação baiana, ou a ela intimamente relacionados, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber pedagógico.

Parágrafo Único - As cadeiras serão numeradas cronologicamente de 1 a 40, conforme relação em anexo.

Capítulo III

Do Patrimônio

Art. 23º - O patrimônio da Academia será constituído de bens imóveis, devidamente avaliados, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos e demais atividades, bem assim de outras receitas.

Capítulo IV

Dos Prêmios

Art. 24º - A Academia, de acordo com o Art. 2º, inciso V, do Estatuto, concederá prêmios aos autores de trabalhos de real mérito sobre Pedagogia, Psicologia de Aprendizagem, Filosofia da Educação e outras ciências correlatas.

§ 1º - Os prêmios a que se refere o artigo acima constarão do louvor acadêmico e de auxílio para publicação dos trabalhos premiados, ou de valores, especificamente, para esse fim destinados por doações.

§ 2º - Poderão concorrer aos prêmios da Academia educadores, professores e especialistas estudiosos e instituições de educação.

§ 3º - O julgamento dos trabalhos a prêmio competirá uma Comissão, designada pelo Presidente da Academia, nos termos do Art. 2º, inciso V do Estatuto.

§ 4º - A Diretoria regulamentará a inscrição e a concessão desses prêmios.

TÍTULO QUARTO

Disposições Gerais

Art. 25º - A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente.

Parágrafo Único - A Academia terá um quadro de funcionários, cujo número e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 26º - A Academia poderá convidar pessoas estranhas ao seu quadro a fim de realizar conferên-

cias, sempre que tal convite envolver verdadeiro interesse científico e cultural, devendo tal proposta ser aprovada pela Diretoria.

Art. 27º - A Academia entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.

Art. 28º - A Academia adota como lema LUCEAT LUX VESTRA (Luza vossa luz), inserido nas suas insígnias.

Art. 29º - O Estatuto e este Regimento somente poderão ser reformados mediante proposta assinada pela maioria absoluta dos membros titulares e eméritos ou da Diretoria.

Parágrafo Único - Proposta a reforma, o Presidente designará uma comissão composta de 4 (quatro) membros, escolhidos entre os titulares e eméritos, para, sob sua presidência, emitir "parecer", que deverá ser submetido à apreciação da Assembléia Geral.

Art. 30º - A Academia manterá intercâmbio com instituições co-irmãs, no campo das letras, das artes e das ciências, internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, para o que serão organizados os devidos assentamentos.

Art. 31º - A partir da publicação e registro do Estatuto serão adotadas providências para:

- I - reconhecimento de utilidade pública nas esferas dos poderes federal, estadual e municipal;
- II - criação de subsidiárias em até 3 (três) municípios de grande porte no interior do Estado e,
- III - aquisição de sede própria.

Art. 32º - Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Diretoria, *ad referendum* da Assembléia Geral.

Art. 33º - Este Regimento entra em vigor na data da sua aprovação.

PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO
E ACADÊMICOS TITULARES

Nº	PATRONO	VIDA	ACADÊMICO TITULAR
1	Abílio Cesar Borges	1824-1891	Ruy Simões (1º) José Simões e Silva Júnior (2º)
2	Alfredo Brito	1876	Jair de Oliveira Santos
3	Alfredo Ferreira Magalhães	1873-1943	Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira
4	Alípio Correia Franca	1871-1957	José Francisco de Sá Teles
5	Alvaro Augusto da Silva	1890-1977	Edivaldo Machado Boaventura
6	Amélia do Sacramento Rodrigues	1861-1926	Germano Dias Machado
7	Anfrisia Santiago	1894-1970	Remy Pompílio Fernandes de Souza
8	Anísio Spínola Teixeira	1900-1971	Hermano José de Almeida Gouveia
9	Antonio Borges dos Reis	1859-1952	Guiomar de Andrade Florence
			Alírio de Souza
10	Antonio de Castro Alves	1847-1871	Consuelo Pondé de Senna
11	Antonio Pacífico Pereira	1846-1902	Angelo Lyrio Alves de Almeida
12	Arlindo Costa		Adoraldo Ribeiro Costa (1º) Bárbara Vasconcelos de Carvalho (2º)
13	Arthur de Salles	1879-1952	Raul de Souza da Costa e Sá (1º) Elsior Moreira Alves (2º)
14	Augusto Alexandre Machado	1896-1947	Enock Sena Souza
15	Cosme de Farias	1875-1972	João Eurico Matta
16	Diógenes Gomes da Costa Vinhaes		Roisle Alaor Metzker Coutinho
17	Egas Moniz Barreto de Aragão	1870-1924	Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon
18	Ernesto Carneiro de Ribeiro	1839-1920	José Newton Alves de Souza
19	Francisco da Conceição Menezes	1896-1959	Cid José Cavalcante Teixeira
20	Gelásio de Abreu Farias	1882-	Hermano Augusto Palmeira Machado
21	Helvécio Carneiro Ribeiro	1880-1969	Pedro Julio Barbuda
22	Henriqueta Martins Catarino	1886-1968	Zilma Gomes Parente de Barros
23	Hugo Balthazar da Silveira	1888-	Rômulo Galvão de Carvalho
24	Isaias Alves de Almeida	1888-1968	Antonio Python Pinto
25	João Alves Portela		Cícero Pessoa da Silva
26	João Florêncio Gomes	1846-1925	Astor de Castro Pessoa
27	José Olímpio de Azevedo		Thales Olimpio Góes de Azevedo
28	Júlio Afrânio Peixoto	1876-1947	Oldegar Franco Vieira
29	Luiz da França Pinto de Carvalho		Luiz Fernando Seixas de M. Costa (1º) Hermes Teixeira de Mello (2º)
30	Luiz Gonzaga Cabral	1853-	Luiz Augusto F. Navarro de Barros (1º) Luis Henrique dias Tavares (2º)
31	Manoel Carlos Devoto	1853-	Adelmo Soares Pessoa
32	Maria Luiza de Souza Alves	1860-	Angelina Rocha de Assis (1º) Leda Jesuino dos santos (2º)
33	Maria Romana Calmon de Bittencourt		Jorge Calmon Moniz de Bittencourt
34	Paulo Fábio Dantas	1900-	Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
35	Pedro Júlio Barbuda	1837-	cassilandro Everaldo Barbuda
36	Pedro Tenório de Albuquerque		Yeda Barradas Carneiro
37	Possidonio Dias Coelho		Francisco Pinheiro Lima Junior
38	Roberto Correia	1876-1941	Olga Pereira Mettig
39	Rui Barbosa de Oliveira	1849-1923	Raimundo José da Matta
40	Sátiro de Oliveira Dias	1844-1913	Antonino de Oliveira Dias

ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS TITULARES

Adelmo Pessoa

Rua Barão de Loreto, 38 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-270
Fone: 247-2744

Alírio de Souza

Rua Edite Gama e Abreu, 545 aptº 202 - Itaigara
Salvador - Bahia
Cep: 41.840
Fones: res. 358-5758 - Esc. 242-7033

Astor de Castro Pessoa

Rua Caetano Moura, 39 - Federação
Salvador - Bahia
Cep: 40.210-350
Fone: 247-3832

Bárbara Carvalho

R. Praia de Orange Q/C 17 . L/22
Vilas do Atlântico, Lauro de Freitas-Bahia
Cep: 42.210
Fone: 891-3887

Cícero Pessoa da Silva

Corredor da Lapinha, 52 - lapinha
Salvador - Bahia
Cep: 40.325-100
Fones: 242-0994

Cid Teixeira

Rua das Violetas, 85 Pq. Nossa Senhora da Luz - Pituba
Salvador - Bahia
Cep: 41.810-080

Consuelo Pondé de Sena

Av. Princesa Leopoldina, 288
Ed. Mansão Princesa Leopoldina aptº 301 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-080
Fone: 336-6205

Edivaldo M. Boaventura

Rua Henrique M. Catharino, 159 - Federação
Salvador - Bahia
Cep: 40.223-660
Fones: 247-1698 / 245-0801

Elsior Moreira Alves

Av. Euclides da Cunha, 116 1º andar
Ed. Mansão da Graça - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-121
Fone: 245-7806

Enock Sena Sousa

Rua Edite M. da Gama e Abreu, 53 aptº 1002
Ed. Primo - Itagira
Salvador - Bahia
Cep: 41.840-320
Fones: 358-5615 / 4750 / 5673

Francisco Pinheiro Lima Júnior

Rua Comendador Horácio Urpia, 04 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-250
Fone: 247-0956

Germano Machado

Rua Manoel Barreto, 688, Ed. Cidade Laranjeira aptº 102
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-360

Germano Tabacof

Av. Oceânica, 2400
Ondina Apart Hotel aptº 1070
Salvador - Bahia
Cep: 40.170-010
Fone: 203-8351

Hermano Machado

Rua General Labatut, 285 aptº 1001 - Barris
Salvador - Bahia
Cep: 40.070-100
Fone: 243-2167

Hermes Teixeira de Melo

Rua Plínio Moscoso, 955, Ed. Daniel aptº 301 - Apipema
Salvador - Bahia
Cep: 40.155-020
Fone: 247-4338

Hildérico Pinheiro de Oliveira

Bela Vista do Cabral, 227 - Nazaré
Salvador - Bahia
Cep: 40.055-000
Fones: 243-4864

Jair de Oliveira Santos

Rua Rio de Janeiro, 679, Pituba, Salvador - Bahia
CEP 41830-001
Fone: 345-4382

João Eurico Matta

Rua Prof. Edgar Mata, 04 - Ondina
Salvador - Bahia
Cep: 40.170-140
Fone: 247-0869

Jorge Calmon

Av. 7 de Setembro, 2172 - Corredor da Vitória
Salvador - Bahia
Cep: 40.080-001
Fone: 371-0071

José Carlos Almeida da Silva

Rua Juiz Rosalvo Torres, 155 Apt. 804
Chame-Chame - Salvador - Bahia
Cep: 40.155-570
Fone: 235-5879 / 321-7057

José Francisco de Sá Teles

Rua Renato de Menezes Berenguer, 177 - Pituba
Ed. Portal das Caravelas aptº 1302 - lot. Vela Branca
Salvador - Bahia
Cep: 41.830-310
Fone: 353-2449

José Newton Alves de Souza

Alameda Capimirim, 02 aptº 22 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-070
Fone: 336-5832

José Simões e Silva Júnior

Ed. Oceânica, Ap. 66/
Fone: 247-7520
CEP. 40.740-230

Leda Jesuino dos Santos

Rua Visconde de Itaborai, 109 - Amaralina
Salvador - Bahia
Cep: 41.900-000
Fone: 248-0115

Luis Henrique Dias Tavares

Av. Princesa Leopoldina, 21 aptº 1003 - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-080

Maria Augusta da Cruz Abdon

Av. 7 de Setembro, 1736
Ed. Vitória Régia Aptº 504
Vitória - Salvador - Bahia
Fone: 337-0032

Olga Pereira Mettig

Av. Princesa Leopoldina, 124 aptº 801 Ed. Vila da Graça - Graça
Salvador - Bahia
Cep: 40.150-080
Fone: 245-8640

Oldegar F. Vieira

Alameda da Acacias 202 - ap. 215 - Pituba

Salvador - Bahia

Cep: 41.480-000

Fone: 353-7260

Pedro Barbuda

Rua Manoel Carlos Devoto, 362 - Barris

Salvador - Bahia

Cep: 40.070-110

Fone:

Raymundo de Almeida Gouveia

Rua da Boa Viagem, 48 - Mont Serrat

Salvador - Bahia

Cep: 40.425-610

Fones: 226-9237

Remy de Souza

Cond. Colina da Fonte, Rua B (Alberto Vita) Qd. B Lote - 2 - Itapuã

Salvador - Bahia

Cep: 41.630-740

Fones: 249-7969

Rômulo Galvão

Rua Des. Oscar Dantas, 96 aptº 701 Ed. Toulouse Lautrec - Graça

Salvador - Bahia

Cep: 40.150-260

Zilma Parente de Barros

Rua flórida, 211 aptº 203, Ed. El Prado - Graça

Salvador - Bahia

Cep: 40.080-440

Fone: 336-7583

Yeda Barradas Carneiro

Alameda dos Sombrieros, 90 - Caminho das Árvores

Salvador - Bahia

Cep: 41.820-420

Fone: 247-6635

COLABORAÇÕES

A Revista da Academia Baiana de Educação aceita colaborações, sob a forma de artigos, que versem sobre temas ligados à Educação. Devem ser inéditos, limitados a quinze páginas com espaços duplo, em tamanho ofício, em duas vias. Devem obedecer à seguinte seqüência: título, nome(s) do(s) autor(es), texto, agradecimentos e referências bibliográficas. Tabelas e ilustrações, no máximo quatro, devem ser enviadas em anexo, com legendas que permitam a compreensão, independentemente do texto.

O título do artigo e o nome, o endereço e a instituição de origem do(s) autor(es), com indicação do(s) respectivo(s) cargo(s) devem figurar em folha de rosto.

O título, que deve ser curto, pode ser completado com subtítulo, em termos que possibilite a indexação.

As referências bibliográficas, de responsabilidade do(s) autor(es), devem conter apenas as citações do texto. Devem ser listadas em ordem alfabética pelo último sobrenome do(s) autor(es) e atender às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Tomar por exemplo referências contidas neste número. As citações devem ser indicadas por um número elevado, na entrelinha, correspondendo à respectiva referência bibliográfica.

Todas as colaborações serão apreciadas por membros do Conselho Editorial. Recomendações deste Conselho serão enviada(s) ao(s) autor(es). Correções ortográficas ou sintáticas, porventura necessárias, serão automaticamente efetuadas, independentemente de comunicação aos colaboradores.

As publicações obedecerão à ordem de aprovação do Conselho Editorial.